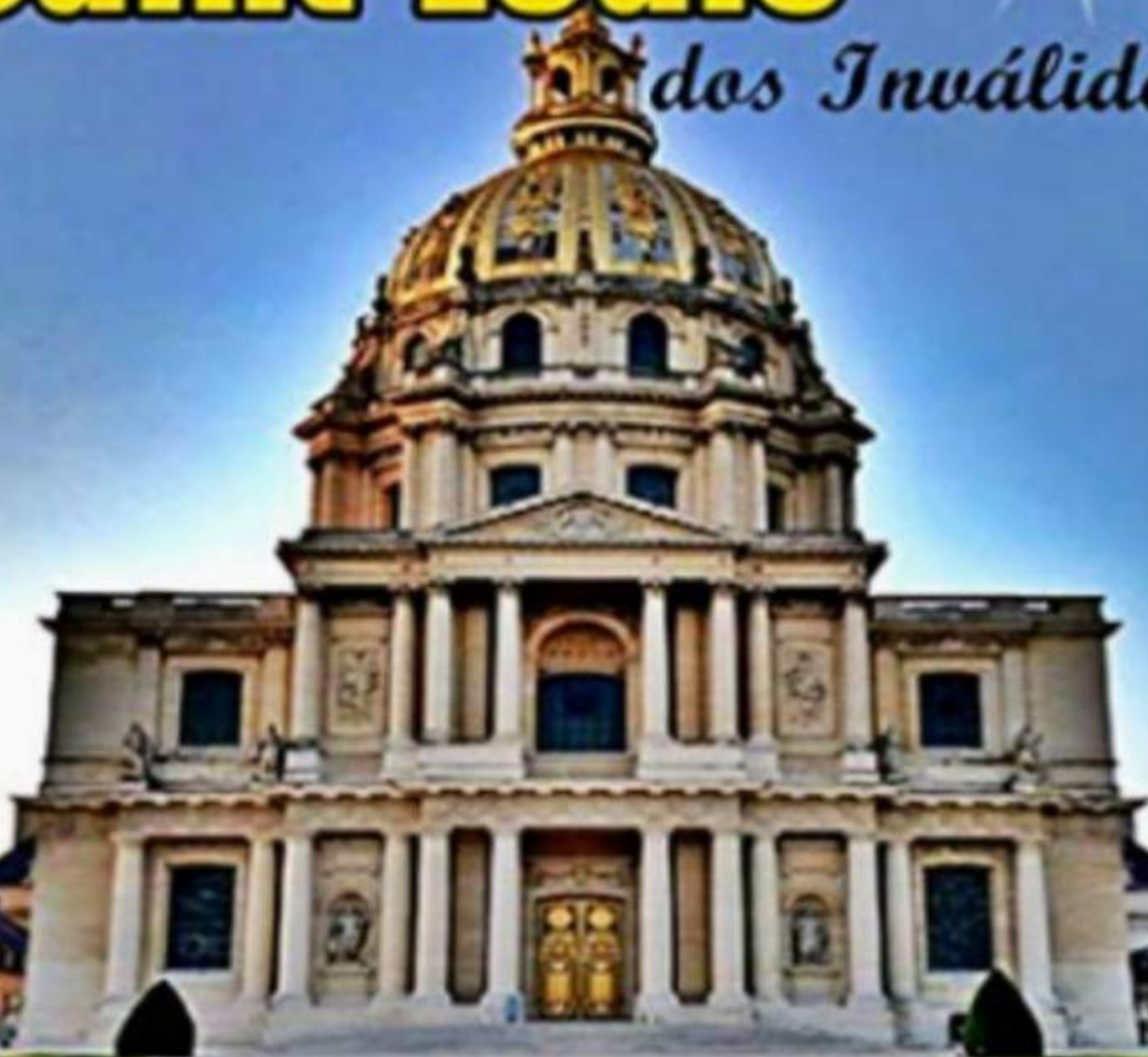


Saint-Louis

dos Inválidos



Confraria dos Livros Bons



Viviane Regina Catapano
Ditado pelo espírito de Lord Henry Ottsburg

Saint-Louis

dos Inválidos

Ditado pelo espírito de Lord Henry Ottsburg

Nesta versão eletrônica, a numeração de algumas das páginas não segue rigorosamente a da versão impressa, pois as páginas em branco e as meramente ilustrativas foram removidas.

Saint-Louis

dos Inválidos

Editorial / Revisão / Diagramação:

Viviane Regina Catapano

Capa:

site pixabay

2019 - 1º Edição

Direitos autorais reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização do Autor.

(Lei 9.610/08)

Traduções somente com autorização por escrito do Autor.

Não sejam os donos da verdade, não se achem superiores, tampouco, procurem o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores no rompante da emoção.

Lembrem-se Dele nos momentos de plena felicidade e de gratidão.

Ouçamos de coração aberto as recomendações dos nossos irmãos espirituais no anseio de que haja mais acertos do que erros em nossa trajetória terrena.

Esses irmãos são os enviados do Senhor em resposta às súplicas que os afligem.

Um dia se arrependerão da insipiência que os guia.

Conscientizem-se de que sejam espíritos aprendizes em busca da evolução e que careçam da assistência dadivada.

Sumário

Prefácio	13
Capítulo 1	15
Capítulo 2	21
Capítulo 3	27
Capítulo 4	33
Capítulo 5	39
Capítulo 6	45
Capítulo 7	51

Capítulo 8	55
Capítulo 9	61
Capítulo 10	67
Capítulo 11	75
Capítulo 12	81
Capítulo 13	87
Capítulo 14	93
Capítulo 15	99
Capítulo 16	105
Capítulo 17	111
Capítulo 18	117
Capítulo 19	123
Capítulo 20	129
Capítulo 21	135
Capítulo 22	141
Capítulo 23	145
Capítulo 24	151
Capítulo 25	157
Capítulo 26	161
Capítulo 27	167

Capítulo 28	173
Capítulo 29	179
Capítulo 30	183
Capítulo 31	189
Capítulo 32	195
Capítulo 33	199
Capítulo 34	203
Capítulo 35	207
Capítulo 36	211
Capítulo 37	215
Capítulo 38	219

Saint-Louis
dos Inválidos

Prefácio

O Palácio de Saint-Louis foi edificado no século XVII, sob a supervisão do rei Luís XIV com o desígnio de abrigar os inúmeros soldados que serviram lealmente à França durante o período conturbado da guerra, mas que infelizmente, foram dispensados por invalidez física, servindo também, como uma forma de asilo na velhice daqueles que não possuíam família.

Em virtude da sua grandiosidade, foi denominado como um complexo de hotel, incluindo uma necrópole militar e diversos museus.

A Catedral Saint-Louis dos Inválidos agregará o contexto religioso do qual deslindaremos a história verídica de Madeleine

Saint-Louis

dos Inválidos

Blanchard, uma jovem que passará por diversas provações.

Na sua infância, um irmão espiritual surgirá a fim de guiá-la ao seu verdadeiro propósito, entretanto, a rotina da família Blanchard sofrerá uma reviravolta que acarretará infortúnios a todos os envolvidos.

Lord Henry Ottsburg

14

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 1

Em meio à guerra, a pequena Madeleine Blanchard compreendia que a perda dos muitos soldados, assim como a perda de uma inocente população fossem os desígnios de Deus.

Mady, como era amavelmente chamada, possuía doze anos de idade, de pele alva, cabelos castanhos escuros e olhos amendoados, em sua inocência era diferente de todas as crianças.

Alguns passos adiante, avistou um grupo, aproximando-se no almejo de brincar.

- A estranha Mady chegou! - zombou um menino.

- Vá embora Mady, não a queremos aqui! - retrucou outra criança.

Mady correu em direção da sua casa, ao casualmente esbarrar na

Saint-Louis

dos Inválidos

senhora Florência.

- Querida Mady, por que chora? O que os seus amiguinhos
aprontaram dessa vez?

- Vovó, ninguém gosta de mim! - revelou de olhar baixo.

- E quem seria insano o bastante para não gostar de uma menina
tão linda, tão doce e tão inteligente? Diga-me agora, que eu me
entenderei com todos eles? - num tom extrovertido, a senhora
Florência depositou ambas as mãos na cintura fazendo-a rir.

- Vovó, a senhora me acha esquisita? - inquiriu a menina
persistindo no assunto.

- Depende do ponto de vista! - de olhar malicioso, brincou
novamente com a neta - O seu pai me acha esquisita ao feito de
comer biscoitos durante o jantar.

- Ah, vovó! - a pequena Mady agarrou-a pela cintura num abraço
fraternal, conquanto, a tristeza estampava-se nos seus olhos.

De fato, a senhora Florência havia notado a mudança gradual do
comportamento da neta, cogitando que o agravante se desse em
decorrência da guerra que não apresentava indícios do seu término,

na impetuosa ação de instigá-la a confessar a razão de tamanha tristeza, ouviu o chamado do genro, que pelo timbre da voz, não seria do agrado da menina.

- Madeleine, venha imediatamente para a casa, temos muito a conversar.

A tristeza de Mady cedeu lugar ao pavor, embora Roger Blanchard fosse um pai dedicado e extremamente amoroso, naquele instante algo o incomodava.

- Não deixe o seu pai esperar! - recomendou a sua avó.

De mãos dadas, a senhora Florência acompanhou a neta que

Saint-Louis

dos Inválidos

exibia o seu estremecimento, adentrando à casa, avistou o genro e a filha de braços cruzados e semblante carrancudo.

- Se a senhora tenciona participar da nossa conversa, peço-lhe encarecidamente que não opine, Mady precisa se explicar e mudar urgentemente a sua conduta - requisitou o genro.

Contraditoriamente a sua vontade, a senhora Florência acatou a sua decisão.

E sem delongas, Roger expôs o sucedido.

- Mady, minha filha, o que está fazendo? As crianças temem a sua aproximação e os seus pais comentam barbaridades que colocarão em risco a integridade moral e religiosa da nossa família. Deseja que todos nos sejamos decapitados por adoração ao diabo?

A menina derramou-se em lágrimas, na sapiência de que nada do que dissesse a livraria da punição determinada pelo pai, visto que ao seu lado houvesse uma corda que executaria a função de um chicote.

- Mady, explique-se ao seu pai para que não seja merecedora do castigo - solicitou à mãe em desespero, salientando que nos padrões da época a mulher fosse submissa ao homem.

- Papai, eu não fiz nada! - a menina omitiu a verdade.

- Minha filha, você conversa com o invisível, não percebe o absurdo? - questionou o pai.

- É sem dúvidas, um amiguinho imaginário! - não suportando o terror imposto à neta, a senhora Florência quebrou a promessa de não opinar - Sem amigos reais para brincar, Mady inventou um para si, não merece ser punida devido à sua solidão.

Roger fitou a esposa convencido de tal possibilidade, todavia, o corretivo seria imposto à Madeleine como forma de modificar a sua conduta perante a vizinhança.

Saint-Louis

dos Inválidos

Compreendendo a atitude do marido, Eloíse buscou consolo nos braços da mãe.

Conduzindo-a ao porão, Roger fechou a porta, aplicando-lhe o corretivo, em lágrimas que não foram derramadas, mas que foram penosamente sentidas em seu coração.

Vendo-o se retirar sozinho do porão, a esposa interpelou.

- Deixará Mady no escuro, agonizando em dor?

- Eloíse, creia, a punição doeu mais em mim do que na nossa própria filha. Mady precisa refletir nas suas ações, se ela insistir numa comunicação imaginária, seremos caçados pelas autoridades eclesiástica, ainda que sejamos fervorosamente devotos ao Nosso Senhor.

Eloíse não contestou o marido, devesas, o comportamento da filha acarretaria dissabores para a família, mormente, para si mesma.

O dia transcorreu em emudecimento, como se todos partilhassem do sofrimento de Mady, por vezes, Roger colocava o seu ouvido na porta com o propósito de escutar qualquer ruído, porém, sem êxito, deduzindo que a filha tivesse adormecido por via da escuridão.

Oito horas perpassaram e no anseio de retirá-la do castigo,
assombrou-se com o escutado, havia uma segunda voz no porão.
Numa ação abrupta, apavorou as duas mulheres ao ato de apanhar
uma espada e dirigir-se ao porão, em passos largos e firmes.
- O que fará com isso? - a esposa temeu pela vida da filha.
- Ele matará Mady! - bravejou a senhora Florência.
- Deixem de bobagem, Madeleine corre perigo! - justificou-se
Roger abrindo a porta com a espada em punho.
Ao feito, encontrou somente a pequena Mady estirada ao chão, e
como o presumido, num profundo adormecimento.

Saint-Louis

dos Inválidos

Desnorteadado, soltou a espada, despertando-a por meio do seu tilintar.

Madeleine abriu os olhos, no entendimento de que o seu segredo havia sido descoberto, de fato, havia alguém no porão, um alguém que se deixou escutar, mas não visualizar.

- Não tenha medo! Deus enviou o seu Emissário, a minha trajetória está fadada a dor e ao sofrimento que sentirei por meus semelhantes, contudo, eu nunca estarei em desamparo. Em breve, renunciarei a vida em sociedade para servir na Casa do Senhor - murmurou Mady.

Num choro compulsivo, Roger clamou o perdão da filha, em arrependimento pelo castigo imposto, apesar dela ser uma criança, as suas palavras tiveram o poder de persuasão.

- O que está havendo? - Eloíse esbugalhou os olhos, igualmente a sua mãe.

- Apenas uma reconciliação entre pai e filha! - pronunciou-se Roger sem que as mesmas se convencessem do enunciado, visualizando ao chão a espada que não havia sido utilizada.

Sem instigar o acontecido, ambas as mulheres retornaram aos seus afazeres domésticos, a menina não havia apresentado um só arranhão, outorgando a crença de que a punição havia sido leve, e para nós, outorgando a crença de que uma força maior a tivesse poupado.

Enquanto isso, Roger confabulava com a filha no intuito de entender o episódio sucedido, desacreditando na probabilidade de existir vida após a morte do corpo físico, posto que na época não houvesse o conhecimento da Doutrina Espírita.

Saint-Louis
dos Inválidos

20

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 2

O entrosamento de pai e filha crescia dia após dia.

Antecedente à guerra, Roger havia sido um nobre comerciante de objetos de ouro e prata, porém, a cobrança excessiva dos impostos suscitou a sua falência.

O rei almejava ganhos imediatos para revertê-los em armamentos, uma questão que não poderia ser debatida, posto que todos dependessem da proteção do exército francês.

Sem alternativa, a família Blanchard adaptou-se na confecção de cestas de vime.

Mady os auxiliava tanto na confecção ao lado da sua mãe e da sua avó, como na venda ao lado do seu pai.

Saint-Louis

dos Inválidos

O sorriso da menina encantava a todos e os que não possuíam condições de comprá-las, ofertavam-na com pães ou qualquer outro alimento que não lhes faltasse, enternecendo-se do patriarca da família que outrora teve o seu nome reconhecido junto à corte, na venda direta aos nobres, ainda que fosse notório o seu esforço atual. O carisma de Roger mediante aos acontecimentos não havia mudado, se antes ele ajudava quem lhe pedisse um prato de comida, agora, era ele o ajudado.

No caminho de retorno para casa, Mady articulava-se na conduta de uma mulher madura.

- Mamãe e vovó desconfiam de nós! Suponho que não seja pertinente expor o que de fato ocorreu comigo, além de assustá-las, temerão por minha insanidade mental. Outro dia, vovó questionou o teor das nossas conversas e eu lhe disse que eram sobre as situações tolas que presenciávamos nas ruas do comércio, a mentira corroeu-me por dentro, então, eu fui para o meu quarto e chorei. Não entendo! Se Deus me conferiu uma importante missão, por que eu não posso apresentá-la ao Mundo? Por que eu tenho que mentir?

- Querida Mady, não se entristeça, por vezes a mentira se torna necessária para evitar o sofrimento daqueles que amamos. Se eu não tivesse escutado o espírito no porão, por certo, continuaria a te castigar - uma lágrima de arrependimento rolou por sua face, enxugando-a antes que a filha apercebesse - Deus atua de formas misteriosas, visando unicamente o nosso bem. E quanto ao Emissário, há tempos não comenta sobre ele, acaso foi embora? Entre gargalhadas, a menina revelou.

- Papai, ele está atrás do senhor!

Surpreso com o comunicado, Roger soltou as cestas de vime e

Saint-Louis

dos Inválidos

num só impulso, virou-se para trás sem a nada visualizar, ao imediatamente apanhá-las, denotou a sua perturbação.

- Por que eu e Mady escutamos o senhor quando ninguém mais realiza essa façanha? Por que Mady contempla a sua aparição e a mim só é dada a sua percepção?

- Em sua obstinação de provar o incompreensível, põe em dúvida a minha presença neste plano. O destino de Mady foi premeditado desde o instante do seu nascimento, a sua pureza de sentimentos anuiu a minha aproximação. Os irmãos terrenos como o denominamos, não estão preparados para compreender a magnitude de um Mundo Espiritual, por sua vez, não permito que apercebam-me. Ouve-me por determinação do Pai, encontrando em ti o alicerce que a pequena Mady carecerá para o cumprimento de uma missão que abrandará vidas, de momento, isto é tudo o que precisa saber. Por obséquio, quando se dirigir a minha pessoa, me chame unicamente de irmão Marlon, sem o uso de qualquer formalidade - sem mais, o espírito cessou a sua comunicação.

De andar cambaleante, Roger foi amparado pela filha, quando

deveria ocorrer o inverso, sem dúvidas, a descoberta de um Mundo Espiritual gerou-lhe um emaranhado de ideias.

Subitamente, o desânimo abateu o pobre senhor, sem ter vendido uma única cesta, e com um minguido de alimentos para ser partilhado entre os membros da família.

Cabisbaixo, ouviu murmurinhos procedentes dos lábios da filha.

- O que está fazendo?

- Orando ao Senhor!

- As suas orações não colocarão os alimentos sobre a mesa -
retrucou mal-humorado.

Saint-Louis

dos Inválidos

Nesta ocasião, forças opostas as Leis do Criador testavam a sua fé.

- Papai, o senhor foi abençoado com a presença de um espírito iluminado, não deveria se desviar da verdadeira fé. Deus não nos deixará em desamparo, Ele proverá o nosso sustento. Confie e espere! - sorriu a menina como que se guardasse um segredo.

Num diálogo mental com Deus, Roger redimiou-se dos pensamentos que o afastariam dos propósitos que lhe foram confiados.

Adentrando à casa, deparou-se com o olhar frustrado da esposa na fracassada tentativa de disfarçá-lo por detrás de um semblante apazível.

Desditosamente, os recursos financeiros da família se agravavam, todas as joias e objetos de valores haviam sido vendidos, não tendo a quem recorrer.

- Me perdoe! - rogou o marido à esposa, seguidamente à sogra que esbravejou na ânsia de animá-los, mesmo que a circunstância não fosse satisfatória.

- Sejam gratos com o que recebemos! - a senhora Florência vasculhou uma das cestas que continha as poucas doações de alimentos.

Roger forçou um sorriso, certo de que a sogra tencionasse o minimizar do seu sofrimento, para não dizer, do seu fracasso como patriarca da família, não assimilando a razão de Deus não a ter escolhido para auxiliar Mady em sua missão, sendo ela, uma mulher de inabalável fé. Seguramente, os desígnios de Deus são misteriosos e totalmente incompreensíveis.

Após o breve descanso de pai e filha, ambos foram chamados

Saint-Louis

dos Inválidos

pela senhora Florência no anunciado de que a refeição seria servida.

Visualizando um caldeirão de sopa com três pedaços de legumes, e duas míseras fatias de pães, Roger calculou que os três pedaços fossem distribuídos entre as três mulheres a fim de alimentá-las até a manhã seguinte, em que se aventuraria nas ruas do comércio no intento de vender as suas cestas de vime.

- Minha sogra, eu agradeço imensamente a sua gentileza e o seu esforço para realizar uma deliciosa refeição, mas confesso estar sem fome no dia de hoje. Agora, se me derem licença, retornarei ao meu descanso, os meus pés doem, eu sinto como se pisasse em pregos.

Sem esperar pelo consentimento, se retirou.

Em seu leito, refletiu nas reviravoltas da vida, debilitado em virtude da fome, adormeceu. Trinta minutos depois, foi desperto pela esposa que o sacudia em aflição.

- Roger, oficiais estão em nossa porta e ordenam a sua presença perante o rei.

De sobressalto, o marido foi averiguar a ocorrência, na certeza de que não havia praticado nenhum ato ilícito para ser intimado,

tampouco, encarcerado.

25

Saint-Louis
dos Inválidos

26

Saint-Louis

dos Inválidos

Capítulo 3

- Por que prende-me se a nada fiz? O rei almeja a arrecadação de mais impostos? É esse o motivo? - Roger camuflou o seu nervosismo defronte aos cinco oficiais da guarda real.

- Senhor Blanchard, eu cumpro ordens, nada mais, além disso! - atentando-se à pobreza que os circundava, o oficial no comando receou um possível engano, interrogando-o - O senhor é Roger Blanchard, o rico comerciante de ouro e prata?

- No passado eu fui! - Roger baixou o olhar em constrangimento. Mirando à família com os olhos marejados de lágrimas, temeu uma despedida definitiva, desse modo, os abraçou fortemente, seguindo o oficial que manifestava a sua impaciência.

Saint-Louis

dos Inválidos

Roger dividiu a sela de um cavalo, em poucos instantes, estavam à frente do Palácio.

Saltando do animal, adentrou-o de encontro ao rei no mais absoluto silêncio.

- Alteza, eis aqui o nobre senhor! - anunciou o oficial no comando, em reverência.

Roger que também realizou à reverência, sentiu o queimar da sua tez, posto que estivesse sob o olhar perscrutador do rei Luís XIV.

- Oficial, houve um grave equívoco! - contestou o rei sentado em seu trono - O homem a quem procuro é da nobreza, e este a quem me apresenta, é um plebeu.

- Asseguro-lhe que o homem em questão seja o nobre requisitado - replicou o oficial.

- Senhor Blanchard, levante-se! - ordenou o rei notando o seu esmorecimento físico - O que houve com o senhor? As suas vestimentas, a sua aparência, tudo me arremete à pobreza. Há quanto tempo não se alimenta?

- Há muito tempo senhor! Privo-me dos alimentos para saciar à

fome da minha família. Os recursos que angariei a minha vida inteira foram pagos em impostos, que sinceramente, alteza, são exorbitantes - declarou Roger.

O rei abismou-se em face da sua coragem, clamando que o oficial se retirasse, e assim foi acatada a sua determinação, por conseguinte, ordenou ao criado que fosse buscar uma farta refeição para o homem que mal conseguia se sustentar em suas pernas.

Às pressas, o criado retornou, e ali mesmo, na sala do trono, foi oferecida a refeição.

- Senhor Blanchard, alimente-se para darmos continuidade ao

Saint-Louis

dos Inválidos

importante assunto que lhe trouxe ao meu Palácio, a sua recusa será dada como uma ofensa - recomendou o rei - Careço da sua clareza de pensamentos.

- Alteza, rogo que me deixe levar esses alimentos para a minha família, eles necessitam bem mais do que eu - os dizeres de Roger sensibilizaram o rei - Estarei apto para auxiliá-lo no que for preciso.

- Tens a minha palavra que ao retornar à sua morada, oficiais ao meu comando levarão os alimentos à sua família. Confie e espere! - garantiu o rei.

Roger pasmou-se, a última fala havia sido idêntica à da sua filha, e sem melindres, saciou a fome, à espera do anunciado do rei que estranhamente apreciava os seus maus modos, na convicção de que a pobreza transformasse até mesmo os nobres.

- Senhor Blanchard, não me considere um péssimo rei por cobrar mais impostos, a guerra me fez tomar medidas das quais não me orgulho, precisamos de armamentos, mais do que isto, precisamos de um local para abrigar os nossos feridos - deslindava o rei, em acréscimo - Por isso, está em finalização o Palácio de Saint-Louis

dos Inválidos.

- Compreendo a benevolência da sua ação, ainda que o povo seja o mais prejudicado e o mais... - Roger suspendeu as suas queixas, não competia a ele cobrar esclarecimentos do rei, era óbvio que Deus o guiava para a edificação de um imenso complexo que daria abrigo aos muitos homens que lutavam bravamente pelo país.

Sem instigar o assunto, ciente dos dissabores causados aos seus subordinados, em tempos em que a sobrevivência era a base do seu reinado, o rei enrubesceu-se sem que fosse notado, o povo passando por diversas privações, enquanto no Palácio esbanjava-se riquezas,

Saint-Louis

dos Inválidos

de fato, era inadmissível tal conduta, não havendo argumentos para dar prosseguimento à discussão.

- Senhor Blanchard, voltemos ao assunto que lhe trouxe aqui! - o rei caminhou até Roger, fixando os seus olhos no dele - Almejo hospedar a sua filha em meu Palácio, esteja certo de que nada lhe faltará, terá uma excelente educação, farta alimentação e as melhores vestes.

Roger julgou que por detrás de toda cortesia se escondesse um sórdido desejo que por ele não seria aceito, os alimentos que saciaram a sua fome não fariam o rei tirar proveito sobre a sua família, e, principalmente, sobre a sua filha.

- Jogue-me no calabouço, decapite-me em praça pública, mas, por favor, poupe a vida da minha filha, ela é somente uma garotinha de doze anos de idade, no auge da sua inocência - aos prantos, Roger lançou-se de joelhos no chão.

- É exatamente por isso que eu a desejo, a sua doce inocência me fascina - declarou o rei - Levante-se e recomponha-se, a sua família será recompensada, deixará a vida medíocre para novamente se

tornar um homem de posses, respeitado por toda a sociedade.

Embora a proposta fosse tentadora, Roger não abriria mão da filha, afinal, ela não estava à venda, o rei possuía a sua cōnjuge e um harém invejável, em hipótese alguma entregaria a pequena Mady para futuramente lhe servir de concubina.

- Perdoe-me se acaso parecer uma afronta, entretanto, prefiro manter uma vida medíocre do que distanciar-me da minha filha - o entoar estremecido da sua voz foi captado pelo rei.

- Tolherá à sua família de reconquistar uma vida digna, tão somente, por orgulho? - o rei conteve a sua zanga - Madeleine

Saint-Louis

dos Inválidos

Blanchard terá o meu respeito e proteção, por certo, o seu destino não será de uma reles vendedora de cestas de vime nas ruas do comércio local. De momento, vá para a sua casa e reflita com a sua família e dentre três dias me outorgue a sua decisão, na segurança de que será uma afirmativa.

Roger empalideceu, o rei demonstrava saber bem mais do que ele imaginava, ponderando a existência de espias por toda a França, sendo eles, a família escolhida.

- Com tantas mulheres, por que o rei escolheria uma criança? Por que Mady? - interrogou a si próprio, martirizando-se com a possibilidade de perdê-la, na certeza de que a recusa não seria aceita pelo rei, visto que o tempo fosse um pretexto para notificá-las da sua imposição.

A benignidade do rei foi colocada à prova.

Roger voltou à sua casa, acompanhado de alguns oficiais que transportaram os alimentos à sua família, como havia sido o prometido.

A euforia foi simultânea e imediata, tanto pela oferta dos

alimentos como pelo retorno de Roger, todavia, ao serenar dos ânimos e partida dos oficiais, o seu semblante exprimiu toda a tristeza que o dominava.

Roger dirigiu-se ao seu quarto, solicitando que não fosse incomodado, Eloíse e a senhora Florência não associaram o evento ocorrido, supondo que a exaustão o fizesse procurar um local recluso, contudo, a pequena Madeleine conhecia o coração do pai, e desobedecendo a ordem por ele estabelecida, adentrou-o sorrateiramente.

- Mady, papai precisa descansar! - notando a sua presença,

Saint-Louis

dos Inválidos

mesmo que de olhos fechados, Roger caiu aos prantos, o medo de perdê-la foi mais forte do que o seu controle emocional.

- Papai, não chore, tudo ficará bem! - enxugando o rosto do pai, acrescentou - Dentre três dias, o rei me terá ao seu lado, uma vez que este seja o verdadeiro desígnio de Deus.

Roger sentou-se no leito sem a sapiência da sua descoberta, e num abraço enternecedor, a sua alma chorou, só que desta vez, em silêncio.

Seria o destino de Madeleine Blanchard se tornar a concubina do rei?

32

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 4

Ao cair da noite, quando todos já haviam adormecido, Roger encaminhou-se para o lado externo da casa, e sob a luz das estrelas, questionou o espírito do irmão Marlon.

- Como eu serei o alicerce de Madeleine se eu entregá-la ao rei?

Como a minha garotinha abrandará vidas se a sua própria se transformará num eterno martírio?

Nenhuma resposta lhe foi outorgada, o espírito estava ao seu lado, no entanto, não lhe foi consentido o direito de se pronunciar.

Existem situações que se esclarecerão por si só, não carecendo da interferência espiritual, tendo em mente que tudo pelo qual passamos seja um processo de aprendizado e evolução.

Saint-Louis

dos Inválidos

Atordoado, Roger colocou à prova a sua sanidade mental, crendo que ele vivenciasse as fantasias da filha, como o dito anterior, um amiguinho imaginário.

- Um espírito de luz não deixaria Madeleine passar por uma desventura, desvario o meu lhe dar credibilidade - e assim, Roger retornou para o seu leito, junto à esposa que não havia apercebido a sua agitação.

Não demorou para que o sol despontasse e a esposa se levantasse no intuito de preparar o desjejum matinal da família.

Minutos após, Roger direcionou-se à cozinha surpreendendo-a com um beijo nos lábios.

- Bom dia, meu amor!

- Bom dia! - respondeu a esposa de olhos esbugalhados - O que houve?

Roger apresentava profundas olheiras associadas a vermelhidão dos seus olhos, não tendo como disfarçar uma noite mal dormida.

- Assim que a sua mãe e a nossa filha acordar explanarei o ocorrido.

- Papai teme a minha moradia no Palácio de Versalhes - a menina surgiu repentinamente sem lhe dar a chance de se preparar para a narrativa dos fatos.

A sua avó que a acompanhava de mãos dadas, riu do relato da neta pressupondo que tudo não passasse de invenções.

- E por que fixaria a sua moradia no Palácio, pensa em nos abandonar?

- Não vovó, o rei exigiu a minha presença junto a ti - retrucou a neta.

- Bobagem! - duvidou a avó.

Saint-Louis

dos Inválidos

- Ela diz a verdade! - Roger interveio em prol da filha - Ofereci a minha vida em troca da sua liberdade, mas de nada adiantou, o rei a deseja ao seu lado. Perdoem-me! Eu deveria ter contado o ocorrido, ontem, em minha chegada, ao invés disso, me escondi no quarto, imerso em vergonha e fracasso.

- Os alimentos provêm de uma negociação? Trocou a nossa filha por isso? Prefiro à morte do que ingerir uma só migalha dos pães que nos foram ofertados pelo rei - Eloíse afastou os alimentos de si, acusando-o abertamente.

Encolerizado pela falta de compreensão da esposa, revidou.

- Depois de se empanturrar fica mais fácil julgar! O rei Luís não me deu alternativa, até o nome da nossa filha ele sabia, tudo foi meticulosamente arquitetado na ânsia de prepará-la e futuramente torná-la a sua... - mirando a docilidade da filha, não ousou terminar a frase.

- Senhor, tenha misericórdia da nossa menina! - bradou a senhora Florência em amparo à Eloíse que do mesmo modo havia compreendido os dizeres incompletos de Roger.

Em lágrimas incessantes, Eloíse se arrependeu do seu julgamento precipitado, de fato, se esta era a decisão do rei, não teriam como fazê-lo mudar de ideia.

- Mamãe, por que chora se o meu destino foi traçado por Deus? -
inquiriu a filha.

Os adultos se entreolharam, certos de que a pequena Madeleine não tivesse a malícia para atinar o mal que lhe seria outorgado.

Eloíse serviu-lhes o desjejum, ao término e a sós, posicionou-se ao lado do marido.

- Que Deus é esse que permite os pais se abdicarem do convívio

Saint-Louis

dos Inválidos

da única filha? - Roger vociferou numa batida violenta contra a mesa.

- O mesmo Deus que concedeu-nos a vida!

- Uma vida de sofrimentos? Então, que a subtraía de mim!

- Ora, Roger, não diga tolices! - aborreceu-se a esposa perante a sua revolta e descrença - Talvez a vida de sofrimentos que presumimos existir seja a salvação da nossa filha.

Roger franziu a testa, confuso por via do seu comentário, não se delongando para que a esposa desse continuidade aos esclarecimentos.

- Mady desfrutará de uma vida luxuosa e não mais, passará por privações, desta vez, o rei nos brindou com alimentos, mas com o tempo, se esquecerá de nós e voltaremos à miséria.

Roger concordou com a esposa, na admissão de que a ajuda proposta pudesse ser suspensa a qualquer instante, de posse da menina, o rei não teria razões para agradá-los.

Mesmo com o coração dilacerado, Roger decidiu entregá-la ao rei no prazo estabelecido, para que todos pudessem partilhar da sua

alegre companhia.

Um fato que o intrigava era a euforia de Mady, suspeitando que o amigo que conjecturava ser imaginário a ludibriasse com um mundo de sonhos, basicamente, o de morar no Palácio igualmente a uma princesa.

Em meio aos pensamentos, lembrou-se do enunciar da filha.

- Em breve, renunciarei a vida em sociedade para servir na Casa do Senhor.

Roger assegurou-se da sua falta de discernimento para compreender o óbvio, isto é, Mady renunciaria a sua convivência

Saint-Louis

dos Inválidos

com a família para servir diretamente ao rei, portanto, a Casa do Senhor simbolizaria o Palácio de Versalhes.

As circunstâncias perturbadoras conduziriam Roger à completa insanidade?

Restaria ao irmão Marlon facultar o direcionamento da sua vida, devolvendo-lhe a crença de que a sua presença não fosse ilusória no anseio de juntos auxiliarem Madeleine.

37

Saint-Louis
dos Inválidos

38

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 5

O prazo estabelecido pelo rei se esgotou.

Dominado pelo desespero, Roger cometeu a maior sandice da sua vida.

Lembremos de que somos integralmente responsáveis pelas escolhas que fizemos, Roger sabia das consequências desastrosas que a sua ação acarretaria, e mesmo assim, o fez.

Ao primeiro raiar do sol, a família Blanchard fugiu rumo a uma pequena cidade que não recebia a assistência do rei, onde os cidadãos foram literalmente abandonados.

Um recomeço difícil que traria a paz almejada, mas não para a pequena Mady que relutou em seguir viagem, contudo, em virtude da

Saint-Louis

dos Inválidos

sua pouca idade não teve opção a não ser aceitar o novo posicionamento do pai.

Roger empregou-se numa taberna, certo de que entre os beberrões não seria um ambiente propício para educar a filha, tampouco, abrigar a esposa e a sogra num cômodo que lhe foi disponibilizado aos fundos do estabelecimento, entretanto, sem recursos financeiros e sem moradia restou-lhe aceitar.

Eloíse apoiava as decisões do marido, ignorando o olhar de repreensão da mãe que não se conformava com o abandono das terras que outrora nasceu e viveu por sessenta anos.

No transpassar de três anos, sustentando à família com os alimentos que sobravam das refeições não consumidas da taberna antes que os mesmos fossem parar nas lixeiras, Roger juntou com muito esforço uma quantia que oportunizaria a mudança de todos para uma casa, no almejo de reconquistarem a liberdade há tempos tolhida.

O rei não havia desistido, ordenando aos seus oficiais que vasculhassem todos os cantos da França, à procura da pequena

Madeleine e que só retornassem após encontrá-la.

Esses mesmos oficiais prosseguiram com a extenuante busca, receando uma retaliação do rei se porventura regressassem em apresentação do fracasso.

Anos decorreram, a menina se transformou numa jovem carismática de vinte e dois anos de idade, convictos da sagacidade de não serem encontrados, estarreceram-se ao receberem o informe de que oficiais da guarda real perambulavam pela cidade, conquanto, a família Blanchard não seria facilmente reconhecida, tendo adotado o sobrenome Dufour no anseio de despistá-los.

Saint-Louis

dos Inválidos

Uma excedente correria despertou a curiosidade dos oficiais, correndo na mesma direção da população.

- O que há de tão interessante? - interrogou um dos oficiais denominado Andre Collet.

- Uma jovem oferta-nos com pães - replicou um reles cidadão - Ela mesma o prepara com os grãos da sua própria sementeira.

Aproximando-se da jovem, o oficial deslumbrou-se em face de tal formosura, em gestos delicados Madeleine distribuía os pães em porções generosas.

- Está presa! - vociferou Andre junto aos oficiais que posicionaram as suas mãos sobre as espadas, caso houvesse o revide da população.

Roger que acompanhava os passos da filha, suspeitava que a sua essência misericordiosa proviesse de Deus, desmerecendo a presença do espírito que assiduamente o aconselhava na mesma proporção com que era desprezado, ao contrário de Mady que seguia rigorosamente as suas orientações em sigilo, no fito de evitar discussões com o pai que a proibia de tocar no assunto.

- Com que autoridade prenderá a minha filha? - Roger o afrontou.

- Com a autoridade que me foi devidamente outorgada, em nome do monarca da França, o rei Luís XIV - respondeu o oficial, pasmando-os - Pela sonegação dos impostos.

- Prestar assistência aos meus semelhantes se tornou crime? - encolerizou-se a jovem - Se o rei deseja angariar impostos sobre os pães gratuitamente oferecidos, por que não direciona a sua atenção para uma cidade em esquecimento? Padecemos mediante o seu desdém!

Calando-se a respeito do rei, o oficial ponderou que a jovem não

Saint-Louis

dos Inválidos

havia praticado nenhum crime, a população denotava aprazimento numa época em que muitas famílias pranteavam a perda dos seus entes queridos.

Nitidamente envergonhado por sua tentativa de privá-los do amparo, quando na realidade os oficiais deveriam estar no campo de batalha lutando pela honra do país e não em busca de uma jovem que não sabiam ao certo se continuava no país ou se havia morrido, proferiu.

- Que ao menos camufle as suas ações para não chegar ao conhecimento do rei.

Mady retrucaria se não fosse a intervenção do espírito do irmão Marlon.

- Chame-o para perto de si e brinde-o com um dos pães.

- Aproxime-se, por favor, para que eu possa contemplá-lo sem a luminosidade do sol que ofusca a minha visão - clamou a jovem sem o entendimento do que lhe foi postulado.

- Mady, o que está fazendo? - afligiu-se o pai - Se esquece de que somos fugitivos?

- Papai, asserene o seu coração, Deus mostrará ao oficial que eu estou unicamente ao seu serviço - murmurou sem ser ouvida pelos demais.

Andre se aproximou, contudo, ao vê-la estender uma das mãos, bradou autoritariamente.

- Não se atreva a me tocar!

Para o seu assombro, Mady esboçou um sorriso, repetindo as palavras do espírito.

- O amor a tudo cura... a tudo transforma... o pão simboliza o corpo de Cristo, é nele que encontrará a cura dos seus males, sejam

Saint-Louis

dos Inválidos

elas físicas ou emocionais... deposito todo o meu amor neste pão que lhe entrego...

O espírito utilizou-se de um sagaz pretexto para não colocar a jovem em apuros, evitando que ela fosse apontada como herege por via das práticas curativas, visto que o dom da cura fluísse da energia que emanava do seu ser.

O oficial não lhe atribuiu créditos, apanhando rudemente o pão, e num sorriso malicioso, sussurrou em seu ouvido.

- Terminou com a encenação!

- Sim, eu terminei! - debochou Mady, conferindo-lhe uma rápida piscadela, um feito que o irritou sem que a deixasse perceber - Amanhã voltará e me procurará, arrependido por sua descrença.

- Diz isso com tanta convicção! - o oficial retribuiu a piscadela, agora, a jovem que havia se irritado, só que deixando-o perceber - A propósito senhorita, qual o seu nome?

- Madeleine!

De repente, uma alegria arrebatou o oficial, na desconfiança de que a jovem fosse a quem procurava, findando a sua missão em

retorno ao Palácio.

Segundo o rei, a menina de outrora se chamava Madeleine

Blanchard, era devota a Deus, possuindo aspectos físicos que se assemelhavam à jovem atual.

Atentando-se na perturbação do oficial, Roger precipitou-se na sua própria apresentação.

- Roger Dufour, eu sou o pai de Madeleine!

- Dufour! - exclamou o oficial atônito, ao também se apresentar -
Andre Collet.

Na mesma intensidade com que a alegria o arrebatou, a decepção

Saint-Louis

dos Inválidos

tomou o seu lugar.

Estendendo-lhe a mão num forte cumprimento, Andre se
distanciou, juntando-se aos seus companheiros, à procura de um
local para que pudessem pernoitar.

44

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 6

O oficial Andre era um audacioso e competente oficial à serviço do rei Luís XIV, em seus aproximados trinta anos de idade, apresentava estatura alta, tez clara, porte atlético, cabelos e olhos castanhos escuros.

Ainda que transparecesse a sua vitalidade, detinha uma úlcera gástrica que lhe provocava dores abdominais intensas, normalmente, após as suas refeições.

Na manhã seguinte, intrigado com o desaparecimento dos sintomas, inquiriu a si mesmo.

- Seria a jovem capaz de curar as enfermidades por intermédio dos pães? O rei segredou-me que a senhorita Madeleine Blanchard

Saint-Louis

dos Inválidos

receberia um dom especial, seria este? Todavia, a família Dufour não foi mencionada pelo rei.

Relutando em acreditar que a jovem em questão fosse merecedora de uma graça divina, obstinou-se na ideia de que ela possuísse um incrível poder de persuasão sobre os habitantes da pequena cidade, convicto de que o mesmo não ocorreria com ele.

Entretanto, como o pressagiado por Madeleine, o oficial foi à sua procura.

Sovando a massa dos pães a céu aberto, a jovem o tratou com demasiada frieza.

- Me prenderá?

- Mesmo que eu desejasse não poderia, afinal, como me apresentaria defronte ao rei sem a senhorita Madeleine Blanchard - Andre usou de franqueza.

- Obtém a resposta que precisa? - perguntou-lhe em exibição da sua indiferença.

- Resposta! - bradou perplexo, assim como Roger ignorava a existência espiritual, Andre ignorava a cura dadivada - Nenhuma

resposta!

- Então, por que veio até mim? - insistiu a jovem.

- Os meus companheiros estão famintos e como distribuí os pães entre a população, achei que não se importaria em me ceder alguns - o oficial mentiu descaradamente, sem imaginar que o espírito do irmão Marlon alertaria a jovem da sua emboscada.

- Assim que assá-los, os ofertarei de bom grado! - retrucou a jovem, entristecida por sua ação, ciente de que muitos testariam a sua fé, e, principalmente, o seu dom.

- Estarei ali! - o oficial apontou para uma estalagem,

Saint-Louis

dos Inválidos

distanciando-se da jovem por via do seu próprio constrangimento, posto que usar de um argumento ardil não fosse do seu feitio.

Embora a cura não se derivasse dos pães e sim, da energia que emanava do seu ser, como foi dito anteriormente, lágrimas de amor e compaixão derramaram-se sobre a massa sovada, antes mesmo que os modelasse, fator este que favoreceria a cura de qualquer ser.

Passados alguns minutos, Eloíse surgiu no intento de auxiliar a filha.

- O que houve? Por que denota a vermelhidão dos seus olhos?

- Não houve nada mamãe, o vento soprou a farinha em meus olhos, apenas isto!

Conscientizando-se de que não houvesse vento em virtude do clima árido, Eloíse mirou o oficial que não tirava os olhos da filha.

- O seu pai avisou para termos cautela com o grupo de oficiais que chegou à cidade.

- Eu terei, mamãe! - assegurou cabisbaixa - O oficial na porta da estalagem aguarda pelos pães a fim de distribuí-los aos seus companheiros. A primeira fornalha está pronta, a senhora poderia

chamá-lo e entregá-los?

Sem cogitar, Eloíse entregou os pães ao oficial no intuito de repreendê-lo.

- Aqui estão os pães, peço-lhe encarecidamente que não aborreça a minha filha, ela é uma jovem de princípios e não uma meretriz que se deixa influenciar por uma farda.

Boquiaberto, Andre não teve a chance de agradecer, certo de que uma reles aproximação, mesmo que despreziosa lhe fosse impossível.

A sua intenção de desmascarar a jovem Madeleine perdeu o

Saint-Louis

dos Inválidos

sentido, e sem que atinasse o novo sentimento que o dominava, marejou os olhos de lágrimas, entrando na estalagem para que pudesse repartir os pães, sem esperar pelos resultados, que seriam tão somente, a cura de alguns males que afetavam os seus companheiros, como a perda do entusiasmo agregada a perda energética, estando eles, há anos longe das famílias.

Não demorou para que Roger se unisse em auxílio à esposa e filha, em súbita reclamação.

- A senhora Florência tem manifestado a sua teimosia a cada dia que passa!

- O que mamãe fez desta vez? - inquiriu Eloíse na ânsia de abrandar-lhe os ânimos.

- Jogou fora os meus sapatos! - esbravejou Roger - Eu os escondi embaixo da nossa cama e ela os encontrou, substituindo-os por um novo par que machuca os meus pés.

Madeleine riu, suscitando o mesmo feito na mãe.

- Papai, os seus sapatos estavam velhos e furados, pensando bem, o teimoso é o senhor. Vovó só quis agradá-lo!

- Eu sei disso, minha filha! Por isso eu a abracei e a cobri de beijos, contudo, a sua avó pareceu repudiar tal ação - gargalhou Roger em recordação da cena - Tranquilizem-se, ainda que os meus pés doam, não expressarei a minha ingratidão. A senhora Florência passa bem!

Diante de tantos contratemplos, a alegria da família Blanchard era incontestável.

Apesar da distribuição diária e gratuita dos pães, a família se sustentava com dificuldade, agora, os lucros provinham das iguarias preparadas pelas três mulheres, das quais Roger se incumbia de

Saint-Louis

dos Inválidos

vendê-las, conquistando alguns clientes assíduos, por muitas vezes, trocava as suas mercadorias por outras de suma importância.

Devido à idade avançada, a senhora Florência não os auxiliava na distribuição dos pães, preferindo repousar nas horas em que se encontrava sozinha, um ato respeitado pela família.

A tarefa da manhã havia sido concluída, como se os pães fossem calculados não faltando nada a ninguém.

Tencionando as vendas das iguarias, Roger apressou a sua saída.

- Papai, o senhor trabalha demais, não almoçará conosco? -
preocupou-se a filha.

- Mady, guarde a melhor porção para mim, assim que voltar, devorarei tudo, eu prometo! - gracejou ao ser barrado pela filha que se posicionou à sua frente.

- Em seu retorno conversaremos!

- Sobre? - Roger fingiu não ter o conhecimento da questão a ser travada.

- Papai, há tempos ignoramos o passado, é dada a hora de regressarmos. O meu destino é servir ao rei, até quando fugiremos?

- O que o oficial lhe disse? - Roger interpelou-a em agitação.

- O oficial não me disse nada, eu apenas cansei de simular uma vida que não me pertence, não sou mais criança, por favor, não me trate como se eu ainda o fosse - em desacato ao pai tocou no assunto que lhe havia sido terminantemente proibido - Irmão Marlon determinou o meu regresso imediato.

- Se persistir em falar no espírito será decapitada pelo rei, portanto, o esqueçamos de uma vez por todas - a fim de não chamar a atenção da esposa, Roger baixou o timbre da sua voz - Mady, eu não quero brigar!

Saint-Louis

dos Inválidos

Roger renegou a existência do espírito iluminado de Marlon, no equivocado pensamento de que ele tivesse a obrigação de ajudá-los, olvidando de que somos os únicos responsáveis pelas escolhas que fizemos, escolhas estas, que acarretarão o nosso sofrimento ou a nossa felicidade, não sendo anuído a intermediação espiritual para que possamos aprender com as duras lições da vida.

Beijando-lhe a testa, Roger partiu sem reparar nas lágrimas da filha.

Em verdade, o espírito de Madeleine gritava pela libertação que somente se concretizaria com a sua servidão ao Senhor, que para toda causa e efeito camuflava-se na sua servidão ao rei Luís.

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 7

Anoiteceu.

Roger adentrou em casa esbaforido, trazendo um comunicado que alegraria à família, ele havia vendido todas as iguarias para um forasteiro recém-chegado à cidade.

Notando a quietude da filha que receou a sua aproximação, sugeriu.

- Se ainda for da sua vontade, após o jantar teremos aquela prosa.

O semblante da jovem mudou instantaneamente, e assim foi feito, Mady se encarregou de servi-lo, sendo que todos já haviam jantado, à espera do momento oportuno para desabafar o sofrimento que há anos carregava em seu coração, um sentimento disfarçado entre

Saint-Louis

dos Inválidos

sorrisos e ações caritativas em prol dos seus semelhantes, sem dúvidas, o último a confortava.

- Darei uma volta pela cidade, preciso espairecer! - anunciou

Roger abismando a filha.

- Espairecer? Acabou de chegar! - interpelou a esposa.

- Mady irá comigo, há tempos não apreciamos a luz das estrelas - desta vez, Roger piscou para filha, em entendimento de que o acompanhasse.

Eloíse não desconfiou do passeio, certa de que o marido desejasse passar um tempo a sós com a filha, voltando a sua atenção aos bordados que executava junto à mãe.

- Por que tirou-me de casa? - inquiriu a jovem.

- Para que não fôssemos ouvidos, a omissão do passado dilacera o meu coração - proferiu cabisbaixo - Antes do acontecido, eu e a sua mãe não tínhamos segredos um com o outro.

- Perdoe-me por ser a causadora do seu infortúnio, eu nunca desejei que escondesse nada de mamãe, tampouco, de vovó - enfim, a jovem atinou que o pai sofria tanto quanto ela.

- Mady, você nunca foi e nunca será a causadora do meu infortúnio, assegure-se disto! - abraçando-a com ternura, encorajou-a a revelar as razões que os levaram a ter uma conversa privada - Diga-me sem melindres, o que aflige o seu coração?

- O senhor já sabe! - desvencilhando-se do abraço, Mady foi taxativa - Se trata do irmão Marlon e da minha servidão ao rei Luís. Eu confessarei a minha identidade ao oficial Andre em regresso à nossa antiga morada no anélito de cumprir a minha missão.

- Acredita piamente que se tornar a concubina do rei seja a sua missão? - vociferou o pai - É a esse respeito que o irmão Marlon a

Saint-Louis

dos Inválidos

instiga?

- Não papai, por favor, não distorça as minhas palavras! Creio que haja uma força que me impulsione ao Palácio, uma força maior do que nós, maior do que o próprio rei. Deus está no comando das minhas realizações e me poupará de qualquer desventura - alegou Mady.

- Eu ignoro a existência de um Deus que só trouxe dissabores à nossa família - contestou Roger na recordação de que ele havia sido um homem de posses, e agora, dependia da ajuda de estranhos para manter a sobrevivência dos que amava.

- Deus não deve ser responsabilizado pelas ações da humanidade, a guerra trouxe o nosso dissabor, e continuaremos neste martírio enquanto os homens não se conscientizarem de que devemos nos amar e nos auxiliar mutuamente - Madeleine ansiava a compreensão do pai.

- Foi isso que o irmão Marlon lhe disse? - provocou Roger.

- O senhor não o ouviu mais, não é mesmo? Afastou-se tanto da sua fé que não consenti a aproximação de um emissário celestial que

o escolheu junto a mim para que pudéssemos traçar o caminho predestinado por Deus - lacrimejou a jovem - Por que insisti em ignorá-lo?

- Eu não o ignoro! - mentiu Roger.

- Papai, não faça isso com o senhor! Sejam sinceros, o temor de me perder sobressai a miséria que nos assola, eu me sinto parcialmente culpada pelo seu distanciamento de Deus - a jovem não obteve controle das lágrimas que se derramavam por sua face.

- Não negarei, a ideia de perdê-la para o rei suscitou-me o desespero, razão que me levou ao abandono das nossas raízes,

Saint-Louis

dos Inválidos

fugindo para esta cidade em esquecimento. Conquanto, este não seria um dos desígnios de Deus? Isto é! Levar consolo aos muitos cidadãos esquecidos pelo rei? - as palavras de Roger fizeram sentido, numa reflexão de que ninguém conhecerá os reais desígnios de Deus enquanto encarnados, estando todos nós numa prova constante de fé, amor e solidariedade ao próximo.

- Papai, permita-se ser novamente agraciado com a presença do espírito do irmão Marlon em sua vida, eu necessito do seu auxílio, mais do que isso, eu necessito da sua benção, não farei nada sem o seu aval - rogou a jovem Mady, recebendo o amparo do espírito que não se deixou aperceber, para que ambos não se sentissem influenciados na decisão a ser tomada.

- Minha filha, sabe o quão me é difícil aceitar o seu pedido - Roger travava uma batalha íntima entre o crer e o não crer, por fim, outorgou o seu veredito - Lamento profundamente! A minha aceitação promoverá a insanidade do meu ser, imagine só, travar uma comunicação com o invisível, a sua fase de amiguinho imaginário terminou. Regressemos para casa, o dia de amanhã será exaustivo!

Decepcionada, a jovem o seguiu emudecida, convicta de que a sua insistência acarretaria numa séria discussão, da qual não estaria disposta a passar.

Irmão Marlon orou em silêncio para que Deus lhe anuísse a permissão de se pronunciar, e até mesmo, manifestar a sua presença espectral perante Roger no intento de que ele mudasse a sua conduta, na admissão de que a assistência espiritual não lhe havia sido negada, estando ele, a adiar o destino de Madeleine Blanchard.

Saint-Louis

dos Inválidos

Capítulo 8

A desolação subjugou a jovem pelos dias que se sucederam.

Madeleine acordou cedo, e como todos os dias, saiu para executar a tarefa de auxílio ao próximo, notando o olhar fixo do oficial sobre si a uma ínfima distância.

De princípio, o oficial Andre relutou uma aproximação em decorrência da repreensão de Eloíse, entretanto, o sentimento que o dominava era mais forte, indo de encontro à jovem.

- Bom dia! Noto a sua tristeza, o que eu posso fazer para iluminar este lindo rostinho?

- Bom dia! Eu não estou triste, apenas concentrada em meus

Saint-Louis

dos Inválidos

afazeres - omitiu a jovem, recordando-se da sua promessa de nada dizer sem o consentimento do pai.

Convencido de que esta não fosse a verdade, o oficial ergueu as mangas da sua farda.

- O que fará? - Mady esbugalhou os olhos, e sem que lhe fosse dada a resposta almejada, o viu lavar as mãos num recipiente de água, posteriormente, secá-las num pano e colocá-las sobre a massa dos pães, iniciando a tarefa de sová-la.

- Ficaré me olhando ou me ajudará? - em face do assombro da jovem, Andre camuflou o seu aprazimento, e numa ação repentina, jogou-lhe farinha, recebendo o imediato revide, ambos riram da imaturidade momentânea, extravasando os sentimentos que os amofinavam.

Eloíse que chegou repentinamente, flagrou-os num animado entrosamento.

- Senhora Dufour! - exclamou o oficial em apresentação de um leve rubor.

Arrependida por seu feito anterior, conferiu-lhe um sorriso

amistoso, posto que há tempos não contemplasse o divertimento da filha.

- Já que tomou o meu lugar, termine a tarefa, irei ao riacho lavar roupas - enunciou como se nada tivesse acontecido entre ela e o oficial.

Andre suspirou em alívio por não receber uma nova repreensão, atribuindo continuidade ao trabalho de modelar os pães e distribuí-los, tudo sob a supervisão de Mady que o instruía.

Uma velha senhora franziu a testa ao receber um dos pães modelados pelo próprio oficial.

Saint-Louis

dos Inválidos

- Algum problema? - questionou Andre.

- Minha senhora, o pão está saboroso, não leve em consideração o seu formato, hoje é o primeiro dia do oficial - Madeleine controlou o riso, porquanto, o oficial gargalhou, deveras, alguns dos pães denotavam a sua deformidade.

- Agradeço a oferta! Senhorita Dufour, pela primeira vez em minha vida degustarei um pão sovado pelas mãos de um oficial, decerto formam um lindo casal - pronunciou a velha senhora ao se retirar.

O sobrenome Dufour fez com que a jovem se envergonhasse das mentiras, num sorriso forçado ao oficial que presumiu ter sido pela citação de “um lindo casal”.

A distribuição perdurou por mais algumas horas, em sua finalização, o oficial notou que a jovem se esquivava do seu olhar, em revelação.

- Perdoe-me por não acreditar na senhorita - Andre inflou o peito de ar, encorajando-se a falar - Eu obtenho a resposta que preciso! Distraída, a jovem Madeleine não associou os seus dizeres com a

cura que lhe havia sido dada, no aguardo de maiores esclarecimentos.

- A senhorita me curou de uma úlcera gástrica, assim como curou os meus companheiros que manifestaram o íntegro revigoramento dos seus corpos físicos. O que colocou nos pães?

- Deus os curou! Eu sou apenas um mero instrumento de amor e caridade ao próximo, nada mais além disso. O que Ele deseja, se cumpre! - garantiu a jovem.

A súbita demonstração da fé, bastou para que o oficial suspeitasse da sua real identidade, conforme o rei, Madeleine Blanchard era uma

Saint-Louis

dos Inválidos

jovem extremamente devota a Deus, assim como Madeleine Dufour.

- Seria esta uma incrível coincidência? - pensou consigo mesmo.

Relembremos que na ocasião pregressa, as lágrimas da jovem foram derramadas sobre a massa sovada, visto que os pães não passassem de uma simbólica cortesia, a energia de cura emanava do seu contato direto com àqueles que buscavam alento aos seus corações, se não fossem pelos pães, seriam por suas palavras edificantes e de enaltecimento ao Senhor.

- Se me der licença, os meus companheiros clamam a minha presença - aturdido defronte a tal possibilidade, Andre apontou com o dedo indicador para os oficiais, que na realidade, não o chamavam, sendo este um subterfúgio para se afastar e reorganizar os pensamentos.

- Antes que se vá, saiba que o meu fardo se tornou mais leve na manhã de hoje - Mady o agradeceu pela ajuda concedida.

- Foi um honra ajudá-la! Desconfio que os meus companheiros tenham encontrado pistas que me levarão ao paradeiro de Madeleine Blanchard. Pressinto que a minha busca chegará ao fim - utilizando-

se de uma sagaz estratégia, mentiu no fito de estudar a reação emocional da jovem, que em sua inocência, empalideceu.

Visualizando a aproximação de Roger, apressou a sua retirada, na certeza de que a jovem fosse a quem procurava, sem atinar à razão da fuga e da troca de identidade da família.

- O que ele fazia aqui? Disse-lhe algo? - perguntou o pai, em depreciação da conduta do oficial que não o aguardou para cumprimentá-lo.

- Não foi preciso! Ele desconfia que eu seja Madeleine Blanchard

- revelou a jovem.

Saint-Louis

dos Inválidos

Roger zonzeou-se, recebendo o amparo ágil da filha para que não caísse no chão.

- Como poderia? Nos infiltramos há anos nesta cidade sem que ninguém questionasse a nossa origem, e agora, surge um oficial para arruinar tudo o que conquistamos. Embora, eu admita que não nos seja muito, contudo, nos encontramos em condições melhores do que a anterior, sem mais passarmos fome.

Mady ouviu as suas lamentações sem pronunciar-se, não haveria nada que pudesse mudar a ocorrência do dia, temendo que o pior pudesse acontecer... e aconteceria...

- Onde está a sua mãe que deveria auxiliá-la na distribuição dos pães?

Numa rápida explicação, a jovem facultou-lhe o sucedido, em desagrado do pai.

Sem delongas, retornaram para casa à espera de Eloíse.

- Aquiete-se! - bradou a senhora Florência, observando o genro andar de um lado para o outro - Não me deslindará o acontecido?

- Esperemos por Eloíse! - o semblante carrancudo de Roger

estremeceu-a por completo.

Uma hora depois, Eloíse chegou com o cesto de roupas lavadas em mãos, depositando-o sobre a mesa para que atendesse ao chamado do marido.

- Eloíse, não deveria ter deixado a nossa filha na companhia de um desconhecido.

- Não era um desconhecido, era um oficial da guarda real - justificou-se a esposa.

- Ainda assim, um desconhecido! - esbravejou, expondo o relato da filha.

Saint-Louis

dos Inválidos

- Roger, o que faremos? Não me diga que... - ao mesmo tempo que o indagava, a senhora Florência adivinhou a resposta que lhe seria outorgada.

- Arrumem o que puder ser carregado, partiremos o quanto antes desta cidade - anunciou Roger não lhes dando alternativa.

Eloíse não contrariou o marido, acatando a sua determinação com os olhos marejados de lágrimas, certa de que um novo recomeço fosse penoso e desgastante para todos, porquanto, Mady o afrontou.

- Estou cansada de fingir ser quem eu não sou, eu não irei com o senhor!

- Não temos opção, fugiremos a fim de poupá-la de um destino cruel - notificou Roger.

- Não papai, o senhor quer fugir para não me perder! Eu não sou mais a sua garotinha, eu sou uma mulher que possui os seus próprios pensamentos e vontades, tendo em vista que a minha vida pertença a Deus e eu cumprirei os seus desígnios a qualquer custo - Madeleine dirigiu-se ao seu quarto em furor.

- Madeleine, volte imediatamente aqui, eu ainda não terminei! -

gritou o pai sem êxito.

- Deixe-a sozinha! - a sogra barrou a sua passagem - Em breve, a nossa menina abrandará os ânimos e se dará conta de que devemos fugir da leviandade do rei. Dentre alguns minutos eu conversarei com ela e tudo ficará bem!

Em respeito e admiração à sua sabedoria, Roger concordou com a sogra, entristecendo-se pelas reviravoltas da vida, prestando auxílio à esposa na separação dos pertences que seriam levados.

60

Saint-Louis

dos Inválidos

Capítulo 9

Como o prometido, a senhora Florência foi ao encontro da neta, entretanto, retornou para junto de Eloíse e Roger empalidecida.

- O que houve mamãe? - espantou-se a filha.

- Madeleine não está em seu quarto! - informou sem rodeios.

De ímpeto, Roger correu para o quarto da filha, testificando a ocorrência.

- Eloíse, tranquilize a sua mãe antes que ela sofra um mal súbito, irei em busca da nossa filha, por certo não foi para muito longe - solicitou o marido retirando-se às pressas.

Do lado externa da casa, o desespero cingiu-lhe não sabendo por onde iniciar à procura, quando de repente, surgiu-lhe um

Saint-Louis

dos Inválidos

direcionamento, sem que imaginasse o espírito do irmão Marlon o guiava com a anuência de Deus.

Roger se encaminhou para a estalagem onde os oficiais estavam hospedados, adentrando-a, não precisou ser anunciado, deparando-se com o oficial Andre numa prosa animada com os seus companheiros.

- Senhor Dufour, o que faz aqui? - questionou o oficial engolindo a seco a saliva.

- Venho em busca da minha filha Madeleine - proferiu em acusação.

O espanto do oficial deu-lhe a certeza da sua insipiência.

- Então, não sabe onde ela está? - persistiu Roger a fim de se certificar.

- Asseguro-lhe que não! - atestou o oficial - Se me permitir, eu o ajudarei nas buscas?

Roger balançou positivamente a cabeça, sem dúvidas, retornar para a casa sem Madeleine seria um choque para ambas as mulheres que os aguardavam.

Tencionando sair da hospedagem, foram impedidos pela

repcionista da estalagem.

- Cavalheiros esperem, desculpem-me pela intromissão!

- Mulher, diga logo o que deseja, estamos com pressa? - notando a sua descortês conduta, Roger redimiou-se - Perdoe-me, estou nervoso, eu a minha filha discutimos, e agora ela está nas ruas sozinha, já é noite, eu temo que o pior lhe aconteça.

- Por que discutiram? - quis saber o oficial.

- Um sério desentendimento entre pai e filha - omitiu Roger em temor da descoberta, ao posteriormente fitar a recepcionista da estalagem - O que de fato tem a nos contar?

62

Saint-Louis

dos Inválidos

- Escutei a conversa dos cavalheiros - enrubesceu-se a mulher por via da sua bisbilhotice - Uma jovem pediu-me um quarto na estalagem, creio que seja a mesma que procuram.

- Em que quarto a hospedou? - precipitou-se Roger.

- Em nenhum deles! - a mulher baixou o olhar - Pensei que fosse uma jovem expulsa do seu lar, não quis confusão, de problemas, já bastam os meus.

- Senhor Dufour, o tempo nos é precioso, partamos imediatamente - clamou o oficial.

- Eu ainda não terminei! - vociferou a mulher - Eu lhe neguei um quarto, contudo, não lhe neguei um abrigo.

- Onde ela está? Se algo lhe acontecer, a minha vida se findará neste instante - Roger foi ouvido pela filha que se mantinha escondida num quartinho, aos fundos da cozinha.

- Papai, não diga isso novamente, nem por brincadeira - em comoção, a jovem saltou em seu pescoço como nos tempos de criança, num abraço terno e caloroso - Não quis aborrecê-lo, imaginei que se eu partisse, todos seguiriam com as suas vidas em

paz, por vezes, sinto que eu seja um estorvo na vida de vocês.

Acariciando o rosto da filha, surpreendeu-a com a sua declaração.

- Assim que retornarmos para casa, conversaremos em família a respeito das razões que acarretaram a sua conduta, prometendo respeitar e acatar a sua decisão, seja lá qual for - as últimas palavras associaram-se às lágrimas derramadas, na convicção de que a filha optaria por uma vida de servidão ao rei.

Roger exprimiu o seu agradecimento à recepcionista, desculpando-se pelas palavras ditas no calor da emoção, um ato compreendido pela mulher que não guardou mágoa, em retorno aos

Saint-Louis

dos Inválidos

seus afazeres antes que recebesse a advertência do patrão.

- A senhorita esteve todo esse tempo aos fundos da cozinha? -
interrogou o oficial.

- Aos fundos da cozinha e próxima da despensa... muito
próxima... - retrucou a jovem.

- Entrou na despensa? - estremeceu-se o oficial.

- Sim, eu entrei! - confirmou a jovem Mady.

- Podem me explicar o que está havendo? - o silêncio intrigou

Roger, principalmente, ao ser tolhido de averiguar o sucedido, posto
que o oficial se posicionasse à sua frente.

- Não há nada a ser visto! - o oficial fracassou na sua tentativa de
impedi-lo, proferindo aos brados - Por favor, entenda-me, eu só
ansiei ajudá-los!

Roger abismou-se com o visualizado, as iguarias outrora vendidas
para forasteiro recém-chegado à cidade estavam armazenadas na
despensa.

- Explique-se? - requisitou Roger, posto que o oficial estivesse
atrás de si, similarmente a filha que esperava pela mesma explicação.

- Admito ter encontrado no recém-forasteiro a oportunidade perfeita para ajudá-los. Um agrado por todo bem praticado a uma humilde população que perece da mesma forma que a sua família, numa luta diária pela sobrevivência.

- Se desejava nos ajudar, por que não comprou as iguarias diretamente de nós, que somos os fabricantes e fornecedores? Por que pagou duas vezes pela mesma mercadoria? Uma ao recém-forasteiro e outra para nós? - Roger duvidou das suas reais intenções.

- Senhor Dufour, a minha chegada a esta cidade não lhe causou uma boa impressão, temi a sua recusa - o oficial usou de sinceridade,

Saint-Louis

dos Inválidos

ocultando a sua fascinação pela jovem.

- Confiarei em suas palavras, porém, eu devolverei a quantia gasta, ciente de que o oficial não consumirá todas as mercadorias que se deteriorarão no prazo decorrente de quinze dias. Reconheço a sua prática benevolente, desculpando-me pelo julgamento precipitado, decerto, não saberia da sua ação se Mady não tivesse desaparecido e se eu não me encontrasse aqui.

- Senhor, eu não quero a devolução da quantia gasta, com todo o respeito, a mercadoria é minha por direito de compra, portanto, a distribuirei aos mais necessitados.

A intrepidez do oficial surpreendeu Roger, no mais, suscitou o pulsar acelerado do coração da jovem Mady, conquistando-a em excedente admiração.

Em esclarecimento, o oficial faria a distribuição na manhã seguinte, declarando que assim que retornasse ao Palácio, feito este que se daria após a localização e encaminhamento de Madeleine Blanchard à presença do rei, exporia a situação da cidade, na esperança de que a assistência fosse concedida aos seus residentes.

O olhar tristonho da jovem Madeleine foi captado pelo pai em entendimento de que a sua liberdade implicaria na continuidade de uma cidade em esquecimento.

Roger apressou a partida, temendo que a filha revelasse ao oficial a sua identidade antes de terem a conversa em família como havia sido o prometido.

Na porta da estalagem, o oficial acompanhou com o olhar a caminhada entre pai e filha, suspeitando que por detrás do desentendimento, se camuflasse um segredo.

Saint-Louis
dos Inválidos

66

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 10

Em retorno à casa, Mady foi recebida aos prantos por sua mãe e avó.

Serenando os ânimos, todos se sentaram ao entorno da mesa tencionando a compreensão do ocorrido e dos próximos passos a serem tomados pela jovem.

- Por que se escondeu na estalagem? - inquiriu o pai

- A estalagem foi o único lugar que me veio à mente, na verdade, anelei revelar a minha verdadeira identidade ao oficial Andre, desistindo do feito ao vê-lo em companhia de outros oficiais. Por conseguinte, avistei a recepcionista, e sem recursos financeiros, supliquei por auxílio, e ela generosamente me ofertou o quarto aos

Saint-Louis

dos Inválidos

fundos da cozinha sem questionar os motivos que acarretaram tal pedido, obtendo uma imensa surpresa ao me deparar com todas as nossas iguarias, sem dúvidas, o oficial denotou o seu valor ao comprá-las na intenção de nos auxiliar - explanou a jovem diante dos olhos perscrutadores da família.

- Qual o seu sentimento pelo oficial? - perguntou a mãe em constatação dos seus olhos brilhantes e sorriso cativante, ocasionando espanto em Roger que não havia desconfiado do interesse amoroso de ambos os lados.

- Nenhum interesse! - enrubesceu-se Mady - Eu e o oficial somos amigos, além do mais, de nada adiantará um envolvimento que não será abençoado por Deus.

- Se o amor nutrido for sincero e verdadeiro, Deus abençoará! - pronunciou-se à senhora Florência em comiseração da jovem que evidenciava a sua perturbação emocional.

- Vovó a senhora não compreendeu, os desígnios de Deus para minha vida são outros - replicou em enigmas.

- Mady se refere à sua servidão ao rei Luís, não é isso minha

filha? - Roger foi objetivo, cogitando que postergar o óbvio não traria paz à família.

- Sim papai, é isso! - confirmou Mady em omissão de uma póstera revelação, posto que não pudesse citar as instruções do irmão Marlon para que fosse concretizado o seu retorno.

- Eu não admitirei que a minha única filha se torne a concubina do rei - Eloíse alterou o seu timbre de voz, contudo, o olhar terno da filha abrandou-lhe os nervos.

- Mamãe, o meu destino é superior ao almejado pelo rei - proferiu em lágrimas - Deveras, eu o servirei, em contrapartida, estenderei a

Saint-Louis

dos Inválidos

minha servidão não só a Deus, o meu único Senhor, mas aos homens desprovidos de amor e esperança.

Eloíse franziu a testa ao juntar das suas sobrancelhas, os dizeres da filha não lhe faziam o menor sentido, por sua vez, a senhora Florência mais ouvia do que falava, na certeza de que não deveria se intrometer na decisão dos pais, ainda que o seu coração se dilacerasse em dor com a vida de infortúnios que a neta estaria propensa a passar.

Roger analisou com cautela o enunciado da filha, recordando-se que em sua imaturidade ela teria dito algo do gênero e que agora, o fez ponderar tal ação, numa frase que ressoava em sua mente: - Não tenha medo! Deus enviou o seu Emissário, a minha trajetória está fadada a dor e ao sofrimento que sentirei por meus semelhantes, contudo, eu nunca estarei em desamparo. Em breve, renunciarei a vida em sociedade para servir na Casa do Senhor.

- O que de fato Mady quis dizer com isso? - questionou-se a si mesmo.

- Papai, permita-me retornar para a nossa cidade de origem, mais

do que isso, permita-me servir ao rei? - Mady o dispersou dos pensamentos.

Roger presenciou as lágrimas que se derramavam pela face da esposa, consecutivamente, fitou a sogra que baixou o olhar, restando-lhe a incumbência de outorgar o destino da filha.

- Me deem um instante a sós, por favor, é tudo o que eu necessito!

- Roger levantou-se da mesa, dirigindo-se ao quarto do casal, suscitando assombro nas mulheres que não atinaram a sua reação, em respeito ao delicado momento por qual todos passavam.

Enquanto aguardavam pela volta do patriarca da família, mãe,

Saint-Louis

dos Inválidos

filha e avó confabulavam assuntos diferentes do abordado a fim de minimizar o clima tenso eclodido.

Sozinho como o tencionado, Roger se pôs a chorar, lançando-se de joelhos ao chão.

Pai Altíssimo!

Perdoe-me por todas as vezes que blasfemei em seu nome.

Perdoe-me por minha inaptidão de proteger a minha família, no desejo fracassado de resguardar Madeleine do futuro desventuroso que há de vir.

Reconheço que eu não seja merecedor das suas glórias, porquanto, todas as minhas realizações foram em temor de perdê-las.

Reneguei o Altíssimo, assim como reneguei o espírito que se dispôs a nos auxiliar.

Envergonho-me da minha conduta, por achar que caberia ao Senhor a resolução de todos os meus problemas, quando na verdade, caberia a mim lutar por meus ideais e acreditar que os seus desígnios tendem a me tornar um homem melhor do que um dia eu fui.

Perdoe-me, ainda que seja tarde demais para clamar a minha absolvição.

Neste momento, esqueça de mim, e volte a sua misericordiosa atenção à minha família.

Não as deixe perecer por minha ignorância, eu temo a retaliação do rei.

Eu rogo Senhor, as proteja de qualquer infortúnio e me faculte o destino verdadeiro de Madeleine para que eu não haja contra a sua determinação.

Saint-Louis

dos Inválidos

Que assim seja feita a tua vontade.

Amém!

- A sua ignorância transmuta-se no amor diário à sua família, acalente o seu coração, o rei não praticará qualquer retaliação contra a família escolhida pelo Altíssimo.

Roger ergueu o olhar, boquiaberto defronte o presenciado.

Deus ouviu as suas súplicas de sincero arrependimento, brindando-o com a manifestação espectral do estimado irmão Marlon, em continuidade do seu pronunciar.

- Por anuência de Deus, esta será a única vez que me contemplará, no entanto, me ouvirá em todas as vezes que sentir o desejo de se aconselhar. O destino de Madeleine foi alterado em sua fuga, não a deixe se desviar do seu caminho por mais tempo.

Envolto à luz, o espírito se comunicava, embasbacando Roger que gaguejava em todas as tentativas de inquiri-lo.

- Respire profundamente, não tema a minha presença! - irmão

Marlon espalmou as suas mãos na direção de Roger, agraciando-o com fluídos salutareis, visto que a sua manifestação fosse breve em

virtude do rápido desprendimento energético.

Por fim, em controle emocional, Roger formulou a sua questão.

- O irmão recomenda que eu conduza Madeleine ao rei?

- Sim, eu o recomendo! - concordou, em acréscimo - A nossa missão está em atraso!

- Em atraso? - Roger suspendeu uma das sobrancelhas.

- Madeleine é a minha pupila, enquanto ela não cumprir a sua missão, a minha se manterá estagnada - em entendimento, irmão Marlon era o mentor espiritual da jovem, carecendo do seu auxílio

Saint-Louis

dos Inválidos

para que ambos evoluíssem conjuntamente.

Não detendo o conhecimento da Doutrina Espírita, Roger deixou passar em despercebido esse pormenor, escutando atenciosamente a próxima instrução do espírito.

- Retorne para junto da sua família e consinta o desejo de Madeleine, no entanto, antes de partirem, revelem o sucedido ao oficial Andre, que terá uma importante participação na vida da jovem.

- Pressinto que ganharei um genro! - a brincadeira de Roger gerou uma severa repreensão por parte do espírito.

- Madeleine seguirá o caminho traçado por Deus, não crie expectativas que partirão o seu coração, execute o que lhe foi determinado.

Sem a compreensão, Roger refletiu consigo.

- Mady atingiu a idade de se casar, não entendo as expectativas que eu criarei? Algum dia ela sofrerá por amor, afinal, ninguém comanda as peripécias de um coração apaixonado.

Irmão Marlon captou telepaticamente os seus pensamentos, sem

que tivesse o aval de lhe fornecer maiores esclarecimentos.

- Preciso regressar à morada do Senhor, a minha energia se esgota. Adeus, meu irmão!

- Adeus! - replicou sem contestar a sua partida, sentindo-se integralmente revitalizado.

Juntando-se à família como havia sido o instruído, Roger pasmou as mulheres em face da sua serenidade.

- Retornaremos à nossa cidade, e você minha filha, seguirá a voz do seu coração.

- Roger, a nossa filha se tornará... - Eloíse foi tolhida de

Saint-Louis

dos Inválidos

prosseguir pelo próprio marido.

- Está decidido! - antes de se retirar, solicitou - Madeleine, ao raiar do sol, traga o oficial Andre perante a minha presença.

- Por que a minha neta traria o oficial perante a sua presença? - a senhora Florência não se conteve, receando a prisão da família.

- Clamaremos aos oficiais que nos escoltem em nosso regresso, a senhora sabe o quanto é perigoso andarmos com os inimigos à nossa espreita - em denotação da fé, proferiu a fim de acalmá-la - Deus nos salvaguardará, contanto que façamos a nossa parte!

Roger se retirou no almejo de evitar pósteros questionamentos, sendo-lhe extremamente difícil tomar a decisão de entregar a filha ao rei, ainda que o irmão Marlon garantisse a sua segurança, assim como a de todos.

Notando a mudança repentina do pai, Mady correu no intento de alcançá-lo, posto que ele tivesse optado por um breve passeio pela vizinhança.

- Espairecendo os pensamentos? - interpelou a jovem.

- E são muitos os pensamentos! - assegurou Roger.

- O que o fez mudar de ideia? - indagou-lhe em curiosidade.

Roger sorriu-lhe maliciosamente sem o pronunciar de uma única palavra.

Em recíproca, a jovem intuiu que o pai não só havia resgatado a sua fé no Senhor, como aceitado a presença do irmão Marlon em sua vida, bastando para que o seu peito se inflasse de felicidade.

Por alguns minutos, pai e filha caminharam de mãos dadas, o amor fraternal sobressaía-se a qualquer temor, na convicção de que Deus zelaria pelo bem-estar da família Blanchard.

Saint-Louis
dos Inválidos

74

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 11

O findar da noite decorreu tranquilamente, assim como o amanhecer.

Atendendo à solicitação do pai, Madeleine procurou pelo oficial que distribuía as iguarias compradas aos residentes da pequena cidade.

- Bom dia, oficial! O meu pai roga a sua presença em minha humilde residência.

- Bom dia, senhorita! Por que o senhor Dufour desejaria a minha presença?

- Só adiantarei que o teor do assunto propiciará a paz anelada ao senhor e aos oficiais que o acompanham - proferiu acanhadamente.

Saint-Louis

dos Inválidos

- A paz anelada será impossível, estamos em guerra, ainda assim, conversarei com o seu pai ao término da distribuição.

Mady prestou-lhe assistência, em minutos, se direcionaram à residência dos Blanchard.

Adentrando-a, o oficial foi cordialmente recebido por todos os membros da família.

- Queria falar comigo, pois aqui estou, senhor Dufour!

Ouvindo o sobrenome que não correspondia ao seu, Roger se engasgou com a própria saliva, iniciando uma crise de tosse compulsiva que somente foi remediada com a ingestão de dois copos de água, aumentando as suspeitas do oficial.

- Se o senhor preferir, voltarei numa ocasião mais oportuna - sugeriu o oficial mediante a sua súbita palidez.

- Nenhuma ocasião será mais oportuna do que esta! - numa surpreendente recuperação, Roger indicou-lhe uma das cadeiras ao redor da mesa, requisitando a participação da família numa reunião que colocaria fim as omissões, num destino predestinado por Deus. Sem que fosse interrompido, Roger esmiuçou os acontecimentos

de outrora, enfatizando a vontade do rei em tornar Madeleine a sua concubina, fator determinante da sua fuga.

- Não tem nada a nos dizer? - não só Roger, como toda a família assombrou-se perante a reação do oficial.

- Senhor Dufour, digo, Blanchard! Há tempos desconfio do relato outorgado, todavia, não assimilo o julgamento que fazem do rei? - o oficial expressou a segurança das suas palavras - A minha busca se fundamenta numa jovem devota a Deus, sendo contraditório pensar em tal possibilidade.

- Por que não me denunciou ao rei? - interrogou a jovem.

Saint-Louis

dos Inválidos

O oficial não conseguiu expor em palavras o sentimento que o dominava, ainda assim, os seus olhos denunciaram o amor que crescia em seu coração.

- Madeleine não cederá aos caprichos do rei, aliás, não cederá aos caprichos dos homens que os servem - esbravejou Roger.

- Perdoe-me, não quis desacatá-lo! - o oficial baixou o olhar -
Creio que seja pertinente a minha retirada.

O oficial fez menção de se levantar, ao ser tolhido de prosseguir.

- Sente-se, eu ainda não terminei! - continuou Roger.

- Mamãe, vovó, digam algo! Papai está sendo extremamente rude com o nosso convidado - os dizeres da jovem abrandaram o temor do oficial, na certeza de que os seus sentimentos fossem correspondidos, e de fato eram.

- O seu pai fará o que for melhor para a nossa família - respondeu a senhora Florência.

- Minha querida, ouça os conselhos da sua avó, ela é uma mulher sábia - retrucou Eloíse, em submissão ao marido e respeito à mãe.

- Senhorita, o seu pai te ama incondicionalmente, estou certo de

que as palavras a mim direcionadas sejam no intuito de resguardá-la
- o oficial esboçou um sorriso para Madeleine, desarmando Roger de
qualquer ataque verbal.

Indubitável dizer que o oficial soubesse lidar com qualquer
situação sem exaltar-se.

- Retornaremos com os oficiais ao Palácio de Versalhes -
anunciou Roger.

- Senhor Blanchard, isto implicará na escravidão da senhorita
Madeleine. Não permitirei que isso aconteça, omitirei a minha
descoberta e partirei hoje mesmo desta cidade - o oficial propôs a sua

Saint-Louis

dos Inválidos

desistência.

- Ama tanto a minha filha ao ponto de passar o resto da sua vida numa busca incoerente que privará o seu retorno ao lar? - a indagativa de Roger embasbacou a todos - Sem dúvidas, é um homem de valor e digno do meu respeito, contudo, pense nos seus companheiros, não seria justo com eles.

Ao novamente baixar o olhar, o oficial se consternou, não havendo escapatória.

- Não se desole por seguirmos caminhos opostos as nossas determinações, nem sempre o que desejamos para as nossas vidas seja o ideal - enunciou a jovem.

- Almeja servir ao rei? - o oficial franziu a testa.

- Almejo servir primeiramente a Deus! - a resposta da jovem o aturdiu ainda mais.

No fito de encerrar a reunião, em testemunha da incomensurável tristeza do oficial, Roger pronunciou-se em alto tom.

- Notifique aos oficiais o reconhecimento de Madeleine Blanchard.

- Notificarei agora mesmo! - afirmou num prantear contido, julgando que a jovem não se importasse em se tornar a concubina do rei.

O oficial se despediu de todos, em especial, da jovem ao feito de beijar-lhe as mãos.

Vendo-o partir, Roger se aproximou da filha evidenciando o marejar dos seus olhos.

- Por que a mesma tristeza do oficial transborda em seus olhos?

- Porque o amor que sinto jamais será vivenciado!

Sem entendimento, Roger a enlaçou em seus braços, certo de que

Saint-Louis

dos Inválidos

a filha carecesse do seu amparo, em lágrimas derramadas e camufladas, na ânsia de lhe passar uma força inexistente.

79

Saint-Louis
dos Inválidos

80

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 12

O oficial Andre transmitiu aos seus companheiros a descoberta que facultaria o regresso aos seus lares, mormente, às suas famílias. Ainda que não houvesse a fartura dos alimentos, o festejo dos homens foi regado a muita cantoria, porém, Andre optou pela reclusão, pensativo nos últimos eventos e na perda de um amor que não havia sido declarado, tampouco, consumado.

Horas se passaram, e assim, o oficial se encorajou a sair à procurar do patriarca da família Blanchard no intento de comunicar a partida dos oficiais naquele mesmo dia, ao findar da tarde quando o sol atenuaria a sua intensidade.

Enfim, os oficiais foram ao encontro da família.

Saint-Louis

dos Inválidos

Sem cavalos que os conduzissem, Andre determinou que cada membro dividisse a sela com um dos oficiais, sendo óbvio que a jovem Madeleine ficaria ao seu encargo.

A extenuante trajetória foi iniciada entre muitas paradas, em virtude da saúde debilitada da senhora Florência que apresentava vertigens e dores no corpo durante a cavalgada.

A família Blanchard apreciou a paciência e benevolência dos oficiais, que lhes estendiam as mãos como se fossem velhos conhecidos.

Mady que havia sido a incentivadora do retorno, denotava a sua tristeza, visto que Andre a tratasse com total desdém, não suportando a angústia que a sufocava, tratou de esclarecer o ocorrido numa das paradas em que todos dormiam, exceto ela e Andre.

Já era noite, Andre estava de sentinela quando foi abordado pela jovem.

- Não dormirá como os demais?

- Em breve, trocarei de turno com um dos oficiais a fim de refazer-me da exaustão - disse sem fitá-la no olhar.

- A minha companhia o perturba?

- De modo algum! - desta vez, o oficial lançou o olhar para o lado oposto.

- Almeja que eu me retire?

A resposta do oficial delongou-se a ser outorgada, e ao ver Mady distanciar-se, clamou.

- Fique ao meu lado, a sua companhia me trará a paz almejada.

- Paz? Impossível, estamos em guerra! - gracejou Mady.

Em lembrança dos dizeres similares, o oficial gargalhou ao ser censurado pela jovem.

Saint-Louis

dos Inválidos

- Psiu! Assim acordará a todos!

Subjugado ao amor, Andre apanhou as mãos da jovem, elevando-as aos seus lábios, num beijo terno e apaixonado.

- Fingir que eu não me importe com a senhorita não mudará os meus sentimentos.

- E o que sente por mim? - arriscou-se a jovem Madeleine, sentindo as batidas aceleradas do seu coração.

- Eu sinto a chama da paixão abraçar o meu coração, contudo, compreendo a sua escolha ao rei do que a minha - declarou o oficial.

- E o que compreende? - perguntou-lhe tremulamente.

- O rei lhe dará uma vida de luxo, uma vida sem privações, enquanto eu, um simples oficial nada terei a lhe oferecer, a não ser, o amor sincero que extravasa do meu ser.

- O amor basta-me para ser feliz! - garantiu a jovem Mady - Meu pai contou que a família Blanchard havia conhecido a realeza, todavia, eu nasci na penúria sendo-me indiferente os valores financeiros pelos quais os homens brigam e até guerreiam por sua posse.

- Se a riqueza não lhe atrai, por que anseia o seu regresso junto ao rei? - o oficial anelava entender as razões que o afastariam da jovem.

- Um dia compreenderá que os desígnios de Deus são superiores aos nossos e que a sua vontade sempre prevalecerá - Mady reparou na sua falta de tino, num acréscimo de palavras que o estonteceu - Eu não anseio me tornar a concubina do rei, se é isto o que deseja saber, apenas servi-lo.

- A servidão ao rei resultará no mesmo feito, senhorita Madeleine, fuja comigo!

A jovem não se permitiu envaidecer por intermédio da proposta

Saint-Louis

dos Inválidos

de um homem disposto a enfrentar tudo e todos por amor, sem temer pela vida que lhe havia sido dada por Deus.

- Eu fugi por toda a minha vida, por obséquio, não me peça para continuar nesse martírio, sobretudo, não me peça para colocar a sua vida em risco. Se o rei descobrir a insanidade da sua proposta o confinará na masmorra por alta traição pelo resto dos seus dias - o argumento da jovem fez com que o oficial refletisse na sua insensatez.

Pela primeira vez, Mady sentiu uma dor profunda e inexplicável em seu coração, o amor de um homem havia tocado a sua inocência, entretanto, a sua rejeição haveria de ser dada.

- Para a nossa segurança, esqueçamos a conversa desta noite - recomendou a jovem.

- Pede-me para esquecer o amor que infla em meu peito? Não tenho medo do rei, se este for o empecilho, eu o matarei! - bravejou Andre, que por pouco não foi flagrado pelo oficial que faria a sua substituição na troca de turno.

Numa ação impremeditada, a jovem o abraçou fortemente, num

sussurro penoso.

- A morte do rei não o agradecerá com a nossa união!

Afastando-a de si, o oficial indagou-a de olhos esbugalhados.

- Então, eu devo entender que o meu amor não seja correspondido?

Neste instante, o oficial da troca de turno se apresentou, sendo este, um alívio para jovem que não obteve tempo para responder ao seu questionamento.

- Boa noite, oficiais!

- Boa noite, senhorita! - os oficiais responderam em

Saint-Louis

dos Inválidos

simultaneidade.

Em lágrimas, a jovem se afastou do grupo no fito de orar a Deus, e com isso, clamar pela assistência do irmão Marlon que em silêncio, compadecia-se do seu sofrimento.

- Irmão Marlon, pode me ouvir? - nada foi dito - Por que me desamparou?

Minutos após, o espírito do irmão Marlon surgiu, aplacando a sua dor.

- Pensei que não viesse!

- Desculpe-me pela demora, postulava ao Pai Altíssimo a autorização para me manifestar, porquanto, em seu clamor eu enxugava as suas lágrimas.

O informe suscitou um pranto ainda maior na jovem, no entanto, de aprazimento.

- Sou grata a Deus por tê-lo ao meu lado, mas...

- Eu sei exatamente o que se passa em seu coração - na escolha das palavras, dilucidou o irmão Marlon - Deus a escolheu dentre os seus filhos mais devotos por uma razão especial, és merecedora de

tal benção, ainda que de momento esteja imersa em profundo sofrimento. O amor renegado não amofinará a sua existência. Confie e espere!

- Se ao menos eu pudesse partilhar o futuro venturoso que o Pai Altíssimo me designou com aqueles que eu amo, entenderiam a minha conduta sem julgar-me, ainda que digam que não o façam, desconfio que seja meramente para me agradar - desabafou Madeleine.

- Não se melindre com os julgamentos que lhe farão, Deus é perfeito em sua existência, misericórdia e sabedoria, e mesmo assim,

Saint-Louis

dos Inválidos

existirão aqueles que julgarão as suas realizações - sem que planejasse, o irmão reacendeu a esperança na jovem, que cessou imediatamente as suas lamentações - Assim que Roger se apresentar ao rei, tudo será devidamente esclarecido. Não possuo o aval para interferir nas escolhas dos homens, no anseio de que eles aprendam com os seus erros e acertos. Descanse agora, carecerá de energias pelos dias que sucederão.

Em obediência, a jovem retornou para junto do grupo, acomodando-se ao lado da família, num sono revitalizante que tão somente, seria zelado pelo irmão Marlon.

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 13

Um novo amanhecer resplandeceu.

Todos levantaram dispostos para dar continuidade a jornada de regresso.

Madeleine dividiu a sela de um cavalo com outro oficial, gerando a desconfiança do pai que aguardou pela próxima parada para interrogá-la a respeito.

- Parece-me mais triste do que no dia que partimos, não era isso o que desejava?

- Sim, meu pai, era isso! - respondeu-lhe num sorriso forçado.

- Não tente me enganar, conte ao seu velho pai o que sucedeu entre você e o oficial Andre na noite de ontem? - Roger demonstrou

Saint-Louis

dos Inválidos

ser um pai excessivamente protetor.

- Então, o senhor nos viu! - Mady relatou ao pai o acontecido, temendo uma repreensão.

Ao contrário do imaginado, Roger confortou-a em seus braços, convicto de que a decisão da filha fosse das mais difíceis, ignorar o amor que desabrochava em seu coração.

- Não quero que sofra por arrependimento, desistamos enquanto é tempo!

- O sofrimento é inevitável, contudo, me agarrarei na crença de que Deus embrandecerá o meu coração, não desistirei da missão que me foi designada - proferiu com a voz embargada pela emoção -
Abdicarei do amor carnal para servir na Casa do Senhor.

Novamente, Roger associou a Casa do Senhor com o Palácio de Versalhes, não atinando a relutância da filha em manter a sua castidade e lealdade ao rei.

Os seus pensamentos foram dispersos pelo bradar de um oficial que avançou caminho no anseio de se certificar da segurança do grupo.

- Perigo! Inimigos à frente!

Às pressas, o oficial Andre determinou que todos subissem em seus cavalos, em retorno.

- Sigamos adiante! - Mady o contrariou.

- Senhorita, se não regressarmos agora, seremos capturados como prisioneiros de guerra - vociferou Andre no intento de que ela compreendesse a gravidade da situação.

- Fujam, eu seguirei sozinha! - bradou a jovem em sua obstinação.

- Madeleine, eu ordeno que nos acompanhe! - o entonar ríspido de Roger a embaraçou.

Saint-Louis

dos Inválidos

Em obediência ao pai, Mady subiu no cavalo, sob o olhar enternecido de Andre que falou em sutil aproximação.

- Lutaríamos bravamente por sua vida se estivéssemos em número excedente de homens. Uma jovem bela como a senhorita servirá unicamente aos desejos carnais de bárbaros.

Madeleine caiu imediatamente em si, sem argumentos que o refutassem.

Sem rotas alternativas, o grupo realizou o mesmo trajeto de retorno, desolando-se por via do tempo perdido.

A senhora Florência era a que mais sofria, ao ser assiduamente amparada pela família.

Andre que atentava-se à segurança de todos, abrigou-os numa gruta que por ora, serviria de esconderijo na intenção de proporcionar o descanso carecido à velha senhora.

- O que fará? - Roger o viu apanhar alguns galhos de árvores e se distanciar do grupo.

- Apagarei os rastros dos cavalos para que os inimigos não nos localizem.

- Sozinho não dará conta, eu o auxiliarei nesta fatigante tarefa -
prontificou-se Roger.

- Que assim seja senhor Blanchard! - expressando a sua gratidão
por intermédio do olhar, ambos balançaram de maneira ininterrupta
os galhos ao chão.

Sem que apercebessem, haviam se distanciado bem mais do que o
planejado.

- Voltem imediatamente!

- O que disse? - interpelou Roger em sua distração.

- Eu não disse nada! - replicou o oficial.

Saint-Louis

dos Inválidos

- Voltem imediatamente! - persistiu a voz, desta vez, em reconhecimento.

- Por que deseja o nosso retorno? - perguntou Roger em alto tom, esquecendo-se de que o contato espiritual poderia ser realizado por meio telepático.

- Madeleine corre perigo! - comunicou o espírito do irmão Marlon.

Em desespero, Roger dirigiu a sua fala ao oficial que o mirou boquiaberto, colocando em julgamento a sua insanidade mental.

- Se realmente ama a minha filha, salve-a!

Embora não tivesse o entendimento, correu atrás de si, a pouca distância da gruta ouviu o tilintar das espadas e os gritos das mulheres.

Recordando-se do conselho que havia dado a Madeleine, o coração do oficial comprimiu-se em dor, fazendo-o se curvar, sem tempo para se refazer do mal súbito, fez sinal para que Roger o aguardasse, enquanto adentraria a gruta de espada em punho.

Roger não acatou o seu pedido, e desprovido de armas,

encorajou-se a também adentrar a gruta, aterrorizando-se com a cena.

Os corpos dos oficiais que realizaram a escolta da família se

encontravam estendidos no chão, ensanguentados e sem vidas.

- Chegamos tarde! - anunciou Andre, visualizando a retirada dos inimigos.

- Estão com a minha família, há tempo de alcançá-los! - Roger foi tolhido de prosseguir.

- Se o senhor executar o resgate da sua família sem uma estratégia de ataque, será covardemente assassinado.

De fato, os dois homens nada fariam contra dezenas de soldados

Saint-Louis

dos Inválidos

inimigos.

- Como procederemos? - questionou Roger.

- Informaremos ao rei o sucedido, a fim de que ele nos obsequie com um novo grupo de oficiais, decerto não negará o auxílio.

Roger temeu a sua aparição defronte ao rei Luís, ainda assim, não pouparia esforços para localizar a sua família, agora, sendo ele a apressar o retorno.

- Os inimigos partiram para o lado oposto, eu presumo que não encontraremos obstáculos em nossa trajetória.

- Presumo o mesmo, conquanto, eu solicitaria que me concedesse tempo para sepultar os corpos dos meus companheiros, há anos guerreamos juntos, que ao menos eu possa realizar uma última homenagem em despedida.

- Perdoe-me a frieza de sentimentos, a minha família é tudo o que eu tenho! - em auxílio, Roger cavou ao lado do oficial as valas que serviriam de sepulcros.

Em excedente esforço, Andre puxou os corpos dos companheiros pelo chão, lançando-os nas valas, não desejando sobrecarregar Roger

que denotava a sua fadiga.

Acreditando ter finalizado a tarefa, o oficial visualizou os pés de dois corpos aos fundos da gruta, um fator que ocasionou a sua demora.

- Partamos agora! - bradou Roger, flagrando-o numa cena suspeita - O que encontrou?

- Fique onde está! - requisitou o oficial sem ser atendido.

Roger se aproximou, lançando-se de joelhos ao chão, num grito agonizante.

Eloíse e a senhora Florência foram mortas pelos inimigos sem

Saint-Louis

dos Inválidos

qualquer chance de revide, sensibilizando o oficial que pranteou junto à Roger, em desabafo pela dor de tantas perdas num só dia, ainda que a guerra favorecesse tais perdas.

Roger sepultou ambas as mulheres igualmente aos oficiais, conquanto, ao invés de puxá-las, carregou-as ternamente em seus braços, depositando-as nas valas.

Em cada sepulcro foi colocado uma cruz de madeira, confeccionados com os galhos das árvores, para que assim fosse demarcado o local da tragédia.

De encontro aos cavalos que se mantinham atrelados num pesado tronco de madeira, o oficial segurou fortemente as rédeas de dois para que obtivessem o transporte de retorno ao Palácio, libertando os demais na ânsia de que se assegurassem da própria sobrevivência.

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 14

A prostração de Roger tornou-se evidente, assim como a do oficial.

- Logo anoitecerá, busquemos refúgio! - recomendou Andre.

- Seguirei adiante, cada segundo perdido simbolizará o padecimento de Madeleine - disse Roger de olhos inchados e avermelhados.

- A nossa interrupção visará o refazimento das energias, cavalgamos o dia inteiro sem nos alimentarmos, se prosseguirmos nesse ritmo, não chegaremos ao Palácio de Versalhes - os dizeres do oficial fizeram sentido, em concordância, Roger suspendeu a caminhada.

Saint-Louis

dos Inválidos

Sem um novo esconderijo, acamparam a céu aberto, sob a luz das estrelas, fazendo com que Roger se recordasse das conversas restritas entre pai e filha.

Acomodado no chão, surpreendeu-se com a generosidade do oficial em brindá-lo com um pedaço de pão e um cantil de água.

- Perdoe-me senhor Blanchard, é tudo o que temos no momento!

Mesmo que eu caçasse uma codorna para saciar a nossa fome, a chama da fogueira nos denunciaria aos inimigos, portanto, se alimente e se cubra, a noite será longa e fria.

- Grato por sua benevolência e preocupação, no entanto, acostumei-me com uma vida de privações - Roger partiu o pão em minúsculos pedaços no anseio de prolongar a degustação, sendo esta uma forma de enganar o estômago.

Ao término, de posse dos pertences da família, Roger apanhou uma grossa manta para se aquecer, ofertando o oficial com outra, visto que ele tremesse de frio, em retribuição do zelo que lhe havia sido atribuído.

Ao também se alimentar, o oficial se cobriu não demorando para

adormecer, o sofrimento de ambos não poderia ser descrito em palavras, apenas sentido com a máxima intensidade.

Em sua agitação, Roger não conseguiu pregar os olhos, e sem muito se afastar, ajoelhou-se no chão, expondo a sua indignação a Deus e ao irmão Marlon.

- Após anos de rejeição ao Senhor, em que novamente me entreguei em suas mãos, eu fui renegado e apunhalado de um modo vil e desumano. Senhor, o que eu fiz para merecer o seu repúdio? Por que não protegeu à minha amada família? Confiei no irmão Marlon, sobretudo, confiei nos planos que foram designados à minha filha.

Saint-Louis

dos Inválidos

Irmão Marlon garantiu-me que nada nos aconteceria. Segui rigorosamente as suas instruções em regresso à nossa antiga morada. Como patriarca da família não as protegi, sinto a culpa dominar-me, suspeito que o oficial Andre sintia o mesmo, percebo o seu sofrimento, ainda que emudecido - julgando que o seu clamor fosse em vão, bravejou - Vingarei à morte de todos!

Anelando a sua retirada, ouviu o entoar sereno do irmão Marlon.

- Deus presenciou a tragédia que aniquilou a sua família, mitigando o sofrimento dos seus filhos, todavia, não o responsabilize pelas ações dos homens, conscientize-se de que no dia do julgamento final todos serão penalizados pelo dissabores causados aos seus semelhantes, não queira estar entre eles. Eloíse e Florência lutaram bravamente por suas vidas, embora desconhecessem a minha presença espiritual, prestaram assistência a Deus para que a vida de Madeleine fosse poupada, da mesma forma que os oficiais que as acompanhavam. Repasse esse conceito ao oficial Andre para que seja atenuado o seu sofrimento, pois este havia sido o plano do Pai, se todos estivessem mortos, não restaria um único ser para resgatar a

jovem, tampouco, o rei obteria o informe do sucedido.

Ruborescido mediante às suas acusações, na reflexão de que nada passa despercebido aos olhos de Deus, Roger anunciou, recebendo a aprovação imediata do irmão.

- O que nos parece punição, por vezes, é livramento!

Antes de partir, irmão Marlon o aconselhou por entre enigmas, ao também agraciá-lo com o amparo que o seu espírito necessitava.

- Não tema a presença do rei, visto que ele o surpreenderá com a revelação que mudará drasticamente o rumo da sua vida, em arrependimento tardio por não ter deixado Madeleine sob a sua

Saint-Louis

dos Inválidos

tutela. Preciso voltar aos meus afazeres, contudo, o Pai Altíssimo anuiu-me a dizer que Eloíse e Florência desfrutarão da paz há tempos almejada, num Plano que possibilitará o restabelecimento dos males que acarretaram o desequilíbrio do espírito, numa vida de plena felicidade e realizações. Adeus! - e assim, o irmão espiritual partiu. Intencionando o seu descanso, Roger foi abordado pelo oficial que havia acordado.

- Por onde andava? Preocupe-me com a sua segurança, ouvi um rugido, por certo, de um animal selvagem e faminto.

- Eu caminhava a fim de esparecer os pensamentos, já que o mesmo não se possa dizer do coração, entretanto, não ouvi nenhum rugido, suponho que tenha sonhado - disse Roger.

- E conseguiu? - desconfiou o oficial.

- Se eu consegui? Sim! Certamente eu consegui! - ainda que atrapalhado, Roger explanou o recomendado pelo espírito, pasmando o oficial que não havia analisado os planos de Deus com a sagacidade apresentada, nem sequer, a probabilidade de um contato espiritual.

Como o anunciado, o sofrimento do oficial foi atenuado, surgindo uma nova interrogativa que caracterizou a sua relutância na aceitação dos fatos.

- Senhor Blanchard, por obséquio, elucide-me! Na ocasião em que apagávamos os rastros deixados pelos cavalos, como soube que o grupo estaria em perigo?

Sem ação, Roger mudou o rumo da prosa por via do rugido anteriormente mencionado.

- Agora, eu ouvi!

- O animal não os atacará, estão envoltos numa cúpula de luz,

Saint-Louis

dos Inválidos

recebendo os fluídos que os beneficiarão na jornada de retorno.

Durmam! - assegurou o irmão Marlon, ao somente ser ouvido por Roger.

Numa ação inesperada, ambos os homens adormeceram sem que apercebessem tal feito.

Saint-Louis
dos Inválidos

98

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 15

Dispostos a enfrentarem os desafios que a vida lhes imputaria, num teste cotidiano de fé e esperança, Roger e Andre partiram rumo ao Palácio de Versalhes.

Três dias e muitas paradas foram obrigatórias para que se restabelecessem energicamente, ainda que a assistência invisível da espiritualidade os amparasse.

Pelas cercanias do Palácio, Roger avistou a casa que outrora havia morado com a família, num suspiro profundo, ergueu a cabeça, dando continuidade à cavalgada.

- Abram os portões! - clamou o oficial Andre à frente do Palácio.

Oficiais em sentinela bloquearam a passagem, receando que se

Saint-Louis

dos Inválidos

tratasse de uma estratégia inimiga de ataque.

Ciente de que nenhuma cautela seria demasiada, se apresentou.

- Eu sou o oficial Andre Collet, há anos parti numa missão decretada pelo rei Luís XIV. Profiram o meu nome ao monarca e certificarão da autenticidade de minhas palavras.

- Deixe-os passar! - bradou um dos oficiais mais antigos, em súbito reconhecimento.

Andre e Roger seguiram o oficial por um extenso corredor que os conduziriam à sala do trono, ao serem anunciados, se depararam com o rei sentado em seu trono.

Numa estranha contemplação, o rei se levantou boquiaberto, as roupagens de Roger eram nitidamente mais simplórias do que as anteriores, porquanto, a sua preocupação era outra.

- Oficial, por que não trouxe a senhorita Madeleine perante à minha presença? Anos se passaram, conjecturei que estivessem mortos. Elucide-me as razões do seu regresso tardio? - sentou-se novamente o rei, enquanto ambos, exauridos, permaneceram em pé.

O oficial detalhou o acontecido, desde a sua partida do Palácio de

Versalhes até a tragédia que se abateu sobre os seus companheiros, e, principalmente, sobre a família Blanchard.

Indignado, o rei mirou Roger que não obteve êxito em disfarçar o seu estremecimento.

- Senhor Blanchard, por que me recusou um pedido? Não compreendo! Por que fugiram?

A serenidade do rei embasbacou os dois homens que esperavam por uma severa punição.

- Senhor Blanchard, sente-se apto para falar?

- Sim, Alteza! - assegurou Roger, iniciando um relato que não

Saint-Louis

dos Inválidos

condizia com aquilo que o rei desejasse ouvir.

Exibindo a sua inquietação, o rei se levantou por mais uma vez, numa análise minuciosa do seus semblantes.

- O que de fato me esconde senhor Blanchard?

Roger fitou o oficial, em súplicas de auxílio, um feito astutamente percebido pelo rei.

- Oficial Andre, deve-me lealdade e obediência, diga-me você, o que me escondem?

- Alteza, não escondemos nada, em nossa modéstia, requisitamos a sua autorização para formarmos um novo grupo de oficiais a fim de avançarmos contra os inimigos, tencionando o resgate da senhorita Madeleine, e se possível for, o resgate dos corpos enterrados na ânsia de receberem um sepultamento digno.

- Autorização concedida! No entanto, dois grupos serão designados, o primeiro resgatará os corpos em retorno imediato para que sejam conduzidos à necrópole de Saint-Louis, e o segundo, estará sob o seu comando para o resgate da jovem senhorita Madeleine - daí a sua importante participação como o citado pelo

irmão Marlon.

Andre e Roger reverenciaram o rei em agradecimento, e antes que se retirassem, ouviram a abrupta declaração.

- Senhor Blanchard, a sua narrativa me intrigou! Disse-me que havia partido em busca de condições melhores para a sua família, quando no passado, eu lhe estendi a mão em auxílio. Continuo a não compreendê-lo!?

- Não há nada para se compreender, um patriarca comete atos impensados em prol da sua família - o oficial antecipou-se a Roger, suscitando a zanga do rei.

101

Saint-Louis

dos Inválidos

- Oficial, acaso possui um lar com esposa e filhos?

- Não senhor! - replicou o oficial cabisbaixo.

- Certamente me escondem algo que não queiram compartilhar, de momento, respeitarei a decisão mediante às perdas dolorosas - sem pressioná-los a revelar aquilo que aguçava a sua curiosidade, o rei os dispensou.

Vendo-os se retirar, o rei determinou ao criado que os alojasse em aposentos separados, brindando-os com uma farta alimentação e trajes limpos.

Ouvindo-o, Roger finalmente se manifestou diante de tanta cortesia.

- Por que o rei denota a sua benevolência? Afinal, eu descumpri a sua ordem, fugi com a minha família, no mais, tolhi a entrega da minha amada filha.

- A minha benevolência o incomoda? Almeja que eu o jogue na masmorra e o sentencie por traição? - o rei esbugalhou os olhos em face da sua afronta.

- Senhor Blanchard, o que está fazendo? - Andre segurou-o pelo

braço, fazendo com que ele se irritasse ainda mais.

- Solte-me! - gritou ao ser imediatamente atendido, acarretando o embaraço do oficial.

Roger caminhou na direção do rei, entretanto, os oficiais que executavam a sua segurança impediram a sua aproximação.

- Aceite de bom grado a estadia que eu lhe ofereço, descanse e abrande os seus ânimos.

Roger engoliu a seco a saliva, a sua afronta ao rei havia sido novamente perdoada.

- Oficial, coloque um pouco de juízo na cabeça do senhor

Saint-Louis

dos Inválidos

Blanchard - ironizou o rei, num respiro profundo, sendo-lhe difícil controlar os próprios impulsos - Retirem-se daqui!

Sem atinar a conduta hostil do homem a quem desejava ajudar, o rei anelou a solidão para que pudesse organizar os seus pensamentos.

Por fim, Roger foi retirado da sala do trono por intermédio do oficial que o puxava.

- O que há com o senhor?

- Se esquece de que o rei tão somente ambicione Madeleine ao seu lado para tê-la como a sua concubina? Serva das suas vontades mais sórdidas! Embravece-me a sua hipocrisia de alegar um auxílio despretenso quando na realidade, só pense em si. Talvez eu devesse morrer honrosamente, ao invés de rogar por um resgate que promoverá a sua entrega ao rei - desabafou Roger.

Ambos os homens seguiram o criado que lhes indicaria os aposentos, pausando o assunto que dilacerava os seus corações, num clamor silencioso ao Senhor para que a vida da jovem Madeleine Blanchard fosse poupada de qualquer infortúnio.

Embora não argumentado neste contexto, salienta-se que o

amparo à pequena cidade foi concedido pelo rei Luís XIV.

103

Saint-Louis
dos Inválidos

104

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 16

O tempo era escasso e a preocupação excessiva.

Roger invadiu à sala do trono minutos após ter sido conduzido pelo criado ao aposento.

- Como se atreve? - encolerizou-se o rei.

Nesta ocasião, três oficiais se posicionaram defronte ao rei, um deles direcionava a ponta de uma espada afiada na garganta de Roger, a fim de cortá-la, se porventura avançasse.

- Oficiais, deixe-o se aproximar! - bravejou o rei para o espanto dos oficiais que acataram a sua determinação sem que houvesse contestações.

Acanhado perante a sua ignóbil conduta, Roger baixou o olhar em

Saint-Louis

dos Inválidos

reverência.

- Eu presumo que por detrás de tamanha ousadia exista uma razão de suma importância - enunciou o rei.

- De fato, existe! - admitiu Roger, sentindo as batidas descompassadas do seu coração.

- Fale de uma vez! - ordenou o rei de uma forma nada amistosa.

Encorajando-se a falar, Roger inflou o peito de ar, o soltando vagarosamente.

- Retiro o meu pedido de auxílio, partirei agora mesmo em busca de Madeleine.

- O que me diz é um disparate! A sua persistência em afrontar-se excede todos os limites - na ânsia de não se exaltar, o rei apresentou a sua falta de discernimento - O senhor crê que sozinho a resgatará em segurança? Em meio a guerra e aos inimigos que nos rodeiam? Para a surpresa do próprio rei, Roger expressou a sua confiança.

- Não possuo a resposta postulada, ainda assim, confio na justiça de Deus, darei a minha vida por Madeleine se esta for a sua vontade, entretanto, não a deixarei à mercê de homens indignos da sua pureza

e doçura.

- Então, eu devo acreditar que eu esteja entre esses homens? - o

rei foi categórico.

Roger não teve como camuflar a vermelhidão da sua tez, uma inibição que atribuiu ao rei a certeza anterior, de que ele escondesse algo de si.

- Meu rei, perdoe-me, eu não quis insultá-lo! - redimiui-se Roger.

- Mas o fez! - cansado de expor a sua benignidade, o rei exprimiu a sua fúria - Se invadiu a sala do trono sem a nada de importante a me dizer, retire-se imediatamente.

106

Saint-Louis

dos Inválidos

Roger mirou os oficiais depositarem as mãos sobre as espadas, engolindo a seco a saliva, e sem escapatória, se retirou, motivando uma reflexão mental do rei.

- Um homem audacioso que afrontou-me sem armas em punho é digno do meu respeito e admiração, conquanto, não compreendo a sua relutância de acatar o meu pedido, e agora, o de recusar o meu auxílio nas buscas por Madeleine. Por que fugiu no passado no intento de realizar o mesmo feito no presente? Por que foge de mim, um rei que tencionou a proteção de uma família que lamentavelmente foi aniquilada e separada pelas mãos dos inimigos?

Por mais que tentasse, o rei não encontrava associação nos eventos que o circundavam, e sem rodeios, encaminhou-se ao aposento do oficial Andre, adentrando-o sem ser anunciado.

Constatando o seu adormecimento, o rei pigarreou para que fosse notada a sua presença.

O oficial levantou-se de sobressalto, enrubescido, por meio da sua apresentação seminua.

- Alteza, vestirei-me agora mesmo!

O rei consentiu a sua retirada numa gesticulação positiva da cabeça.

Num rápido retorno, o oficial denotou o seu assombro, no aguardo de que o rei expusesse os motivos que o levaram até o seu aposento, ao invés de ter sido chamado por um dos seus criados como era o comumente realizado.

- O que me traz em seu aposento é a conduta desprezível do senhor Roger Blanchard - em breves palavras, o rei deslindou o sucedido.

Em suas várias tentativas de defendê-lo, o oficial foi tolhido de

Saint-Louis

dos Inválidos

prosseguir.

- Oficial, eu ordeno que me revele as razões que amofinam um homem que no passado obteve as maiores riquezas em sua vida, perdendo tudo, e ao ser ofertada uma oportunidade de reaver essas mesmas riquezas, o desperdiça numa fuga que perdurou por anos. Eu o sinto novamente escapar por minhas mãos. Não almejo usar de força bruta para que seja realizado o meu pedido.

O oficial deduziu que não importasse as circunstâncias, o rei não desistiria de Madeleine, no entanto, não obteve a destreza de captar o desespero com que se expressava.

- Acredito que a perda das suas riquezas tenha se originado no período da guerra, por qual todos nós passamos - Andre pausou a fala, temendo o revide do rei, posto que a guerra não tivesse influenciado na suntuosidade do Palácio.

- Prossiga! - clamou o rei, assegurando-se da veracidade das suas palavras.

- Incontestável dizer, que eu deva unicamente submissão ao monarca da França, contudo, desonrarei a minha amizade com o

senhor Blanchard se revelar os fatos que devem ser por ele narrado.

A curiosidade do rei aguçou ainda mais, decerto, ele poderia forçar o oficial a relatar tudo o que desejasse saber, apesar disso, optou por dispensá-lo de tal obrigação, como forma de amenizar o clima tenso eclodido entre ele e Roger, na esperança de que todas as desavenças deixassem de existir.

- Eu postulo que ao amanhecer tudo me seja elucidado, proseie com o senhor Blanchard e o faça entender que o caminho oferecido seja a melhor opção para a sua vida e para vida da sua filha, se não for a única.

108

Saint-Louis

dos Inválidos

- Para a vida da senhorita Mady? - o oficial suspendeu ambas as sobrancelhas.

- Quem é Mady? - indagou o rei perplexamente.

- Mady é como apelidamos a senhorita Madeleine Blanchard - explicou o oficial.

Pelo brilho do olhar e sorriso na face, o oficial manifestou o seu interesse por Madeleine, um feito que promoveu a depreciação do rei por via da sua ríspida recomendação.

- A jovem em questão não corresponderá aos seus desejos.

- Por certo, crê que corresponderá aos seus!?! - o oficial murmurou para si.

- Como disse? - questionou o rei ao quase apanhá-lo em flagrante.

- Eu disse que não corresponderá aos meus, visto que a minha função de oficial ocupa-me o tempo integral, em meio à guerra, um colóquio amoroso está fora de cogitação - mentiu o oficial, numa gélida transpiração.

- Comprazia-me saber do seu zelo ao reino! - pressupondo que tudo não passasse de uma impressão equivocada, o rei se retirou na

certeza de que o oficial não lhe criaria empecilhos, facilitando à entrega da jovem assim que a resgatassem.

Dividido entre o amor de Madeleine e a sua lealdade ao rei da França, o oficial decidiu se aconselhar com Roger, numa descoberta que mudaria o rumo da sua história.

109

Saint-Louis
dos Inválidos

110

Saint-Louis

dos Inválidos

Capítulo 17

O repouso oferecido pelo rei se protelaria por mais uma vez.

O oficial Andre se encaminhou ao aposento de Roger, transmitindo-lhe as exigências do rei, antes mesmo de falar do seu amor por Madeleine.

Roger que não havia pregado os olhos, tratou-o com desdém em decorrência da exaustão que o dominava.

- Adentra em minha alcova a fim de me passar um severo corretivo?

- Senhor, eu lhe repasso as orientações do rei - justificou-se o oficial, numa proposta que o pasmou - Fugamos agora mesmo!

- Se rebelará contra o rei? O que tramam contra mim? -

Saint-Louis

dos Inválidos

desconfiou Roger.

- Coloca-me no papel de vilão quando eu tão somente desejo auxiliar, assim me ofende! - o oficial exibiu a fragilidade escondida por trás de um homem guerreiro.

- Ama tanto Madeleine ao ponto de me propor uma traição ao rei?

- questionou Roger.

O oficial o contemplou estarrecidamente, o desejo de se aconselhar sobre o amor nutrido pela jovem Madeleine havia sido descoberto sem que precisasse argumentar a esse respeito.

- É tão óbvio assim?

- Muito óbvio! - garantiu Roger - Se não disfarçar, o rei certamente o punirá!

- Quase o fez! - admitiu o oficial palidamente - Com todo respeito, senhor Blanchard, as minhas intenções são as melhores possíveis, eu não almejo a senhorita Madeleine por um dia, e sim, por uma vida inteira.

- Confesso que de princípio eu tive uma má impressão sobre a sua pessoa, um julgamento precipitado do qual eu me arrependo, dado

que ao transcorrer do tempo tenha me brindado com o seu caráter virtuoso e incorruptível - o pronunciar de Roger fizeram com que os olhos do oficial se marejassem, sendo esta, uma declaração inesperada.

- Ainda assim... nada disso importa! - extremamente sensibilizado, o oficial permitiu que algumas lágrimas rolassem por sua face - Como o senhor suporta tanta dor?

- O meu coração sangra numa dor insuportável, só o Pai Altíssimo conhece as cicatrizes que carrego, se eu esboço um sorriso, é meramente para disfarçar o sofrimento que corrói a minha existência

Saint-Louis

dos Inválidos

- Roger não obteve o controle emocional tencionado, pranteando junto ao oficial Andre - O sofrimento maior é não saber como está a minha garotinha, é não saber se ela sofre nas mãos dos inimigos ou se continua viva.

- Senhor Blanchard, tenhamos fé em Deus! - rogou o oficial.

Foi nessa hora que Roger se recordou dos dizeres do irmão Marlon.

- O oficial está coberto de razão, Mady tem uma missão, Deus não a desampará para que sejam cumpridos os seus desígnios - a anunciação de Roger embasbacou o oficial que a nada compreendeu

- Em minha relutância de pai, eu devo entregar Madeleine ao rei, este é o seu destino.

- Qualifica destino à entrega da senhorita Madeleine ao rei para se tornar a sua concubina, se nem a mim, aceitou o amor puramente ofertado - contestou o oficial.

Roger deduziu que o sofrimento exprimido pelo oficial não restringia-se à perda dos seus companheiros, mas na rejeição de um amor.

- Então, declarou-se a minha filha? - o olhar baixo do oficial deu-lhe a resposta anelada, em continuidade - A recusa de Mady não me surpreende, todavia, anime-se rapaz, por certo encontrará uma jovem que arrematará o seu coração e se esquecerá da tristeza que o aflige.

- Descarta-me com tanta facilidade! Acredita que eu não serei capaz de conquistar o amor da senhorita Madeleine? Eu não sou digno para estar ao seu lado?

Surpreendido perante as indagações do oficial, Roger minimizou a situação.

- Eu acredito que Mady sinta o mesmo amor por você, porquanto,

Saint-Louis

dos Inválidos

tal sentimento não será correspondido. Dignidade lhe sobra, ainda que os planos de Deus sejam outros!

- Fala-me por enigmas, entontece-me desse modo! Se a senhorita Madeleine me ama, por que não podemos construir uma vida em comum? Que mal há nisso? - em sua obstinação, o oficial postulou a verdade, visto que nem a fuga proposta haveria de ser concretizada.

- Mal nenhum! - Roger iniciou o relato que mudaria todos os conceitos do oficial Andre - Desde a infância, Madeleine tem manifestado um dom especial, um dom que foi ocultado de todos, inclusive da sua mãe e avó, um feito que intentou a segurança da família para que não nos fôssemos injustamente acusados de heresia. Neste período, junto à Mady, testemunhei a presença de um espírito de luz, em virtude dos dissabores vivenciados, sem a clareza de que somos os únicos responsáveis pelas escolhas que fizemos, ignorei-o, assim como ao Senhor Deus. Envergonho-me do que fiz! O espírito diz convictamente que Mady deve ser entregue ao rei Luís para que se cumpram os desígnios de Deus, dos quais eu desconheça. Mady sabe disso, aliás, eu suspeito que ela saiba bem mais do que eu,

contudo, não obteve a anuência do Altíssimo para que seja revelado o seu destino, na sapiência de que não deva se entregar ao amor carnal.

Findada a explanação, Roger deparou-se com o assombro estampado no rosto do oficial.

- O senhor deseja que eu admita a presença de um espírito entre nós? Se o rei o escutasse, o sentenciaria à morte!

- Sentenciará se eu for delatado! - Roger receou a sua precipitação em deslindar fatos que não seriam aceitos na época em questão.

- Senhor Blanchard, não o delatarei por lealdade a nossa amizade, e, principalmente, pelo amor que não será consentido - o oficial

Saint-Louis

dos Inválidos

supôs que essa havia sido uma tática utilizada para afastá-lo definitivamente da jovem.

- O seu entendimento é equivocado, por favor, reflita nas minhas palavras!

- Senhor, se houvesse a presença de um espírito de luz interagindo entre nós, decerto, não aconselharia à entrega da senhorita Madeleine ao rei para se tornar a sua concubina. Eu não julgarei as suas palavras, conquanto, se realmente houver uma comunicação espiritual, tema essa presença, as trevas sempre nos incitarão a cometer ações contrárias as leis divinas que nos regem. Antes de partirmos, rogue a Deus para que lhe seja outorgado os esclarecimentos carecidos.

Confuso, o oficial deixou-o a sós, era noite, e antes de voltar ao seu aposento, tencionou a formação do novo grupo que os auxiliariam nas buscas por Madeleine.

Por sua vez, Roger temeu a veracidade das palavras que lhe foram duramente atribuídas, a sua crença havia sido abalada, estando ele mais confuso do que o próprio oficial.

A fim de abrandar os nervos, realizou o sugerido, de joelhos ao chão, foi de encontro ao Senhor por via de uma prece enternecedora.

115

Saint-Louis
dos Inválidos

116

Saint-Louis

dos Inválidos

Capítulo 18

Absorto em orações, lágrimas escorreram pelo semblante de Roger sem que ele notasse a presença do irmão Marlon estagnado ao seu lado.

Ao término não só das orações, mas de todas as queixas, o irmão espiritual recebeu o aval do Senhor para que pudesse se pronunciar.

- As suas dúvidas provocam dilacerações em minha alma!

- Irmão Marlon! - desnortou-se Roger - Eu não esperava por sua manifestação.

- Conjecturo que o meu afastamento seja ansiado - a tristeza do espírito foi exprimida e sentida por meio das suas palavras - A vida de Madeleine não seria poupada pelas mãos dos inimigos se eu fosse

Saint-Louis

dos Inválidos

o representante fidedigno das trevas.

- Madeleine está viva! - os olhos de Roger brilharam, contendo numa felicidade contida - Como eu me assegurarei da veracidade das suas palavras?

- O meu enaltecimento a Deus é assiduamente proferido, as minhas ações condizem com a benquerença aos meus semelhantes, talvez isso não lhe seja o bastante, entretanto, eu não realizarei façanhas mirabolantes para crer na verdade que lhe exponho. Deus lhe mostrará o caminho a seguir! - observando uma energia densa e escura que o encobria, o espírito deu-lhe um passe magnético sem que fosse apercebido o seu feito.

- Uma voz interior aconselha-me a confiar no irmão que sempre prestou amparo à minha família, mesmo em minha inaceitabilidade e descrença. Eu poderia julgar que por detrás das boas intenções se camuflasse um plano ardiloso, porém, eu não creio nisso, ao seu lado sinto uma paz imensurável e um amor devoto ao Pai Altíssimo que não conseguiria expressar em meras palavras. Sem dúvidas, é um Emissário do Senhor como Madeleine afirmava. Deixei-me

influenciar pelas injúrias do oficial. Perdoe-me pelos pensamentos profanos, e acima de tudo, perdoe-me por desconfiar da sua existência celestial - a justificativa sincera de Roger comoveu o irmão Marlon, em lágrimas de igual teor, ainda que não fossem visualizadas em decorrência da sua invisibilidade.

- Não há o que perdoar! Deus me ensinou a conhecer o coração dos homens sem que haja julgamentos precipitados, e assim sucedeu contigo, as palavras enunciadas por seu lábios não coincidiram com as expressadas por seu coração, na plena convicção de que tudo seria esclarecido. Provoca-me um desmesurado aprazimento em meu

Saint-Louis

dos Inválidos

espírito ter o conhecimento de que juntos trilharemos a missão que nos foi outorgada. Quanto ao oficial, muitas mortes foram aniquiladas por suas mãos, outras defronte a si, portanto, a energia que o cinge não é das melhores. Zelarei por ele na noite que se findará para que os seus pensamentos sejam clarificados e o seu corpo físico liberto de qualquer influência malfazeja - minudenciou em solidariedade.

De esperanças renovadas, Roger sentiu-se apto para realizar os planos de Deus.

Na menção de se retirar, irmão Marlon desistiu ao feito de captar os seus pensamentos.

- Lamentavelmente, dúvidas ainda pairam em sua cabeça!

Pego em flagrante, Roger baixou o olhar em constrangimento.

- Converse com o rei ao amanhecer, como foi por ele determinado. Escute-o com a razão e pronuncie-se com o coração, e se conscientizará de que as suas intenções irão além de uma simples concubina.

Diante de um novo enigma, Roger o mirou boquiaberto, a noite

lhe seria interminável na apreensão de que o amanhecer não se delongasse a chegar.

O espírito partiu, deixando-o imerso em pensamentos edificantes e prazerosos, posto que de momento, reencontrar a filha fosse a sua única meta em vida.

Convicto de que Roger receberia o amparo dos bons espíritos em seu adormecimento, irmão Marlon se encaminhou para junto do oficial Andre.

Ainda que o seu coração transbordasse em generosidade, a mesma energia densa e escura presenciada em Roger foi testificada

Saint-Louis

dos Inválidos

no oficial, e sem hesitar, o irmão facultou-lhe um passe que o libertaria de tais influências.

O oficial parecia escolher aleatoriamente os homens que comandaria, conquanto, por trás da sua ação se mantinha a espiritualidade, tudo meticulosamente planejado por Deus.

De ímpeto, Andre sentiu uma energia renovadora percorrer o seu corpo, em seu encalço, irmão Marlon sussurrava-lhe no ouvido.

- Quem está aí? - Andre empunhou a espada, suscitando o cochicho dos oficiais que não assimilaram a sua intempestiva conduta, sem graça, guardou-a na bainha presa à cintura em disfarce do seu rubor.

- Enalteça a magnificência do Pai Altíssimo para que seja consagrado o seu triunfo sobre os inimigos. Não blasfeme a minha presença, com a anuência do Pai os guiarei ao encontro de Madeleine para que seja concretizado o seu destino. Não me oporei a construção de uma família, a jovem detém em suas mãos o poder da escolha, conquanto, o destino já foi por ela determinado. Fortaleça-se na crença de que Deus seja o Senhor absoluto da sua vida e não o rei

que o governa - orientou o espírito.

De olhos esbugalhados, o oficial se recordou da prosa obtida com Roger a respeito do seu contato espiritual, em apresentação da sua relutância.

- Seria possível tal manifestação? Não! A exaustão deturpa os meus pensamentos!

- Coloca em dúvida a misericórdia divina? - retrucou o irmão Marlon.

O oficial sobressaltou-se defronte aos novos dizeres, cessando a tarefa, dispensou os seus companheiros na determinação de que

Saint-Louis

dos Inválidos

todos se apresentassem na manhã seguinte, em que partiriam em busca de Madeleine Blanchard.

Após o feito, correu para o seu aposento, em temor do desconhecido.

Sozinho refletiu no sucedido, deveras, a crença do oficial havia mudado, uma artimanha sagazmente utilizada pelo irmão Marlon sem que precisasse exercer o seu poder de coação.

121

Saint-Louis
dos Inválidos

122

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 19

Minutos antecedentes ao primeiro raiar do dia, o oficial dirigiu-se ao aposento de Roger, adentrando-o sem ser anunciado.

- Por sorte, está acordado. Agora eu sei que é verdade!

- Primeiramente, bom dia! - bocejou Roger, sem entendimento -

O que é verdade?

- Bom dia! - bradou em acanhamento - Eu me refiro ao contato espiritual. Ontem à noite, enquanto formava o grupo que viabilizará o resgate da senhorita Madeleine, um espírito se comunicou no anseio de esclarecer as minhas desconfianças - relatou em agitação.

- Sente-se e ingira o desjejum matinal em minha companhia, precisa se acalmar para estar à frente do rei - aconselhou Roger.

123

Saint-Louis

dos Inválidos

- Agradeço o convite, porém, eu já ingeri o meu junto aos oficiais no anélito de instruí-los para que não percamos tempo após a nossa prosa com o rei - explicou o oficial, persistindo no acontecimento passado - O espírito acalentou o meu coração!

- Contemplou a presença iluminada do irmão Marlon? - inquiriu Roger.

- Então, esse é o seu nome! - o oficial esboçou um sorriso de alegria - Apenas ouvi o som da sua voz como se fosse o murmúrio dos meus pensamentos.

- Sim, é dessa forma que interagimos! - garantiu Roger.

Ouvindo a narrativa do oficial sem que houvesse interrupções, Roger não camuflou o seu olhar malicioso e o aprazimento da sua face defronte ao homem que o teria desviado da fé se não fosse a sua obstinação de rogar o auxílio de Deus por intermédio de uma prece. O tempo decorria, temeroso que o rei se zangasse, Roger apressou o oficial.

E assim, os dois homens se encaminharam à sala do trono, ao serem anunciados por um dos oficiais em sentinela.

- Enfim, o momento tão esperado chegou! - vociferou o rei sem que lhes fosse outorgado as saudações do dia que se iniciava.

Roger e o oficial o reverenciaram tremulamente.

- Ordeno que me revele os eventos por detrás da sua recusa - o rei fixou o olhar em Roger no aguardo de um esclarecimento plausível.

Roger conscientizou-se de que teria que enfrentar os seus receios, e sem mais fugir, falou abertamente ao rei como que se esquecendo da sua posição de súdito.

- Hipocrisia interrogar-me a respeito da minha recusa, de fato, eu não entregarei a minha filha para que lhe sirva de orgia.

Saint-Louis

dos Inválidos

- Cale-se, senhor Blanchard! - bravejou o oficial.

- Deixe-o falar! - ordenou o rei ao oficial - Prossiga senhor Blanchard, não o penalizarei por meramente explanar as suas argumentações.

A serenidade do rei desarmou Roger do seu ataque verbal.

- Não há nada mais a me dizer? Falava-me sobre orgia? - insistiu o rei.

Roger baixou o olhar, entretanto, o oficial tomou as rédeas da situação.

- O rei desvirtuará a pureza da senhorita Madeleine.

O olhar atônito do rei embasbacou os dois homens.

- Não é isso que fará? Tornar a minha filha a sua concubina? - arriscou-se Roger.

- Eu nunca cogitaria tal hipótese, a virtude da senhorita Madeleine se manteria intacta sob a minha tutela, contudo, ela nunca esteve e eu suspeito que a pureza alegada tenha deixado de existir, estando ela, nas mãos dos nossos inimigos - justificou-se o rei, alarmando-os.

- O rei nunca a desejou como a sua concubina? - quis se certificar

Roger.

- Nunca! Eu aneei a sua filha ao meu lado com as mais nobres das intenções, creia nisso! - confirmou o rei, vendo-o se lançar no chão num choro compulsivo.

- Senhor Blanchard, por que a agonia tomou conta de si? - interpelou o rei.

- Por anos eu o julguei equivocadamente, privando a minha família de uma vida próspera, ainda que estejamos no período de guerra. O meu pranto simboliza o remorso de um homem que não soube resguardá-los do perigo. Eu poderia ter evitado às mortes que

Saint-Louis

dos Inválidos

se sucederam, assim como o infortúnio que recaiu sobre a minha filha. Tudo ocasionado por minha falta de entendimento - Roger indignou-se consigo mesmo.

- Agora, eu compreendo a sua recusa! - em comiseração, o rei emudeceu para que Roger se recuperasse do abalo emocional, contudo, influenciado pelo espírito do irmão Marlon, o oficial se pronunciou.

- Não se sinta culpado pelas ações do homem, por amor à sua família realizou o que lhe foi anuído. Deus proverá a sua felicidade junto à senhorita Madeleine. Confie e espere!

Lançando-lhe o olhar, Roger levantou-se abruptamente, na segurança de que o espírito se utilizasse do oficial para se comunicar, em proferimento.

- Eu acredito que os planos do Senhor tendem a nos auxiliar.

Com base na fé apresentada, o rei expôs a sua revelação.

- Eu tive um sonho, um prenúncio por assim dizer. Tempos atrás contemplei-me em meio à imensa edificação que daria abrigo aos inválidos do meu exército.

- Um sonho fenomenal! - proferiu o oficial sem o discernimento de tal declaração.

- Não se trata de somente um sonho, finalizei Saint-Louis dos Inválidos, não assimilam a grandiosidade dessa realização? - questionou o rei aos dois homens que se entreolharam sem a nada dizer - Deus guiou-me para que o construísse segundo a sua vontade e determinação!

- E o senhor recebeu o auxílio do irmão Marlon? - inquiriu o oficial em sua ingenuidade.

- Irmão Marlon? Existe um membro do clérigo entre nós?

Saint-Louis

dos Inválidos

Tragam-no à minha presença, o seu auxílio me será de grande valia - disse o rei em desconhecimento do nome citado.

- Quietos ou terá a sua cabeça decepada em praça pública! -

sussurrou Roger ao oficial no instante em que o rei se virou para ingerir um gole de vinho.

- Me acompanham? - o rei suspendeu a sua taça.

- Grato por sua gentil oferta, no entanto, a recusaremos. Eu e o oficial Andre traçaremos um longo percurso em busca de Madeleine

- alegou Roger.

- Compreendo! - ingerindo mais um gole de vinho, o rei depositou a sua taça sobre uma bandeja de prata, suspensa por um dos criados que se mantinha ao lado do trono, insistindo na pergunta

- Me falem sobre o irmão Marlon?

Roger apressou-se na dilucidação, receando que o oficial colocasse tudo a perder, posto que o rei seguisse com fervor a religião católica.

- Irmão Marlon é um homem iluminado, recolocou-me no caminho do amor e da fé, se não fosse por sua compaixão, eu teria

me perdido em meio ao sofrimento que assola o meu coração.

Infelizmente, ele não está entre nós!

- O que houve? - persistiu o rei.

- Morreu! - assegurou Roger, fazendo com que o oficial arregalasse os olhos.

- Que lástima não poder conhecê-lo, que o Pai lhe conceda a ventura de estar ao seu lado, servindo-lhe de instrumento de amor e caridade aos mais necessitados - apiedou-se o rei.

- Certamente servirá! - Roger piscou ao oficial, que atinou a sua encenação.

Saint-Louis

dos Inválidos

Deveras, a verdade não seria bem aceita pelo rei, julgando que tudo estivesse esclarecido, o oficial requisitou.

- Meu rei, peço-lhe encarecidamente a permissão para nos retirar, um grupo de oficiais ao meu comando nos aguarda para que sejam iniciadas as buscas pela senhorita Madeleine.

- O desaparecimento da senhorita Madeleine aflige-me, todavia, eu tenho uma importante revelação a lhes fazer, principalmente, ao senhor - o rei fitou Roger que aturdido mediante o informe, sentiu o bambear das suas pernas, recebendo os fluídos salutares do irmão Marlon que conhecia o teor da narrativa.

128

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 20

Em seu trono, o rei pressentiu que o relato a seguir pasmaria Roger e o oficial.

- Alteza, eu imploro, elucide-nos o que tem a nos dizer, o coração de um pobre pai já não suporta a tormenta que rodeia-me.

Sensibilizado mediante às palavras de um pai em desespero, o rei encorajou-se a falar.

- Senhor Blanchard, no início da nossa conversa eu disse em afirmação que anelava a sua filha ao meu lado com as mais nobres das intenções. Lembra-se disso? - embora a pergunta fosse direcionada ao pai, o rei esperou pela resposta de ambos os homens, que emudecidos, gesticularam positivamente as suas cabeças, à

Saint-Louis

dos Inválidos

espera de mais informes - Eu afirmei também que a edificação de Saint-Louis seria o abrigo aos inválidos do meu exército - uma nova concordância foi atribuída, porém, Roger quebrou o silêncio.

- Alteza, perdoe-me a interrupção, porquanto, eu não associo aonde queira chegar?

Sem mais embromar, o rei foi direto ao assunto.

- Eu pressaguei a assistência da senhorita Madeleine Blanchard aos meus homens feridos, motivo este, que me levou até a sua família, em reconhecimento da sua filha numa das suas visitas ao Palácio, quando ainda era um nobre comerciante de ouro e prata.

- Agora tudo faz sentido! Eu sempre questioneei à escolha do rei sem encontrar uma única explicação que atenuasse os meus temores - comentou Roger.

- Temores que o afastaram do bem que lhe seria proporcionado - salientou o rei.

- Então é isso! O presságio do rei fundamenta-se na assistência da senhorita Madeleine aos feridos de guerra - pronunciou-se o oficial numa alegria momentânea.

- Na realidade, o meu presságio vai além de uma simples assistência - confessou o rei - A senhorita Madeleine deve receber o encaminhamento que facultará os seus votos sagrados.

- Votos sagrados? - na desconfiança do que tais palavras pudessem representar, o oficial camuflou o seu nervosismo, assim com o amor nutrido pela jovem.

Roger obteve a mesma desconfiança, ainda que não almejasse aceitá-la.

- Um encaminhamento difícil, contudo, caberá a Madeleine decidir o futuro que trilhará.

Saint-Louis

dos Inválidos

- O senhor se opõe? - o rei outorgou-lhes o destino proposto à jovem na ânsia de que não houvesse uma nova e errônea interpretação dos seus atos - Na função de noviça, a senhorita Madeleine receberá os votos sagrados em íntegro comprometimento da sua obediência, pobreza e castidade ao Senhor, posteriormente a este feito, se tornará uma freira de excedente religiosidade e devoção.

- Freira! - exclamou o oficial ao repentinamente lacrimejar.

- Sim, uma freira! - bradou o rei entusiasticamente.

Como outrora o oficial havia negado o seu amor pela jovem Madeleine, o rei deduziu que a sua reação manifestasse tão somente a emoção, ao contrário de Roger que havia captado a sua consternação, na descoberta de uma vida religiosa nunca ambicionada pela filha.

Percebendo os olhares perdidos e os semblantes empalidecidos, o rei enunciou.

- Conscientizem-se de que a senhorita Madeleine seja uma jovem duplamente abençoada, não só por ser a escolhida do Senhor, mas por ser a escolhida para atuar em Saint-Louis.

Os dois homens forçaram um sorriso ao rei, debatê-lo estaria fora de cogitação, sobretudo por se tratar da vontade do próprio Deus.

Tencionando a sua retirada, o oficial requisitou o aval do rei, utilizando-se do subterfúgio de que necessitaria instruir os homens que comandaria no resgate da jovem.

O rei anuiu sem que suspeitasse dos seus sentimentos, aliviado por partilhar do presságio que havia ocultado de todos, até mesmo da rainha, atendo-se somente numa edificação que beneficiaria os seus súditos, cumprindo assim, a determinação de Deus.

Longe das vistas do rei, Roger expressou a sua solidariedade ao

Saint-Louis
dos Inválidos
oficial.

- A vida nem sempre é justa, contudo, devemos perseverar em
nossa fé!

- Agora eu assimilo a sua recusa em me aceitar como pretendente
da sua filha - acusou o oficial - A senhorita Madeleine sabia do seu
comprometimento com o Senhor Deus e nada me revelou. Por que
me deixaram ludibriar perante um amor que nunca seria
concretizado?

- Não! Não assimila! - Roger se defendeu das acusações - Eu
nada sabia até a elucidação do rei, partilhamos da mesma surpresa,
asseguro-lhe que Mady tenha devoção religiosa, no entanto, nunca
cogitou em seguir uma vida sagrada como esposa do Senhor Deus,
decerto, o informe lhe suscitará uma surpresa maior do que a nossa.
Se eu e Mady o orientamos a não criar falsas esperanças, deve-se
unicamente à recomendação do irmão Marlon.

- É muito cômodo depositar toda a responsabilidade sobre o
irmão Marlon que morto não se defenderá, uma conduta totalmente
desprezível.

Boquiaberto, Roger não soube o que responder, ciente de que o descontrole emocional do oficial havia extrapolado todos os limites. Irmão Marlon que a tudo escutava, pranteou compulsivamente em face da desavença dos dois homens que deveriam unir forças para resgatar Madeleine, e numa ação impremeditada, lançou um feixe de luz que os arremessou à lados opostos, conferindo-lhes o entendimento da sua presença.

- Por determinação do Senhor transmito-lhes o que me é autorizado, à escolha do destino é oportunizada aos homens.

Madeleine fará a sua quando a encontrarem, nem eu e nem o Senhor

Saint-Louis

dos Inválidos

interferiremos na sua decisão. Se almejam o aprendizado e evolução, busquem por si mesmos as respostas que justificarão à razão do reencarne, não queiram que nós, espíritos de luz decidamos por vocês, tampouco, esclareçamos todos os elementos que propiciarão o aprendizado referido. Caminhem com os seus pés, entre muitos erros e acertos conquistarão a evolução. Estou em Plano Terreno para aconselhá-los e guiá-los no caminho do bem, sim, eu estou morto em corpo físico, todavia, o meu espírito imortal está capacitado para não se deixar influenciar pelos sentimentos contrários às leis divinas que os subjagam. Reajam! As horas transcorrem enquanto blasfemam as ações do Senhor e da espiritualidade. Madeleine é amparada por nós, ainda que não possamos responder pelas barbáries dos homens, portanto, apressem-se. Madeleine corre perigo!

Roger e o oficial se entreolharam defronte o enunciado do espírito que repercutiu pelos corredores do Palácio, apavorando alguns dos oficiais que permaneciam em sentinela sem que pudessem se ausentar dos seus postos.

Na certeza de que ambos tivessem recebido a mesma advertência,

correram na direção do grupo de oficiais que participariam do resgate da jovem.

O oficial não teve tempo de se redimir, à vista disso, o espírito do irmão Marlon sentiu o sincero arrependimento do seu coração, assim como Roger que compreendeu a sua angústia, posto que a finada esposa não lhe saísse dos pensamentos.

Ambos o perdoaram numa ocasião em que a união, a fé e o amor os fortaleceriam, rumo ao triunfo da missão.

133

Saint-Louis
dos Inválidos

134

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 21

Uma corrida extenuante contra o tempo se iniciou, o grupo de oficiais sob o comando de Andre realizou buscas rigorosas por todos os cantos da França sem a nada localizar, como se a jovem Madeleine se tornasse invisível aos olhos humanos.

- Não podemos desistir, Mady é tudo o que me restou! - clamou Roger ao oficial.

- Não desistiremos senhor Blanchard, darei a minha vida se assim for preciso para tê-la na segurança dos meus braços, ainda que... - o oficial não terminou a frase, e nem precisaria, Roger havia captado o sofrimento da sua alma em espírito.

Embora possuísse o conhecimento de que o amor nutrido por

Saint-Louis

dos Inválidos

Madeleine fosse proibido, o oficial esmerava-se para resgatá-la.

Meses se passaram e o paradeiro da jovem se tornou uma incógnita, por vezes, ambos os homens rogavam pela presença do irmão Marlon sem êxito, não por serem abdicados do seu auxílio, mas por esta ser a hora do aprendizado em que a verdadeira crença no Pai Altíssimo deva ser o alicerce das suas vidas, uma crença que era assiduamente colocada à prova.

- Senhor Blanchard, a exaustão nos domina e a saudade dos familiares dilacera os nossos corações, em meio à guerra tememos não mais encontrá-los vivos - proferiu um dos oficiais que os acompanhava.

- Por que se dirige a mim que não sou o oficial ao comando do resgate? - intrigado, Roger suspendeu uma das sobrancelhas.

- Porque o senhor é pai, e mais do que ninguém assimilará os sentimentos que nos aflige - replicou em acréscimo - Todos nós respeitamos e admiramos o oficial Andre, entretanto, ele parece não se importar com a própria vida, enfrenta o inimigo de peito aberto, arriscando-se à todo instante, não compreendemos a sua ação, ainda

que seja notável a sua bravura.

- Prosearei com o oficial Andre assim que me for possível, prometendo-lhe uma resposta ao anoitecer - Roger se distanciou do oficial.

Absorto em suas reflexões, sentou-se próximo de um pequena fogueira, estando eles num acampamento improvisado.

- O oficial Andre Collet é um homem de inigualáveis virtudes, no entanto, eu não havia notado o seu despautério. Madeleine é minha filha, e se existe alguém que deva se sacrificar por amor, esse alguém sou eu!

Saint-Louis

dos Inválidos

- Perdido em pensamentos? - aproximou-se o oficial Andre, acomodando-se ao seu lado.

- Em minha solidão, ponderei algumas situações que me fizeram tomar uma importante decisão - o pronunciar ríspido e enfático de Roger apavorou o oficial.

- Senhor Blanchard, eu agi contraditoriamente aos seu princípios?

- Alegraria-me se esta fosse à razão! - respondeu-lhe em suspense.

- Por favor, sem rodeios, vá diretamente ao assunto - bradou o oficial.

- Regressem todos ao Palácio, seguirei sozinho às buscas por minha filha.

- O que te faz pensar que sozinho enfrentará os inimigos do reino? - abismou-se o oficial.

- Deus! - Roger foi categórico - Há tempos deixei de clamar por sua assistência, a tristeza e a fadiga me consumiram, eu necessito reaver a fé perdida em virtude do tempo decorrido.

- Assevero-lhe que ambos deixamos a fé de lado - o oficial envergonhou-se de si mesmo - O que a ausência de fé tem a ver com

o regresso dos oficiais ao Palácio, inclusive, o meu?

- Durante à guerra, devemos garantir a união dos nossos compatriotas, muitos dos oficiais que aqui estão, se encontram apreensivos, sem informações dos seus familiares, tendo como agravante o esgotamento que nos impede de prosseguir a missão com o mesmo entusiasmo e determinação de outrora. Deixe-os retornar, e siga com eles!

- Os oficiais ao meu comando fizeram-lhe alguma queixa? -
desconfiou o oficial Andre.

- Nenhuma queixa! - mentiu Roger tencionando o bem-estar de

Saint-Louis

dos Inválidos

todos.

- O rei não apreciará o retorno dos seus homens sem a senhorita Madeleine - argumentou o oficial no anseio de que ele desistisse da ideia de sozinho se aventurar pelo país.

- Profira ao rei Luís que eu me incumbirei do resgate de minha filha, escreverei uma carta de próprio punho a fim de eximir os oficiais de qualquer responsabilidade - propôs Roger.

- E como escreverá uma carta se não temos tinta e nem papel? - o oficial franziu a testa.

- Teremos ao chegar na próxima cidade! - o sorriso de Roger foi depreciado pelo oficial.

- Deslumbra-me o seu zelo pelos oficiais ao meu comando, todavia, recusarei-me a voltar sem antes localizar o paradeiro da senhorita Madeleine, e, por favor, não discutamos sobre esse assunto, eu sei muito bem o que pretende fazer - o oficial demonstrou a sua sagacidade.

- E o que eu pretendo fazer? - incitou Roger.

- Assegurar-se de que eu não cometerei nenhuma insanidade por

amor à sua filha.

- Insanidade é o que mais comete! - esbravejou Roger - A sua morte não mitigará o amor que o consome, porquanto, a sua companhia me será de grande valia, dado que eu não saiba empunhar uma espada com a mesma intrepidez dos oficiais.

- Por certo não saiba empunhar uma espada, contudo, os dizeres sabiamente emitidos me trazem a serenidade carecida - arrependido da sua conduta intempestiva, confortou Roger - Prometo que serei mais prudente com a minha vida, não me arrisco por querer, creio que eu nem pense nas consequências dos meus atos, apenas sigo a

Saint-Louis

dos Inválidos

intuição no anseio de que seja finalizada a tarefa que me foi outorgada pelo rei.

E assim, Roger se convenceu de que a maneira expressada por um dos oficiais do grupo havia sido exagerada, ainda que lhe servisse de advertência.

Embora a espiritualidade prestasse uma assistência silenciosa, dispensá-los seria um risco maior do que o já obtido.

Estariam ambos os homens dispostos a mudar, na entrega total das suas vidas a Deus sem mais oscilarem entre a fé e a dúvida?

- Precisamos reavaliar os nossos conceitos religiosos, nem mais ouvimos as orientações do irmão Marlon - sugeriu o oficial.

- Os acontecimentos por qual passamos acarretaram o nosso distanciamento do Senhor, e com isso, irmão Marlon emudeceu em respeito ao nosso livre-arbítrio, não tiro-lhe a razão - esclareceu num suspiro profundo - De vez em quando, sinto uma presença harmoniosa junto a mim, na garantia de que seja ele, zelando por nossas vidas.

- Não desconfio de tal hipótese! - exclamou o oficial em

concordância.

Roger recomendou o descanso, mas antes, dirigiu-se até um dos oficiais do grupo e como o prometido, passou-lhe o informe de que ao escrever uma carta de próprio punho na cidade que os abrigariam, todos os oficiais estariam livres do compromisso de segui-los.

139

Saint-Louis
dos Inválidos

140

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 22

A euforia do regresso fez com que o grupo de oficiais se levantasse antes do raiar do sol, percebendo a agitação do acampamento, Roger e o oficial Andre acordaram aos bocejos. Seguindo o trajeto proposto, após oito horas de cavalgada, chegaram à respectiva cidade.

- Onde estão os habitantes? Parece-me uma cidade fantasma! -
abismou-se Roger.

- Por certo fugiram dos inimigos deixando para trás uma vida inteira - desolou-se Andre.

O cenário exprimia a devastação de uma guerra, tudo havia sido incendiado, não restando um único patrício que lhes narrasse com

Saint-Louis

dos Inválidos

minudência a tragédia que os acometeu.

O desapontamento foi estampado em cada olhar, em cada semblante.

- Animem-se todos, este não é o fim! - bradou Roger na ânsia de que não esmorecessem.

- Nos animar para quê? Papel e tinta não serão encontrados em meio ao caos - proferiu o oficial do grupo que havia proseado com Roger.

Roger mirou o oficial Andre em súplicas de auxílio.

- Senhor Blanchard, a cidade foi incendiada, nada nos será útil.

- Tem razão! - admitiu cabisbaixo.

- Esperem! - o brado entusiástico do oficial Andre estupefou a todos - Permaneçam aqui!

- E para onde iríamos? - zombeteou Roger defronte o seu inusitado comportamento.

Intuído pelo espírito do irmão Marlon, o oficial vasculhou as moradias que se mantinham erguidas.

- Não vá para longe! - gritou Roger sem ser ouvido.

Minutos depois, o oficial juntou-se ao grupo com um sorriso escancarado em sua face.

Roger franziu a testa, ao imediatamente inquiri-lo.

- Por que o sorriso? O que traz em suas mãos?

Sem rodeios, o oficial jogou aos seus pés os pertences encontrados.

- O que eu farei com isso? - Roger persistiu na sua falta de entendimento.

- Escreverá ao rei! - notando a perturbação generalizada, tratou de se explicar - O retalho, provavelmente de uma toalha de mesa

Saint-Louis

dos Inválidos

substituirá o papel, já o carvão, substituirá a tinta.

- Eu nunca cogitaria a alteração dos elementos - Roger atordoou-se ainda mais.

Sem desperdiçar o tempo que lhes era demasiadamente precioso, Roger se pôs a escrever sobre o retalho de pano.

Rei Luís XIV.

As buscas por Madeleine Blanchard prosseguem, no entanto, em meio à guerra entorneço-me dos oficiais que abandonaram os seus lares, tomando a iniciativa de dispensá-los da missão que lhes foi designada.

Sou pai, fui o patriarca de uma família, portanto, não me perdoarei se algo lhes acontecer, mormente, aos seus entes queridos sem que estejam presentes.

Por favor, não tenha a minha decisão como uma revelia pessoal, eu e o oficial Andre Collet não descansaremos enquanto não localizarmos o paradeiro de minha filha.

Receba os oficiais em festejo, visto que a bravura desses homens tenha nos ofertado com a chance de continuarmos vivos.

- Senhor Blanchard, não conseguirá escrever tudo o que deseja - disse o oficial Andre.

- Quer apostar!?! - piscou Roger dando continuidade às suas escritas.

Anos foram perdidos em virtude da minha imprudência, contudo, se Madeleine estiver predestinada a uma vida religiosa, que se cumpra a vontade divina.

143

Saint-Louis

dos Inválidos

Ore para que a encontremos antes que o pior lhe aconteça.

Deus está comigo, está contigo, está com todos nós!

Cordialmente

Roger Blanchard

Por fim, a carta foi escrita, entregue ao oficial do grupo que se empenhou em obter o seu regresso junto aos companheiros, numa comovente despedida.

Assim como Roger, o oficial Andre sentiu-se aliviado com a partida do grupo, ainda que o perigo os rondasse, o temor de perder novas vidas como o ocorrido ao desaparecimento da jovem os preocupava.

Sozinhos, traçaram estratégias em análise dos territórios que não haviam sido vistoriados, suspeitando que Madeleine não fixasse a sua permanência num só local, forçada a seguir os inimigos do reino francês.

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 23

Roger e o oficial Andre mudaram os seus conceitos religiosos, não se deixando abater perante os obstáculos que objetivassem o fracasso da missão.

Um ano havia transcorrido desde a dispensa do grupo de oficiais. Por todas as provações arduamente suportadas e vencidas, Deus determinou que a hora da colheita havia chegado, e como recompensa, agraciou-lhes com a benção anelada.

Uma nova cidade serviria-lhes de refúgio, em busca de provimentos, visto que há tempos não se alimentassem.

Desventurosamente, os residentes passavam por um período de escassez, e mesmo assim, partilhavam o pouco que lhes sobravam

Saint-Louis

dos Inválidos

em solidariedade ao próximo.

- O que fazem em terras distantes? - interrogou um velho morador, em reconhecimento da farda real que Andre trajava.

- Por ordem real, procuramos por uma jovem - replicou o oficial em poucas palavras.

- Uma prisioneira de guerra? - precipitou-se o velho.

- A jovem não é uma prisioneira de guerra! - em depreciação da sua conduta, Roger deu-lhe às costas, porquanto, retornou ao repentinamente ouvir a sua declaração.

- Tempos atrás, uma jovem requisitou abrigo nesta cidade, as suas vestes estavam sujas e completamente rasgadas, os seus olhos denunciavam todo o horror de uma guerra sem que houvesse a necessidade de se expressar em meras palavras.

- E onde está essa jovem? - o coração de Roger disparou em exibição de um leve tremor.

- Leve-nos à sua presença! - clamou o oficial em idêntico tremor.

- Cavalheiros, a jovem em questão não está em meu poder, eu sou um homem solitário, não seria apropriado hospedá-la em minha

residência - esclareceu em imediata concordância - Sim, eu os levarei!

Em passos vagarosos, o velho senhor os encaminhou à casa de uma família respeitada na cidade, batendo na porta com a palma de uma das mãos para que fossem atendidos.

Sem delongas, uma senhora de cabelos loiros os recepcionou.

- Em que posso ajudá-los?

- Em nome do rei da França, esses cavalheiros procuram por uma jovem, receio que seja a mesma que abriga em sua residência - antecipou-se o velho.

Saint-Louis

dos Inválidos

Neste instante, o bebê da senhora iniciou um pranto compulsivo.

- O pobrezinho deve estar faminto! Entrem, e, por favor, não reparem na modéstia.

- Eu residi numa casa similar a esta, e creia, passei os melhores anos da minha vida junto aos que amei - a confissão de Roger arrancou um singelo sorriso da senhora que correndo ao socorro do filho, os deixou na companhia do velho a quem confiava plenamente, contudo, ele não permaneceu na residência, atento ao informe de que um carregamento abarrotado de provisões chegaria de uma cidade próxima que não havia sido abalada economicamente pela guerra, carecendo encontrar um objeto valioso que lhe servisse de moeda de troca.

No aguardo da senhora que alimentava o filho, Roger e o oficial sentaram-se num sofá.

Minutos se passaram, e com isso, a impaciência aumentava.

De repente, uma jovem adentrou à sala no intuito de colocar os pratos sobre a mesa para a refeição que tão logo seria servida.

Roger levantou-se de supetão, seguido pelo oficial, sem que a

reconhecessem em virtude de um lenço que encobria a sua cabeça, estando ela de costas, concentrada em seus afazeres.

- Senhorita! - chamou o oficial.

A jovem assustou-se, não tendo notado a presença dos dois homens na sala.

- Querida Mady! - bradou o pai em lágrimas - Estou aqui, eu nunca deixei de te procurar! Eu te amo, minha filha!

A jovem virou-se, e para o desapontamento de ambos, ela não era a quem procuravam.

- Desculpe-me! - enrubescou-se Roger fitando o oficial -

Saint-Louis

dos Inválidos

Fracassamos novamente!

No entanto, uma voz murmurou por detrás da jovem errada.

- Eu também te amo, meu pai!

Lágrimas de mesma intensidade foram derramadas por Madeleine que correu de encontro ao pai num abraço forte e caloroso, posteriormente ao feito, abraçou o oficial Andre que se manteve a uma ínfima distância, temendo à entrega do amor que gritava em seu peito.

- O que faz aqui? - indagou o pai.

- É uma longa história! - a jovem disfarçou o seu sofrimento num sorriso forçado.

Numa astuta percepção, Roger decidiu não pressioná-la para obter os informes desejados.

- Decerto, é a jovem procurada? - em retorno, inquiriu à senhora com o bebê nos braços.

- Sim, a jovem procurada é minha filha! - declarou Roger para o aprazimento da senhora que já nutria uma grande estima por Madeleine, conhecendo com meticulosidade o histórico que abalaria

as estruturas emocionais de qualquer pai.

- Senhora, não desejamos tomar o seu tempo! - Roger executou uma sutil aproximação - Trilhamos uma árdua jornada, e neste ínterim, nada nos sobrou, a não ser, a minha eterna gratidão por cuidar de Madeleine até a nossa chegada - acanhado, vasculhou os bolsos, sem a nada encontrar - Perdoe-me!

- Senhor, abrande o seu coração, Deus provê o nosso sustento diário - garantiu à senhora, juntando-se a outra jovem que era a sua filha.

Roger recebeu o aprendizado de que a verdadeira fé vence

Saint-Louis

dos Inválidos

barreiras, assim foi com Mady, não precisando entrar em luta corporal contra os inimigos para que ela fosse resgatada.

Por intermédio da emoção, as apresentações formais não foram realizadas.

Roger guardaria a imagem da bondosa senhora em seus pensamentos, clamando a Deus que abençoasse a sua família, assim como o velho morador que inesperadamente surgiu em seu caminho, ao indubitavelmente acreditar que por trás de tamanha benção, existisse a mão zelosa da espiritualidade.

Em despedida, Madeleine denotou a sua fragilidade em face da mulher que a acolheu no papel de mãe, postulando que transmitisse o seu agradecimento ao patriarca da família que na presente ocasião, se encontrava ausente, em decorrência do trabalho.

Roger e o oficial intencionaram o regresso imediato ao Palácio, levando às boas novas ao rei, mas antes disso, um longo percurso seria traçado, numa confissão que colocará à prova o futuro venturoso de Madeleine Blanchard.

Saint-Louis
dos Inválidos
150

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 24

O percurso de retorno ao Palácio de Versalhes sucedeu em meio às bombas lançadas e a invasão em massa dos inimigos, porquanto, a fé fortalecida os desviavam dos perigos.

Após dias de exaustiva cavalgada, os inimigos haviam dado trégua, proporcionando uma noite tranquila para que finalmente pai e filha pudessem discutir a respeito do acontecido.

O oficial Andre teimou na sua conduta de se manter distante da jovem amada, ainda que os olhares lançados fossem contínuos, notados por Roger que se compadecia da situação.

- Mady, desde o nosso reencontro não tivemos tempo para conversar, creio que esta seja a ocasião propícia - propôs Roger.

Saint-Louis

dos Inválidos

- Papai, já conversamos sobre o dia do meu sequestro, dói demais lembrar do assassinato da mãe e da vovó, igualmente aos oficiais que perderam bravamente as suas vidas a fim de me proteger - proferiu Mady, ao seguidamente rogar ao oficial que tremia a olhos vistos - Aproxime-se, somente a fogueira nos aquecerá da noite fria. O oficial fitou Roger que facultou o seu aval por via do gesticular positivo da sua cabeça.

- Por que o afastamento? - a pergunta da jovem surpreendeu o oficial.

- Eu imaginei que depois de tanto tempo a senhorita e o seu pai desejassem ficar a sós.

- Eu me refiro ao afastamento da minha pessoa - insistiu a jovem - Foi pelas palavras do nosso último encontro?

- Tiveram um encontro? - Roger arregalou os olhos boquiaberto.

- Desculpe-me pela mal colocação das palavras, eu quis dizer da nossa última conversa - a jovem baixou o olhar, nitidamente encabulada, recordando-se da rejeição de um amor que deveras era correspondido.

- Senhorita Madeleine existe algo que precise saber! - o oficial suspendeu a fala, fitando por mais uma vez Roger em atribuição de um novo aval - Não sei como abordar um assunto de extrema delicadeza, afinal, eu sou um oficial à serviço da Coroa, acostumado a lidar com homens bárbaros, talvez, eu também seja um.

- Discordo! - vociferou a jovem - O oficial sempre tratou a mim e a minha família com desmesurado respeito e apreço, um homem bárbaro não se utilizaria de tais cortesias.

- Mady tem razão! - bradou Roger dando-lhe a oportunidade de prosseguir.

Saint-Louis

dos Inválidos

O oficial Andre procurava pelas palavras certas, ainda que não existissem.

- Durante o período em que estive ausente, eu e o seu pai passamos por diversos apuros no fito de resgatá-la, suplicando o auxílio do rei, e para o nosso espanto, descobrimos que a senhorita não lhe servirá como a sua concubina, sendo este, um lamentável equívoco, em verdade, a senhorita servirá ao Pai Altíssimo como a sua... e receberá... - o oficial não se encorajou a falar.

- Continue, por favor, eu preciso saber! - implorou a jovem.

Atentando-se ao sofrimento que afligia o oficial, Roger finalizou.

- Servirá ao Pai Altíssimo como a sua esposa, e receberá os votos sagrados na intenção de se tornar uma freira.

Madeleine estarreceu-se, posto que desde a infância obtivesse o conhecimento através do irmão Marlon de que ela integraria uma vida religiosa de auxílio ao próximo em abnegação material e carnal, mas nunca cogitou em se tornar uma freira.

- Pensei que soubesse! - sensibilizou-se o pai defronte à sua reação perturbadora.

- Como saberia? - a jovem marejou os olhos.
- Irmão Marlon não confidenciou o seu destino? - indagou o oficial deixando-a sem ação.
- Perdoe-me por ter partilhado do nosso segredo, contei ao oficial o que ele necessitava saber para me auxiliar no seu resgate, sozinho, não conseguiria - justificou Roger.
- Papai, eu não me aborreço por ter partilhado do nosso segredo, apenas me surpreende o fato do oficial ter dado credibilidade às suas palavras - afirmou a jovem.
- Quando se ouve uma voz interior guiando-nos ao caminho da fé

Saint-Louis

dos Inválidos

sem que mais ninguém esteja ao nosso lado, a crença no invisível é atestada e consolidada, entretanto, eu o ouvi por duas vezes em situações de emergência, asseguro-me não possuir o dom espiritual de vocês, tampouco, o merecimento para prorrogar a comunicação, se o irmão Marlon se deixou ouvir foi meramente para salvá-la - declarou o oficial.

- Qualquer um pode prorrogar a comunicação sem que haja o dom espiritual, basta seguir as leis divinas do amor e solidariedade ao próximo que uma voz interior virá e um irmão de luz se manifestará, ouvido pela voz dos pensamentos sem que a sua presença seja notada - a enunciação convincente da jovem outorgou o entendimento carecido aos dois homens.

- Desconfio que isso tenha ocorrido com o rei Luís, por este motivo ele se empenhou na edificação de Saint-Louis dos Inválidos - não atinando a razão do seu esquecimento, Roger explanou resumidamente a construção que abrigava os inválidos de guerra, posto que a filha não soubesse dos pormenores.

Madeleine juntou as peças, ela não só prestaria assistência aos

inválidos, como se tornaria a freira que os acolheria e os direcionaria ao caminho da fé, na Casa do Senhor.

Dividida entre o amor e o cumprimento da missão, a jovem se pôs a chorar.

- Por que as lágrimas, terá uma vida abençoada? O que houve em sua ausência? Eu sou o seu pai, eu preciso me inteirar da verdade - diante do desespero apresentado, Roger temeu pressioná-la, presumindo que ao seu tempo a jovem deslindaria os eventos pregressos.

- Terá o nosso apoio! - embora denotasse a sua compaixão, as

Saint-Louis

dos Inválidos

palavras do oficial surtiram o efeito de uma punhalada no coração da jovem, que chorou ainda mais.

Mady correu para o lado oposto, deitando-se no chão, simulou o seu adormecimento para que não fosse importunada, preocupando-os em face da sua reação e omissão.

O que teria acontecido para Madeleine Blanchard se comportar dessa maneira?

155

Saint-Louis
dos Inválidos

156

Saint-Louis

dos Inválidos

Capítulo 25

Dias de cavalgada decorreram e nada da jovem Madeleine contar-lhes o sucedido.

- Amanhã chegaremos ao Palácio e a senhorita ficará defronte ao nosso rei - entristecido, o oficial Andre se rebelou - Se me ama, fuja comigo para bem longe!

A jovem o fitou numa tristeza ainda maior.

- Se o meu coração pudesse escolher, certamente, escolheria estar ao seu lado.

- E o que a impede de estar? - vendo-a baixar inibidamente o olhar, o oficial efetivou uma análise antecipada e equivocada dos acontecimentos - Admito que a escolha em Deus seja melhor do que o destino que eu estou disposto a lhe oferecer.

Saint-Louis

dos Inválidos

- A minha decisão não se fundamenta numa escolha, e sim, nos eventos fatidicamente ocorridos - o enunciar da jovem estremeceu não só o oficial, mas ao pai que realizava uma sutil aproximação.

- E que eventos foram estes? Madeleine Blanchard, eu exijo a verdade! - na pronúncia do nome completo, Roger dirigiu-se rispidamente à filha.

- Papai, não me force a contar a verdade que me assombra - clamou aos prantos.

- Não a julgaremos, se este é o seu temor! - asseverou o oficial na ânsia de ajudar.

- Deus já me julgou e me puniu, ainda que o irmão Marlon transmita-me o ensinamento de que o Pai não interfere nas ações dos homens em decorrência do livre-arbítrio que nos é concedido - quanto mais a jovem argumentava, mais apavorava os homens que tão somente, almejavam compreendê-la.

- Sem rodeios Madeleine! - bravejou o pai, não querendo protelar a conversa.

A jovem chorou novamente.

- Senhorita, desde que a reencontramos o que faz é somente derramar-se em lágrimas, eu não suporto vê-la assim - apiedou-se o oficial - Confie em nós, por favor!

- Eu confio! - atestou a jovem, afastando-se do pai que anelou ampará-la em seus braços - Papai, deixe-me narrar o sucedido, e se após, conjecturar que eu ainda seja merecedora do seu afeto, aceitarei o abraço.

Roger olhou embasbacadamente o oficial sem a nada proferir, na certeza de que a jovem teria passado por muitos dissabores, estando viva por obra do Senhor.

Saint-Louis

dos Inválidos

Madeleine respirou profundamente no anseio de buscar o ar que lhe faltava, e com isso, a coragem para deslindar a tragédia que se abateu sobre si.

- Posteriormente a batalha travada entre os oficiais que nos conduziriam à presença do rei, e ao assassinato covarde e brutal da mãe e da vovó, eu fui encaminhada à força pelos inimigos - a jovem Mady pausou, recordando-se da terrífica cena em que nada pôde fazer para salvá-las, ou meramente, remediar o sofrimento de ambas.

- Como o dito anterior, o Pai não interfere nas ações dos homens em decorrência do livre-arbítrio que nos é concedido - repetiu Roger no intento de asserenar a sua emoção.

Mady forçou uma expressão aprazível que não os convenceu, em continuidade.

- Passei por diversas cidades, amarrada e amordaçada, fui obrigada a presenciar a chacina dos meus compatriotas, até que um dia... - a jovem fitou-os com tanto pesar em seu coração que os fez lacrimejar antes mesmo de concluir a revelação - ...me forçaram abrir

mão da inocência que me cingia, perdi a minha castidade e à vista disso, a razão de viver, afastando-me de Deus e do irmão Marlon, incriminando-os pelo tenebrosidade que havia sucumbido a minha existência, aliás, eu já havia me afastado na ocasião em que assassinaram a mamãe e a vovó, trazendo à escuridão para junto de mim. Papai, eu juro ao senhor que lutei para que o meu corpo se mantivesse imaculado, mas não pude, eu era uma e os inimigos muitos.

Roger abraçou-a num misto de ternura e sofrimento, já o oficial denotou o seu furor num bravejar que os estarreceu.

Saint-Louis

dos Inválidos

- Vingarei a sua honra, um a um pagarão penosamente por tal afronta!

- Eu o proíbo! - contestou Madeleine - A vingança declarada se assemelhará a sua própria sentença de morte, por mais que eu deseje a justiça dos homens, não almejo carregar o fardo do seu infortúnio. Eu serei eternamente grata por seu gesto nobre e benevolente, porém, o mal já foi consumado e em meio a tantos inimigos do reino não localizará os responsáveis por minha desgraça - os dizeres da jovem eram sensatos, ainda que difíceis de serem aceitos.

- E como fugiu? - questionou o pai ansioso por mais detalhes.

- Cansada de presenciar tantas mortes, roguei ao Senhor que poupasse o nosso povoado, e numa entrega total, eu fugi enquanto os inimigos se embebedavam - enxugando as lágrimas, Madeleine sorriu ao falar da sua crença - Numa prece silenciosa, reencontrei-me com Deus, o seu amor me tocou e naquele instante eu soube que Ele nunca havia me desamparado, assim como o irmão Marlon que ressurgiu perante a mim por via de uma luz cintilante. Por livre escolha, distanciei-me da respectiva luz possibilitando a aproximação

das trevas. Ainda que as ações dos homens subjugassem-me ao horror da guerra, eu deveria ter persistido, por este motivo, eu lidarei de forma consciente com as consequências dos meus atos. Deus é magnânimo, ainda que estejamos em nossos tormentos d'alma. Agora, se me derem licença, repousarei para que possamos avançar com a nossa cavalgada rumo ao Palácio de Versalhes - a jovem se retirou, chocando-os.

Madeleine parecia não temer a reação do rei mediante o anunciado, embora sofresse pelo mal que lhe havia sido ocasionado, a sua fé enaltecida ao Senhor era deveras, surpreendente.

Saint-Louis

dos Inválidos

Capítulo 26

Ambos os homens temiam tocar no assunto que arremeteria

Madeleine às lembranças de um passado extremamente doloroso.

Durante a cavalgada, o oficial se aproximou de Roger.

- O silêncio da senhorita Madeleine me preocupa!

- Mady sofre calada, ela sempre foi assim! - testificou o pai - Em sua infância, enunciava-me dizeres edificantes nos momentos de aflições, e até mesmo quando não tínhamos o que comer. De um modo especial, Madeleine contornava a situação arrancando-me um sorriso.

- Por certo, arrancará muito outros sorrisos! - disse o oficial notando a tristeza de Roger por meio do olhar vago e do semblante

Saint-Louis

dos Inválidos

fechado - Senhor, eu confesso temer a reação do rei.

- Eu temo pelo mesmo! - garantiu Roger lançando o seu olhar para a filha que cavalgava à uma pequena distância como se os evitasse.

- Creio que a omissão seja o sensato a se fazer - recomendou o oficial - Quando o rei Luís se inteirar da verdade, ele nos expulsará do Palácio.

- Crê que a omissão seja o sensato? - Roger arregalou os olhos - Mady não aceitará tal imposição, imagine só, uma servidão a Deus baseada na ausência dos fatos. Um desrespeito ao rei e uma profanação ao Pai Altíssimo.

- Desculpe-me, não ponderei as palavras ditas! - o oficial baixou a cabeça.

- Não há o que desculpar, a sua intenção de auxiliar não será esquecida - bradou Roger ao novamente lançar o olhar para a filha - Não compreendo de onde vem tanta força?

- Certamente de Deus! - o oficial piscou-lhe, adiantando-se na sua cavalgada.

Em análise, Roger convenceu-se do óbvio, Deus era a força que regia a jovem Madeleine.

- Duvidava disso, meu pai?

Mediante a interrogativa, Roger intuiu que o irmão Marlon o tivesse dedurado, e de fato dedurou, no anélito de integrá-lo definitivamente no caminho da fé sem mais desviar-se.

Roger disfarçou o sorriso, num agradecimento mental à espiritualidade.

- Vamos meu pai, ou ficará para trás! - vociferou a jovem indo em direção do oficial.

Saint-Louis

dos Inválidos

Roger juntou-se à filha, para o aprazimento do oficial que os tinha ao seu lado.

Numa cavalgada conjunta, finalizaram o percurso de retorno, deparando-se com o cenário típico de uma guerra, uma cidade em temor de um ataque inimigo, havendo saques entre si, na eminência de passarem por privações maiores do que as já existentes.

Defronte ao portão do Palácio, um dos oficiais que havia regressado com o grupo, liberou à passagem ao avistá-los.

Não demorou para que fossem anunciados ao rei Luís, que exigiu a imediata presença dos três na sala do trono, recepcionando-os com um largo sorriso no rosto.

A jovem reverenciou-o, num enunciar tímido.

- Alteza, perdoe os meus trajes, esse não é um modo apresentável para estar perante a ti.

- Seus trajes nada representam diante do venturoso destino que a espera - o rei não atinou à razão de vê-la baixar o olhar em enrubescimento, quando na realidade ele não havia dado atenção a tal particularidade - Presumo que o seu pai não tenha lhe contado

sobre o destino referido.

- Alteza, o meu pai contou-me tudo! - replicou Madeleine.

O rei mirou Roger e o oficial que semelhantemente à jovem, baixaram o olhar.

- O momento é de festejo, no entanto, evidencio a tristeza em seus semblantes - bravejou o rei sem entendimento - Eu ordeno que me relatem o acontecido!

- Alteza! - notando a falta de encorajamento, o oficial Andre iniciou o relato, contudo, foi interrompido.

- O povo alteza! O povo sofre nas ruas! - pronunciou-se a jovem

Saint-Louis
dos Inválidos
em alto tom.

Roger contemplou-a boquiaberto, receando que a verdade não seria exposta.

- É isso! - o rei sentiu um certo alívio - O povo tem o meu apoio, determinei aos soldados que distribuíssem provimentos aos necessitados, e quanto aos feridos, que os conduzissem a Saint-Louis dos Inválidos. A demanda é imensa, conquanto, os soldados darão conta! - a fim de animá-la, exprimiu em sua ingenuidade - Uma obra divina foi concretizada, uma catedral aguarda por seus préstimos, mas é claro, assim que receber os seus votos sagrados.

- Votos sagrados! - repetiu a jovem em súbito empalidecimento.

- Mady, conte-lhe o sucedido! - clamou o pai com os olhos marejados de lágrimas.

- Senhorita, a verdade deve prevalecer! - o oficial fitou-a com os olhos da compaixão.

- Não era sobre o povo que almejavam saber? - embraveceu-se o rei - Fazem-me de tolo!

- Perdoe-me alteza, a culpa é toda minha! - Roger receou que a

jovem Madeleine pagasse por sua insubordinação.

- A culpa é minha também! - arriscou-se o oficial.

- Parem de tentar me proteger! - a jovem Madeleine pronunciou-se em alto tom - Meu rei, não zombamos de ti, a preocupação com o povo é de fato real, agradeço o auxílio que lhes é estendido.

- Essa é a obrigação de um monarca, zelar pelo bem-estar do seu reino - declarou à espera de maiores esclarecimentos.

- Contudo, em meio à guerra nem tudo sai como o esperado! - a jovem buscava coragem para prosseguir, coragem recebida através dos fluídos benfazejos provenientes da palma das mãos do irmão

Saint-Louis

dos Inválidos

Marlon, que emudecido os acompanhava sem que pudesse interferir no livre-arbítrio dos presentes.

- Senhorita Madeleine, seja direta ao seu rei, eu estou ciente dos perigos enfrentados para estar em minha presença, portanto, não se amedronte e relate o que o seu coração deseja. Há tempos espero por este momento, a sua entrega a Deus não pode ser protelada - requisitou o rei no controle das emoções, por assim dizer, da sua zanga.

Sem escapatória a jovem foi direta ao assunto.

- Alteza, a minha castidade foi roubada pelas mãos inimigas.

Chocado por via do inesperado informe, o rei berrou, sem mais controlar-se.

- Retirem-se imediatamente daqui!

- Alteza, deixe-nos expor a natureza dos acontecimentos - postulou Roger.

- Isso é uma ordem, executem-na ou eu os jogarei na masmorra! -

a austeridade do rei fez com que os três saíssem às pressas da sala do trono.

- Para onde iremos? - afligiu-se à jovem.
- Regressaremos para a nossa antiga casa - propôs o pai.
- Pressuponho que essa não seja uma boa ideia, por certo foi invadida - advertiu o oficial - Sigam-me, eu tenho o local perfeito para abrigá-los!

Roger e a filha seguiram o oficial, ainda que o mesmo fizesse mistério do local sugerido, restando-nos saber se perante a reação colérica do rei, o futuro de Madeleine seria o inverso do predestinado por Deus?

Saint-Louis
dos Inválidos

166

Saint-Louis

dos Inválidos

Capítulo 27

Uma casa modesta foi o refúgio oferecido pelo oficial Andre.

- Reside aqui? - inquiriu a jovem observando ao seu redor algumas estatuetas religiosas e um crucifixo dependurado na parede.

- Resido no alojamento destinado aos oficiais da guarda real - disse Andre, apontando-lhe duas cadeiras para que ela e o pai se sentassem - Na verdade, trouxe-lhes aqui para conhecer um velho e sábio amigo, aguardem-me por um instante, eu o chamarei.

- Deveras, um velho amigo para deixá-lo invadir a sua casa - murmurou Roger à filha ao ser ouvido pelo oficial que retrucou.

- Eu não invadi, a casa pertence ao meu tio Charles Hubert - o enunciar do oficial inibiu Roger, em disfarce da vermelhidão da sua

Saint-Louis
dos Inválidos
tez.

Roger e a filha se encontravam apreensivos, não sabendo se o homem indicado daria-lhes abrigo, ou tão somente, apresentaria-lhes a porta da rua em temor ao rei.

Passados alguns minutos, o oficial voltou na companhia do tio, um homem de cinquenta anos de idade, estatura mediana, cabelos e olhos castanhos, excessivamente magro.

- Senhor Hubert, perdoe-nos por adentrar em sua residência sem sermos anunciados, eu e a minha filha carecemos de um abrigo, as ruas estão perigosas neste período conturbado da guerra - justificou-se Roger - Se desejar, sairemos agora mesmo!

- Ele sempre é assim? Tão impulsivo? - resmungou o homem ao oficial.

- Sempre! - respondeu o oficial no esboço de um sorriso.

- Ninguém sairá de minha residência! - bravejou o homem - Eu já esperava por vocês!

- Esperava por nós! - Madeleine mirou o pai boquiaberta, na suspeita equivocada de que houvesse a intromissão do irmão Marlon,

entretanto, tudo foi devidamente esclarecido.

- Senhor Blanchard, numa das visitas do meu sobrinho Andre, ele me relatou a tragédia que se abateu sobre a sua família, de antemão, faculto-lhes as minhas sinceras condolências, e há poucos instantes, outorgou-me um breve informe do sucedido na presença do rei, no mais, com a sua filha, a senhorita Madeleine, do qual eu lamento pelo infortúnio vivenciado - expressou-se Charles de voz tênue.

- Não assimilo a razão do oficial ter-lhe contado a desventura da minha família - o olhar de desaprovação de Roger estremeceu o oficial.

168

Saint-Louis

dos Inválidos

- Por favor, não o condene, Andre agiu com as melhores das intenções - Charles defendeu o sobrinho - Sou um homem temente a Deus, sigo com fervor a doutrina católica transmitida por meus finados pais, contudo...

- Prossiga, a sua declaração ajudará a senhorita Madeleine, ainda que isto a afaste de mim - solicitou o oficial suscitando o assombro na jovem.

Atendendo ao pedido do sobrinho, sob os olhares indagativos de pai e filha, Charles não relutou com o passado, e entre lágrimas, confidenciou.

- ...contudo, eu me tornaria um padre se não tivesse me apaixonado por uma mulher que me enfeitiçou e me abandonou, entre juras de amor eterno que nunca se concretizariam. Em minha leviandade e decepção, rebelei-me contra Deus, virando-lhe às costas, tornando-me um beberrão. No auge da minha decadência, reflexionei sobre a vida desperdiçada, sendo eu, o autor dos meus próprios atos, foi quando almejei o meu retorno à vida religiosa, clamando o perdão ao mesmo Deus que eu havia renegado, é claro

que Ele me perdoou. Eu sinto a sua presença no amor dadivado aos meus semelhantes, porém, não pude me perdoar, os anos se passaram e hoje eu me arrependo do bem maior que teria proporcionado em servidão direta ao Senhor Deus.

A confissão sensibilizou a todos, porquanto, a jovem manifestou a sua relutância.

- Não posso!

- Não pode ou não quer? - Charles a pressionou.

- A minha honra foi manchada, eu não sou digna de Deus, tampouco, de um casamento arranjado - Madeleine depreciou a si

Saint-Louis

dos Inválidos

mesma.

- Isto não é verdade! - o oficial a mirou com tanta brandura que a ruborizou - Perdoe-me senhorita, estou ciente da sua devoção ao Senhor, não serei eu a interferir na sua decisão.

- Infelizmente, eu não poderei corresponder ao amor que também infla em meu peito. A minha trajetória de vida foi predestinada pelo Senhor no instante da minha concepção, não posso ir contra os seus desígnios, espero que um dia possa me perdoar - sem pudor, a jovem derramou-se em lágrimas.

- Não há o que perdoar, creio piamente que Deus acalentará a dor que hoje nos sucumbe, transformando o amor nutrido num sentimento meramente fraternal - na realidade, o oficial não acreditava em tal possibilidade, sendo-lhe difícil a renúncia da jovem amada.

Roger pigarreou obtendo a atenção para si, na ânsia de que a filha se recuperasse do abalo emocional, igualmente ao oficial, por qual havia se afeiçoado.

- Existe um modo de atenuar o mal que foi ocasionado à senhorita

Madeleine? - na ânsia de ajudar, o oficial os estarreceu defronte ao seu interesse.

- Somente a purificação do seu corpo físico e espiritual - asseverou Charles.

- O rei conhece tal procedimento? - Roger suspendeu as sobrancelhas na desconfiança de que a purificação alegada não existisse.

- Se não conhece, ficará conhecendo! - Charles Hubert conferiu-lhe uma rápida piscadela - Ao amanhecer falarei pessoalmente com o rei.

170

Saint-Louis

dos Inválidos

- O rei o enxotará antes mesmo de ouvi-lo - bravejou o oficial diante da sua insegurança.

- É um risco que correrei! - garantiu Charles.

- Não permitirei que corra esse risco! - Mady se interpôs entre os homens que discutiam o seu destino, direcionando a fala ao senhor Hubert - Tempos atrás, rebelei-me contra Deus e somente ao entregar-me em suas mãos, eu me senti novamente abençoada. O desvio da sua fé não foi diferente do meu, imersos no desespero, trilhamos por caminhos tortuosos até nos encontrar, por isso, eu devo sozinha me reportar ao rei.

- Eu irei em seu lugar! - contestou Roger.

- Papai, desta vez eu desacatarei a sua autoridade, não me perdoarei se algo de ruim lhe acontecer - Mady beijou-lhe a fronte

- Eu já não me perdoou! - Roger expôs a sua dor - Eu me sinto extremamente culpado por não ter chegado há tempo de evitar o pior. Fui alertado por aquele nosso irmão para que me apressasse, mas não consegui. Fracassei como homem, sobretudo, fracassei como pai zeloso que deveria ser.

- Eu tenho parcela nesta culpa! - enunciou o oficial cabisbaixo.

Ciente de que o pai fizesse referência ao espírito do irmão

Marlon, a jovem comiserou-se de ambos os homens, na crença de que para toda ação exista um propósito que promoverá a evolução do ser, neste contexto, o desvio religioso colaborou para a tragédia, à vista disso, devemos sempre, em quaisquer circunstâncias das nossas vidas nos fortalecer na fé para que não sejamos alvos fáceis das energias malfazejas que tendem a nos enfraquecer, do mesmo modo, aos diversos espíritos que vagueiam na Esfera Terrena, na posse indevida dos nossos fluídos vitais.

Saint-Louis

dos Inválidos

Vigiemo-nos por meio das orações enaltecidas ao Senhor para que sejamos assiduamente amparados e merecedores das suas bênçãos.

- Não se culpem pelo acontecido, os meus algozes receberão a sentença que Deus imputar - Madeleine utilizou-se da razão, ainda que o emocional a dilacerasse.

- Iremos juntos! - sugeriu Charles - Deixemos que os esclarecimentos sobre a purificação sejam outorgados na presença do rei.

De comum acordo, embora curiosos, o trio aceitou a proposta.

Como um exímio anfitrião, Charles os acomodou em sua moradia sem o constrangimento da simplicidade atestada, nesta ocasião, histórias de enredos burlescos foram narradas, num entrosamento mútuo que contribuiria para o desanuviar dos pensamentos.

O dia se findaria na pacificidade ansiada, todavia, na expectativa do amanhecer seguinte.

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 28

Determinados, todos se levantaram cedo rumo ao Palácio de Versalhes.

À espera foi longa, o rei dormia e nenhum serviçal prontificou-se a acordá-lo, receando a sua zanga matinal.

Roger, Madeleine, Andre e Charles aguardaram pelo seu despertar no interior da cozinha real, onde puderam se alimentar com a fartura há tempos abdicada.

Passados três horas de absoluta apreensão, foram avisados por um dos criados que o rei os esperava na sala do trono, e sem hesitar, se dirigiram em passos rápidos à respectiva sala.

O rei os mirou embravecido pela importunação.

Saint-Louis

dos Inválidos

- Alteza, perdoe-nos pela insolência de regressarmos à sua soberana presença - curvou-se Roger numa ligeira reverência ao rei.

- Diga-me o que desejam sem bajulações? - inquiriu o rei, lançando o seu olhar inquisidor sobre Charles - Quem é o homem que os acompanha?

- Charles Hubert ao seu dispor! - em apresentação, reverenciou-se ao rei - Trago-lhe boas novas em relação à senhorita Madeleine Blanchard.

- Levante-se ou se manterá arqueado para sempre! - zombeteou o rei, notando o súbito enrubescimento de Charles.

- Meu rei, como o seu súdito leal, eu suplico, ouça o que Charles Hubert tem a lhe dizer - solicitou o oficial, ao também reverenciá-lo.

- Basta de formalidades! - esbravejou o rei - Tenho muito a ouvir, no entanto, a revelação se dará pelos lábios da senhorita Madeleine.

O rei pegou-os desprevenidamente, e sem escapatória, a jovem pronunciou-se cabisbaixa.

- Soberano, numa ocasião pregressa eu lhe confidencie a violência da qual fui submetida.

- Senhorita, eu não serei o seu algoz, portanto, olhe para mim enquanto fala - observando a relutância da jovem, o rei expressou a sua cordialidade - Despertei em perturbação mental, sobretudo, emocional, por isso, desculpo-me pela odiosa recepção na manhã de hoje - sem que obtivesse a resposta dos presentes, emendou uma fala na outra - Eu tive um sonho, e nele contemplei-a da forma predestinada por Deus, ingenuidade a minha acreditar que o mal acarretado à sua existência possa ser atenuado.

- E pode! - garantiu o oficial.

- Impossível! - duvidou o rei.

Saint-Louis

dos Inválidos

- Alteza, como o anteriormente rogado, ouça Charles Hubert -
persistiu o oficial.

Sentado em seu trono, o rei gesticulou à aproximação de Charles,
intimando-o.

- Fale-me o que sabe, ao término, ponderarei o que me será
benéfico!

Buscando coragem no Senhor, certo de que seria guiado por sua
sabedoria, misericórdia e benignidade, Charles explanou o que
parecia ser impossível, como o dito pelo próprio rei.

- Alteza, devemos purificar o mais rápido possível o corpo físico
e espiritual da senhorita Madeleine por meio da sua reclusão num
convento, em preces ininterruptas a Deus.

- Isso bastará? A castidade da jovem foi... - atinando o
encabulamento de Madeleine, o rei interrompeu a sua fala.

- Alteza, é fato de que os inimigos do reino invadam os conventos
ao desrespeitosamente se apoderar das mulheres que ali estão -
Charles lacrimejou perante a monstruosidade que não poderia ser
ocultada - Ainda assim, essas mulheres seguem as suas vidas em

enaltecida fé e devoção ao Senhor, independentemente do mal que lhes foi ocasionado ao corpo físico, o templo sagrado do nosso ser. Com base neste informe, reflita meu rei, por que julgaríamos a senhorita Madeleine por um agravante que não esteve ao seu poder de ser evitado?

O rei emudeceu por alguns instantes, em análise da realidade duramente vivenciada pelas mulheres devotas ao Senhor no período da guerra.

- Não há o que discordar! - por fim, o rei anunciou - Se existe a possibilidade da senhorita Madeleine se purificar, não me oporei a

Saint-Louis

dos Inválidos

sua reclusão - olhando fixamente para a jovem, o rei os espantou diante da escolha concedida - Desde que ordenei a sua presença perante a mim, eu quis perguntar o sentimento que advém do seu coração ao feito de postular a sua servidão a Deus na Catedral de Saint-Louis. Por favor, não tenha o meu convite como uma intimação, e sim, como uma proposta da qual possa ser recusada sem punições.

Emotiva, Madeleine ajoelhou-se à frente do rei, numa fala branda e pausada.

- Meu rei, ainda que me compelisse a sua aceitação, eu não me oporia, a minha servidão a Deus nada mais é do que um ato de amor, fé e esperança aos mais necessitados. Recebo de bom grado a chance que me é dada, no desejo fervoroso de não desapontá-lo. Eu sei que a minha decisão consternará quem eu mais amo, contudo, eu não fugirei do meu destino, na crença de que um dia ele entenderá que os planos de Deus são miraculosos ao mesmo tempo que indecifráveis.

- Ele entenderá? - o rei inquiriu a si mesmo, ao repentinamente captar os olhares trocados entre Madeleine e o oficial, lembrando-se

que tempos atrás ele havia negado o seu amor, por certo, uma mentira que não seria debatida em meio à dor sentida.

- Alteza, creio que tudo tenha sido esclarecido, permita a nossa retirada para que a minha filha seja imediatamente conduzida ao convento, onde receberá o amparo das freiras - Roger não disfarçou a sua angústia em face do sofrimento da filha, ajudando-a se levantar.

- Permissão consentida! - antes que saíssem, o rei proferiu em alto tom - Oficial, lamento profundamente pelo sucedido, nem sempre o que almejamos é o anuído por Deus.

O oficial Andre ruborizou-se na súbita recordação da mentira

Saint-Louis

dos Inválidos

contada, ainda mais, por ser cortesmente advertido e não severamente punido como seria o esperado.

Em agradecimento, o reverenciou no esboço de um singelo sorriso, seguindo os demais.

Sozinho, o rei clamou a Deus para que a reclusão da jovem Madeleine Blanchard não se prolongasse, visto que muitos dos seus homens agonizassem à espera do socorro.

177

Saint-Louis
dos Inválidos

178

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 29

Dois anos decorreram para que Madeleine pudesse se purificar. Neste período, a colaboração sigilosa do espírito do irmão Marlon havia sido crucial para a sua transformação interior, no anseio de perdoar àqueles que motivaram a sua desgraça, tolhendo-a de se tornar prisioneira dos próprios sentimentos.

O anúncio do seu regresso agitou o rei, no envio de um proclamador à pequena cidade em que a jovem residiu na sua infância para dar as boas novas ao povo carecido de amparo.

Ouçam todos!

Uma jovem escolhida pelo Senhor nos trará acalento ao coração.

Saint-Louis

dos Inválidos

O Rei Luís XIV ordena aos seus súditos que compareçam à recepção que se realizará na noite de hoje.

- Senhor, o rei ordena o nosso comparecimento, mas olhe para nós... para nossas vestes... - pronunciou-se uma senhora em meio à multidão.

Em constrangimento, o proclamador reparou nas vestes imundas que usavam.

- Minha senhora, o rei se compadece pela situação do seu povo, por isso, lhes oferece um banquete, independente das roupagens.

Todos conhecem a beneficência do nosso rei, sabem que se dependesse somente da sua vontade, a guerra se findaria e a fartura os cingiria como no passado. Na medida do possível, o rei os agracia com a distribuição dos grãos provindos de colônias distantes.

- E quando a guerra se findará para que possamos desfrutar da fartura referida? - inquiriu um rapazote não se recordando de ter vivenciado tempos de íntegra felicidade.

- Se findará quando os homens se conscientizarem de que a maior riqueza já conquistada seja a espiritual e não a material. Enquanto

isso não acontecer, guerrearão pela disputa do poder, sofrendo assim, as consequências penosas dos seus atos - ecoou uma voz.

- E quem é o senhor para nos ensinar o correto e o errado? -
interpelou o proclamador.

- Roger Blanchard, o pai da jovem escolhida! - todos os olhares se voltaram para si.

O proclamador temeu uma retaliação pessoal, que obviamente não sucederia.

- Perdoe-me senhor Blanchard, imaginei que o pai da jovem se

180

Saint-Louis

dos Inválidos

tratasse de um membro da realeza, eu não quis afrontá-lo.

- E se trata! - por trás de Roger, surgiu o oficial Andre - A guerra tirou-lhe tudo, portanto, não o julgue por sua aparência, esse homem possui uma bagagem de experiência que poucos suportariam passar.

O proclamador foi surpreendido com a exigência enfática de Roger.

- Nos leve à presença do rei Luís! - por conseguinte, com a voz embargada pela emoção - Sinto saudades de Madeleine!

- Todos nós sentimos! - garantiu Charles que até o momento se manteve calado.

- Certamente que eu os levarei, porém, a jovem só chegará ao Palácio ao cair da noite.

O comunicado do proclamador desolou Roger, um pai que havia sido impossibilitado de visitar a filha no convento, indo periodicamente ao Palácio no aguardo do seu retorno.

- Senhor Blanchard, anime-se, logo a reencontrará no almejo de abrandar a saudade que o sufoca - proferiu Charles, fitando o olhar entristecido do oficial, numa aproximação sutil - Não a tirou do seu

coração, não é mesmo?

- Eu bem que tentei, mas não consegui! - declarou de olhos baixos.

- A senhorita Madeleine recebeu os seus votos sagrados e retornará como uma freira, não haverá uma chance sequer para o amor que o consome - foram duras as palavras de Charles, ainda que imprescindíveis.

- Meu tio, o amor renunciado não me tirou o juízo, dou a minha palavra que não forçarei um colóquio amoroso entre nós - assegurou o oficial em respeito à decisão da jovem Mady, e, principalmente, em

Saint-Louis

dos Inválidos

respeito a Deus.

Charles se afastou para que Roger não desconfiasse da conversa, contudo, havia sido em vão, Roger não era tolo, apercebendo em cada gesto, em cada fala, em cada olhar, o amor nutrido e nunca abdicado do oficial por sua filha, como se a sua ausência o intensificasse.

Atentando-se ao proclamador, Roger o acompanhou em seu regresso ao Palácio, convicto de que passaria por uma espera angustiante, uma vez que o dia se iniciasse.

Contando com a lealdade dos amigos, sentiu-se seguro, entretanto, não se descuidaria do oficial, temendo uma recaída emocional em seu reencontro com a filha, tendo em vista que o inverso também pudesse acontecer.

Madeleine Blanchard estaria fortalecida ao ponto de não mais sentir o amor que arrebatou o seu coração?

E quanto ao oficial Andre Collet, estaria disposto a abandonar o seu único e grande amor para uma vida devota a Deus, como o anteriormente afirmado?

Incertezas que comprometeriam o destino de Saint-Louis dos
Inválidos.

182

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 30

A agitação no Palácio foi imensa, criados e cozinheiros agilizavam-se em seus afazeres.

Ficou estabelecido que Roger, Charles e o oficial aguardariam à chegada da jovem num recinto indicado pelo proclamador, no anseio de que o rei não se enfurecesse perante a sua conduta de não consultá-lo.

O dia transcorreu vagarosamente, aumentando a expectativa dos três homens.

- Desse modo gastará o solado do seu calçado! - disse Roger, diante do andar ininterrupto do oficial.

- Peço-lhe desculpas, o confinamento me perturba! - retrucou ao

Saint-Louis

dos Inválidos

imediatamente se sentar, a fim de camuflar o amor que inflava em seu peito.

- Somente o confinamento que o perturba? - incitou Roger.

- Perturbados estamos todos! - Charles partiu em defesa do sobrinho.

Roger não apreciou a intromissão de Charles, interrogando o oficial de forma objetiva.

- Desde o anunciado do proclamador constatei a sua súbita mudança de comportamento, portanto, diga-me com sinceridade, o que ainda sente por minha filha?

O oficial foi acometido por uma tosse intensa, sem argumentos a serem esclarecidos.

- Estou esperando? - persistiu Roger, ao novamente ser interrompido.

Batidas foram conferidas na porta, e antes que atribuíssem o aval para que adentrasse, um criado surgiu à mando do proclamador.

- Senhores, a recepção se iniciou!

- Madeleine chegou? - indagou o pai euforicamente.

- Lamento senhor! - após lhe outorgar uma resposta negativa, os conduziu à sala do trono, local onde seria confraternizada à recepção.

Emudecidos e visivelmente nervosos, depararam-se com uma boa parte do povo, e pelos semblantes, presenças miseráveis que desagradavam aos nobres.

Misturando-se em meio à plebe que ingeria ensandecidamente o banquete oferecido pelo rei, posicionaram-se ao lado do trono, presumindo que este seria um lugar de destaque.

Horas se passaram, enfim, o rei compareceu à recepção de braços dados com a rainha.

Saint-Louis

dos Inválidos

Durante a sua caminhada ao trono, os contemplou sem a nada lhes dizer, sentando-se, por sua vez, a rainha assumiu o seu lugar, de pé, junto a si.

- Meu rei, onde está a minha filha? - Roger não conteve a sua ansiedade, reverenciando-o com os olhos marejados.

- Em breve a senhorita Madeleine chegará, enquanto isso, sirvam-se do meu banquete! - replicou o rei, erguendo um cálice de vinho no intuito de saudá-los.

Deveras, a fome era excessiva, e de nada adiantaria recepcionar a jovem se não houvesse forças para se sustentar nas próprias pernas, e assim, os três homens saciaram-se perante à fartura exposta numa longa e interminável mesa.

Passadas duas horas, um oficial aproximou-se do rei, num informe que o fez se levantar e fervorosamente declamar.

Um instante de atenção!

O momento tão esperado chegou, que todos recebam com a pureza de vossos corações a jovem que prestará assistência aos nossos enfermos.

A escolhida por Deus.

Madeleine Blanchard, a freira de Saint-Louis dos Inválidos.

Em sua entrada, murmurinhos se iniciaram.

Madeleine se encaminhou à presença do rei, em sua modéstia o reverenciou, igualmente à rainha que lhe sorriu.

Sem protelar o reencontro, o rei anuiu a aproximação daqueles que lhe eram estimados.

Roger pranteou copiosamente, e numa ação impremeditada,

185

Saint-Louis

dos Inválidos

lançou-se de joelhos ao chão, não atinando o modo de agir defronte a filha.

- Papai levante-se, por favor, eu sou a mesma de antes, eu ainda sou a sua garotinha.

O enunciar da jovem amoleceu ainda mais o seu coração, enternecendo o próprio rei, em lágrimas que só foram apercebidas pela rainha.

Madeleine abraçou o pai com tanta ternura que o fez suspender o pranto, transformando a dor da sua ausência e toda a tragédia de outrora em alegria.

Charles recepcionou-a em comoção, lembrando-se com pesar dos erros que o tolheram de trilhar os mesmos caminhos da jovem, o caminho da devoção íntegra e direta ao Senhor.

Porquanto, a segurança do oficial com a relação à renúncia do seu amor pela jovem Mady foi abalada quando os seus olhos se encontraram.

Madeleine disfarçou o seu rubor, o amor que imaginou ter esquecido, batia fortemente em seu peito, um sentimento que não

poderia ser evitado, mas dada as circunstâncias, deveria ser anulado do seu coração.

- Irmão se aproxime e me conceda um caloroso abraço! - clamou a jovem ao oficial.

De olhos esbugalhados, o oficial engoliu a seco a saliva, não sendo estas as palavras que esperava ouvir em seu regresso, ainda que fosse orientado por seu tio a desistir do amor que tão somente o faria sofrer, em seu íntimo, sonhava com a fuga dos apaixonados. Efetivado o abraço, Madeleine constrangeu-se diante da mentira posicionada a si mesma, enganando-os em face da sua encenação,

Saint-Louis

dos Inválidos

exceto o pai que conhecia melhor do que ninguém as artimanhas do seu coração.

Sem causar alarde, Roger encaminhou-a para junto do rei, tencionando o seu afastamento do oficial, temendo que a fúria de Deus recaísse sobre os jovens.

187

Saint-Louis
dos Inválidos

188

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 31

O rei Luís anunciou que na manhã seguinte a jovem freira iniciaria os seus préstimos na Catedral de Saint-Louis dos Inválidos, encerrando à recepção antes do tempo previsto.

O povo rogou que levassem a comida aos entes que não puderam comparecer em virtude da condição física que os debilitava, e na ânsia de que não houvesse desperdícios em tempos de guerra, a solicitação foi imediatamente aceita para o assombro dos nobres.

A prosa entre o rei e a jovem surtiu sem a troca de informes religiosos, anelando que todo esclarecimento se desse no interior da catedral.

Saint-Louis

dos Inválidos

Em despedida, o rei foi o primeiro a se retirar da sala do trono, seguido por sua rainha.

Charles Hubert convidou a jovem para que se hospedasse em sua residência, no entanto, o rei já havia preparado o seu aposento.

Numa recusa dolorosa, Mady lacrimejou, posto que ela desejasse ficar ao lado do seu pai.

- Minha filha, não se aflija, se esta foi uma exigência do rei, cumpra-a para que não haja desentendimentos, tampouco, punições -
Roger beijou-lhe a testa.

Embora nutrisse o mesmo desejo da filha, sentiu-se parcialmente aliviado em não abrigá-la na residência de Charles, onde ele e o oficial domiciliavam desde a sua partida.

Uma nova despedida foi atribuída, desta vez, entre Roger, Madeleine, Charles e o oficial, na promessa de que regressariam na manhã seguinte.

Madeleine foi escoltada por quatro oficiais até o seu aposento, dois na frente e dois atrás, ainda que achasse um feito desnecessário, nada comentou, dado que a ordem havia partido do próprio rei como

se ela representasse o seu bem mais precioso, e na realidade era.

- Ficaremos de prontidão! - notificou um dos oficiais,

posicionando-se do lado externo do aposento, assim como os demais.

A sós, Madeleine contemplou boquiaberta a suntuosidade

oferecida pelo rei, defronte a si, se deparou com a sua única

bagagem, dado que na posição adotada, não precisaria de muitas

vestimentas, a vaidade reverteu-se em completa simplicidade,

contudo, a sua formosura não careceria de ornamentos para ser

apreciada.

Preparando-se para dormir, realizou as suas orações, ao término,

Saint-Louis

dos Inválidos

acomodada em seu leito, fechou os olhos, ao repentinamente ouvir o pronunciar ríspido do irmão Marlon.

- Madeleine Blanchard não ouse profanar o Pai Altíssimo!

De sobressalto, a jovem se levantou à procura do espírito que lhe falava.

- Eu nunca o profanaria! - Madeleine sentiu as batidas descompassadas do seu coração.

- Não minta para mim, eu sinto o seu pavor! - insistiu o irmão Marlon.

Pega em flagrante, a jovem derramou-se em lágrimas, numa confissão soluçante.

- Perdoe-me, eu não desejei sentir o que a razão se recusa a aceitar. O amor nutrido pelo oficial não foi planejado, em minha reclusão, acreditei piamente que não mais o amava, e ao reencontrá-lo tudo mudou. Eu me encontro perdida entre o desejo que entontece o meu ser e a servidão que engrandece a minha alma.

Comiserando-se da jovem a quem deveria guiar e instruir, lamuriou-se.

- Durante anos eu a aconselhei, chegando à triste conclusão de que os meus ensinamentos não foram sabiamente compreendidos. Eu falhei contigo! Eu falhei com o Senhor!

- Irmão Marlon, por favor, não carregue o fardo dos meus erros, os seus ensinamentos me ajudaram na aceitação de um passado trágico - assegurou a jovem.

- Lamentável não ter realizado a mesma façanha no presente - penalizou-se o irmão.

- Eu mudarei! Eu prometo! O irmão me ajudou no passado, portanto, me ajude agora, em minha servidão a Deus sem o remorso

Saint-Louis

dos Inválidos

de uma ação contrária aos votos recebidos - forçando o olhar, a jovem visualizou a presença do irmão cabisbaixo - Levante o seu olhar, não me faça sentir a mais desprezível das criaturas.

Por fim, o irmão fitou-a com apreço numa dilucidação surpreendente.

- Não se deprecie por amar um ser semelhante, o que lhe faltou foi uma mera instrução. Creio que eu tenha exigido o seu comprometimento com Deus sem antes atender as súplicas do seu coração em desrespeito ao livre-arbítrio proposto. Uma falha inadmissível! - notando o aturdimento da jovem, explanou de forma objetiva - Madeleine está livre para vivenciar o amor, se assim o desejar!

- Autoriza-me amar o oficial em renúncia a Deus? - inquiriu-o perplexamente.

- Deus lhe designou uma missão, mas nunca impôs a sua vontade, o abandono dos seus votos não será visto como uma renúncia ao Senhor, eu sempre me calei em respeito as suas escolhas, sem nunca clarear os seus pensamentos, sendo esta a falha referida -

a tristeza das suas palavras não foram captadas pela jovem, particularmente, em sua declaração final - É livre para seguir o caminho escolhido!

- Sou livre para amar! - bradou Madeleine numa alegria que desagradou o irmão, sem que o mesmo se pronunciasse a respeito.

O espírito do irmão Marlon partiu em retorno ao Plano Espiritual sem que a sua ausência fosse reparada pela jovem que devaneava com um futuro promissor junto ao oficial Andre, conscientizando-se de que a sua abdicação à vida religiosa encolerizaria ao rei e a todos que aguardavam ansiosamente por seus préstimos na Catedral de

Saint-Louis

dos Inválidos

Saint-Louis.

Exaurida, Madeleine adormeceu sem pressagiar as reviravoltas
que a vida lhe traria.

193

Saint-Louis
dos Inválidos

194

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 32

Madeleine Blanchard despertou com todos os seus pensamentos voltados no amado.

Ao abruptamente se levantar, achou-se indigna de colocar o hábito religioso, todavia, não havia outra roupagem em sua bagagem, trajando-o contraditoriamente a sua vontade.

O desjejum matinal foi servido por um criado em seu aposento, no comunicado de que ao término comparecesse à sala do trono, visto que o rei a aguardasse.

Em decorrência da sua aflição, a jovem desacatou a ordem real, dirigindo-se ao aposento do pai, aborrecendo-se com a presença dos oficiais que a seguiam.

Saint-Louis

dos Inválidos

Conferindo sutis batidas na porta, Roger pasmou-se diante do olhar perturbador da filha.

- Bom dia, papai! Deixe-me entrar, por favor, receio que tenha cometido a maior sandice da minha vida.

Esquecendo-se da formalidade de saudá-la perante o novo dia que se apresentava, Roger abriu passagem para que a filha adentrasse em seu aposento, requisitando aos oficiais que os deixassem a sós, encarregando-se de conduzi-la à sala do trono.

A jovem titubeou em sua fala, acovardando-se a narrar o diálogo travado com o espírito.

- Se não confiar em seu pai, em quem mais confiará? - indagou-a apreensivamente.

- Eu confio no senhor, no entanto, a minha confissão o decepcionará, assim como a todos que depositaram a esperança de um venturoso futuro sobre mim. Papai, não me condene, eu imploro!

- sem controle emocional, a jovem se pôs a chorar.

- Fala-me por enigmas! - Roger franziu a testa ao juntar das sobranceiras - O que fez para nos decepcionar?

- Eu ainda não fiz, mas farei! - garantiu em sua tentativa fracassada de segurar o pranto.

- Madeleine Blanchard, conte-me agora! - a determinação austera do pai a estremeceu.

- Abdicarei a minha vida religiosa na realização de um antigo desejo - temerosa, a jovem falou novamente por enigmas.

- Antigo desejo? Eu não a compreendo! Desde pequena impôs a sua vontade de auxiliar o próximo por intermédio de Deus. Fez-me crer na presença dos espíritos entre nós no intuito de nos guiar e nos orientar, sobretudo, fez-me ouvir com a voz do coração e a pureza

Saint-Louis

dos Inválidos

dos sentimentos o espírito iluminado do irmão Marlon, francamente Madeleine, eu não assimilo o seu falatório - embraveceu-se Roger.

- Por orientação desse mesmo espírito que escolhi o caminho tencionado - retrucou Mady.

- E que caminho seria esse? - interrogou-a perplexamente.

- O caminho do amor pelo oficial Andre Collet! - confidenciou segura de si.

- Isso é um despautério! O rei Luís a castigará por sua insubordinação, afinal, foi enviada ao convento na intenção de purificar o seu corpo físico e espiritual em servidão ao Senhor e não a um reles oficial. Se ambicionava um colóquio amoroso, que o fizesse antes de receber os seus votos sagrados - indignou-se o pai, mediante a sua afronta ao rei e ao próprio Deus.

- A purificação abriu caminhos para a consolidação do amor, portanto, não tema a reação do rei, ele não forçará a minha servidão - justificou-se em sua ingenuidade.

Convicto de que meras palavras não a fariam desistir, advertiu-a.

- Se almeja enfrentar o rei, aconselho a não citar o nome do

oficial para que ele não seja acusado de traição, e quanto a você, acautele-se com o que dirá, o rei não a forçará, contudo, não a deixará impune após a recepção fartamente oferecida aos súditos do reino. O respeito à sua pessoa prevalecerá a qualquer custo!

A jovem Madeleine chocou-se, dado que ela não havia ponderado com meticulosidade as consequências dos seus atos.

- Então, o que eu farei meu pai?

- Eu não sei como orientá-la! - de ímpeto, Roger pensou no irmão espiritual, não atinando à razão dele ter sugerido um colóquio amoroso entre o jovem casal, decorrente aos perigos por qual todos

Saint-Louis

dos Inválidos

havam passado.

Afastando-se com o pretexto de buscar um adereço para a sua vestimenta, rogou.

- Irmão Marlon, eu não compreendo os desígnios de Deus, por certo houve uma mudança de planos que não me foi permitido saber, talvez, essa seja uma prova de fé para que o meu espírito alcance a evolução carecida. Estou confuso, clareie os meus pensamentos, não sei o que dizer para a minha filha que espera de mim a solução dos seus problemas e o consolo do seu coração, mormente, não sei o que dizer ao rei que nos aguarda na sala do trono para que juntos possamos concretizar o prenúncio dos seus sonhos - nenhuma voz, nenhuma intuição lhe foi atribuída, conquanto, irmão Marlon se mantinha presente, ouvindo em lágrimas o seu desabafo emocional, proibido pelo Pai Altíssimo de se pronunciar.

A jovem receberia o mais difícil dos ensinamentos, não pelo fato de renunciar a sua vida religiosa, nem sequer, a sua servidão ao Senhor na Catedral de Saint-Louis, mas apenas para entender que a presença do irmão Marlon não havia sido casual, em tudo Deus

deposita as suas mãos para abençoar, sendo lamentável não notarmos as suas reais intenções em nosso cotidiano.

Fortes batidas foram conferidas na porta do aposento, desta vez, pelos oficiais que faziam a sentinela, na notificação de que o rei os aguardasse, colérico por meio da demora.

Ambos se encaminharam à sala do trono, cientes de que o anunciado não lhes propiciaria uma receptividade cordial.

198

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 33

Defronte ao rei Luís XIV, Madeleine denotou o súbito empalidecimento da sua face.

- Enfim, o grande dia chegou! - bradou o rei entusiasticamente sem a nada perceber.

Em reverência, saudaram-no em retribuição da amabilidade oferecida.

- Meu rei, eu preciso lhe falar - clamou Madeleine.

- Mais tarde, minha jovem, mais tarde! - respondeu sem apresentar interesse pelo dito.

- Alteza, eu presumo que seja de suma importância ouvi-la - interveio Roger.

Saint-Louis

dos Inválidos

- Em instantes uma comitiva partirá rumo à Catedral de Saint-Louis, deixemos a conversa para uma póstera ocasião, os nobres nos aguardam.

Antes que a jovem Madeleine insistisse em seus argumentos, o rei passou por ela como um vendaval, não lhe dando a chance de revelar a renúncia tencionada.

Roger aconselhou-a que seguisse o rei sem a nada declarar, pelo menos, no tempo em que sucederia a permanência de todos em Saint-Louis.

Sem escapatória, a jovem aceitou a sugestão do pai.

Os portões do Palácio de Versalhes se abriram, a contingência de oficiais era exorbitante, visando a proteção do rei e da sua comitiva.

Assim como o rei utilizava-se de uma luxuosa carruagem, o mesmo foi cedido à jovem e ao seu pai, porquanto, durante todo o percurso, Madeleine olhava ao seu redor.

- Procura por algo? - Roger retificou a sua pergunta - Procura por alguém?

- Sim, meu pai! - de olhos baixos, confirmou a jovem.

- O oficial Andre permaneceu no Palácio. Da última vez que o vi, ele participava de uma importante reunião a portas fechadas, creio que o motivo da sua ausência seja resultante das muitas estratégias militares - pressupôs Roger.

Enfatiza-se que ao regresso, Madeleine hospedou-se no Palácio por exigência do rei, um convite estendido ao pai que aceitou para que se mantivesse próximo da filha, fator este, que ocasionou o distanciamento de Charles e do oficial.

A tristeza envolveu a jovem, em lágrimas que continuamente se derramavam.

200

Saint-Louis

dos Inválidos

- Segure o pranto, o rei não apreciará as suas lágrimas perante aqueles que necessitam de amparo - recomendou Roger, sentindo-se em parte responsável por apoiá-la em sua infância, e agora, num sofrimento prorrogado e mutuamente partilhado.

Chegando à imensa e suntuosa Catedral de Saint-Louis dos Inválidos, os sentimentos que desolaram a jovem se tornaram mais intensos, homens das mais variadas idades e etnias se encontravam no aguardo de uma assistência, melhor dizendo, da sua assistência.

- Compreende a minha obstinação em trazê-la à Saint-Louis - o rei lacrimejou - Os meus homens sofrem por via de uma guerra que delongará o seu fim, eu imploro, ajude-os!

- Sim, eu os ajudarei! - Madeleine sensibilizou-se defronte as súplicas de um monarca.

Observando o afastamento do rei que se juntou aos nobres, Roger outorgou o seu parecer.

- Conscientize-se de que a sua conduta acarretará esperança na vida desses homens. Não prossiga com essa farsa, se pretende renunciar à sua vida religiosa, o faça agora!

- Eu não posso, meu pai! - a jovem retirou-se no anseio de realizar o que lhe foi ensinado no convento, nesta ocasião, a compaixão por seus semelhantes gritou alto em seu peito.

Mediante o esforço da jovem que o comprazia, o rei notou a reação adversa de Roger que consternadamente a fitava, não demorando a interrogá-lo.

- Não deveria se orgulhar? Afinal, a sua filha serve na Casa do Senhor.

- Alteza, é somente a comoção! - mentiu Roger.

- Não é a comoção que evidencio nos seus olhos, eu exijo a

Saint-Louis

dos Inválidos

verdade - postulou o rei numa fala moderada para que não alarmasse os demais.

- A verdade não virá dos meus lábios - asseverou Roger.

Repentinamente, o rei obteve a recordação de que pai e filha desejavam lhe falar na sala do trono, proferindo para que não houvesse desentendimentos no interior da catedral.

- O momento não é oportuno para discutirmos, em nosso regresso ao Palácio falaremos a respeito, infelizmente a senhorita Madeleine não participará da reunião.

- Perdoe-me a insolência, entretanto, poderia me informar o motivo, dado que o assunto a ser abordado deva partir unicamente de Madeleine - estranhou Roger.

- A senhorita Madeleine fixará moradia na Catedral de Saint-Louis, não se preocupe, ela não estará sozinha, outras freiras lhe farão companhia, assim como o padre Guillaume que detém autoridade máxima nesta Casa, sendo de minha íntegra confiança.

- Madeleine não foi avisada! - exclamou Roger em estremecimento.

- Eu me esqueci desse pormenor! - bradou o rei na convicção de que tudo não passasse de um mal-entendido - Senhor Blanchard, tranquilize-se, oficiais farão a segurança da catedral, os inimigos não a invadirão se esta é a sua única preocupação.

- Sim, esta é a minha única preocupação! - mentiu novamente.

Roger isolou-se, receando que os seus dizeres comprometessem a filha, num testemunho emudecido da alegria com que os enfermos recebiam a assistência da já intitulada freira de Saint-Louis dos Inválidos.

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 34

O rei anunciou a partida da comitiva antes que anoitecesse, em sua ingenuidade, a jovem Madeleine abandonou os afazeres no intento de se juntar ao pai, que em lágrimas revelou.

- Sinto muito, por determinação do rei fixará a sua moradia na catedral.

- Não aceitarei tal imposição, o rei precisa saber! - bravejou num súbito distanciamento.

Diante da sua temeridade, Roger alcançou-a, segurando-a firmemente pelo braço.

- Não cometa tal sandice, o rei está rodeado pela nobreza, a sua declaração suscitará uma afronta que será quitada com a morte.

Saint-Louis

dos Inválidos

- Está certo meu pai, eu nada direi! - prometeu a jovem.

Numa rápida despedida, Roger a deixou sob os cuidados do padre Guillaume, conquanto, algo em seu íntimo dizia que isto não bastaria, partindo em apreensão.

Cinco dias passaram, e a resposta que havia tirado o seu sossego seria outorgada pelo rei.

Roger que voltou a residir na casa de Charles foi intimado por dois oficiais que fariam a sua escolta até o Palácio de Versalhes, onde o rei o aguardava na sala do trono.

Adentrando-a, Roger foi injustamente acusado.

- O que tem ensinado à sua filha? Ingratidão? Traição? Desamor ao próximo? - o rei não oportunizou a sua defesa, em continuidade -
É desse modo que me retribui o bem dadivado?

- O que Madeleine aprontou? - o assombro de Roger foi contemplado pelo rei, na certeza de que ele não fosse cúmplice da filha.

- A senhorita Madeleine fugiu, deixando uma carta junto aos pertences pessoais do padre Guillaume, da qual me foi entregue por

um mensageiro na manhã de hoje - notificou o rei.

- Alteza, perdoe a imprudência de Madeleine, ela é uma jovem extremamente sonhadora - Roger manifestou o seu nervosismo - Por favor, poupe-a de qualquer infortúnio, eu não me oporei à sentença que me for atribuída.

- Senhor Blanchard, não o sentenciarei pela conduta inapropriada da sua filha, contudo, gostaria de assimilar os motivos que acarretaram o abandono de Saint-Louis - minimizando o timbre da voz, o rei entregou-lhe a carta.

Num respiro profundo, Roger realizou uma leitura silenciosa.

Saint-Louis

dos Inválidos

Rei Luís XIV.

Com muito pesar escrevo-lhe o que se passa em meu coração.

Há tempos conjecturei que o meu destino se encontrasse na servidão ao Senhor, ainda que eu seja devota aos seus ensinamentos, tomei a decisão de abandonar à vida religiosa que me foi dadivada.

Não peço que compreenda a minha decisão, entretanto, peço que a respeite, visto que a servidão não possa ser forçada, e sim, voluntariamente oferecida.

Rogo ao Senhor que o abençoe pela edificação da Catedral de Saint-Louis dos Inválidos, local onde eu pude atestar o conforto dos enfermos perante ao caos de uma guerra.

Perdoe-me por não firmar a minha permanência em Saint-Louis, presumindo que a minha renúncia denote um lamentável engano, por certo eu não seja a escolhida.

Meu rei, assegure-se de que eu não o afronte, somente desejo conduzir a minha vida na plenitude de um amor.

Respeitosamente

Madeleine Blanchard

As palavras em destaque foram rasuradas pela jovem, sem tempo de reescrever uma nova carta, apressando-se na fuga antes que o padre Guillaume a flagrasse.

Ao findar da leitura, Roger constatou em alívio que a filha não havia relatado o seu amor pelo oficial, posto que tanto ele como o rei não haviam decifrado a rasura.

- Sinceramente, eu não sei o que dizer! - aturdiu-se Roger.

205

Saint-Louis

dos Inválidos

- Não diga nada, dessa forma, não se comprometerá! -

recomendou o rei.

- Alteza, o que fará com Madeleine? - Roger afligiu-se defronte à sua inopinada calma.

- Eu não decretarei as buscas por sua filha, se é isto o que deseja saber! - asseverou o rei - Agora, deixe-me a sós, preciso refletir no acontecido, mormente, preciso falar com Deus em minhas orações na esperança de ser novamente agraciado com o seu direcionamento.

- Alteza, antes de partir, solicito a sua permissão para procurar o oficial Andre Collet em seu alojamento, há tempos eu não o vejo e a saudade é imensa - na realidade, Roger queria saber se a filha o teria procurado.

- Então, não sabe!? O oficial partiu em missão de guerra! - comunicou o rei.

- Eu não tinha o conhecimento, decerto, o seu tio se surpreenderá

- replicou boquiaberto.

- Foi tudo repentino, uma importante província foi invadida pelos inimigos, ordenei a sua imediata partida em retomada, em breve o

oficial retornará com as boas novas.

- Assim espero! - Roger retirou-se às pressas.

Com o afastamento do oficial, onde estaria a sua filha?

206

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 35

Roger percorreu os corredores do Palácio cabisbaixo, todavia, um chamada o fez olhar ao seu entorno sem a nada visualizar.

- Papai, eu estou aqui! - a jovem Mady se escondia por detrás de uma pilastra.

- O que faz no Palácio? - Roger dividiu-se entre o contentamento do reencontro e o temor da descoberta.

- Alojiei-me entre os criados na certeza de que não seria encontrada pelo rei - esclareceu a jovem, em vestes similares aos dos próprios criados do Palácio.

- Tempos atrás recriminou-me por fugirmos e agora comete o mesmo desatino, pois saiba que a sua desprezível conduta poderia ter

Saint-Louis

dos Inválidos

me tirado a vida - Roger a repreendeu.

- Perdoe-me, o rei fez algo contra o senhor? Ele o ameaçou? -
angustiou-se a jovem.

- Por sorte, o rei denotou a sua misericórdia e benevolência -
suspirou em alívio - Minha filha, não se esconderá para sempre,
portanto, aconselho a procurá-lo, o meu instinto diz que nada de mal
lhe acontecerá.

- Eu o farei assim que encontrar o oficial Andre, desde que me
escondi no Palácio não o vi, procurei por todos os cantos e nada, eu
tive receio de que uma única pergunta sobre o seu paradeiro
levantasse suspeitas ao meu respeito - argumentou a jovem.

- Sinto em dizer... - Roger não teve alternativa, senão, contar-lhe a
verdade dita pelo rei - O oficial Andre partiu em missão de guerra.

- Então, eu aguardarei pelo seu regresso! - entonteceu-se a jovem
em face do anunciado.

- Não cometa mais uma insanidade por amor, o regresso do oficial
não possui um tempo estabelecido. Se delongará por dias, meses,
talvez anos.

Madeleine estremeceu-se em súbito empalidecimento, temendo uma vida solitária, distante do homem amado e distante da sua servidão ao Senhor.

- Por que não me procurou após a sua fuga? - Roger queria entender os seus motivos.

- Porque eu imaginei que o rei me procuraria na casa do senhor Hubert. Agora nada me restou, a precipitação arruinou-me - lamuriou-se em arrependimento, posto que o auxílio aos enfermos de Saint-Louis completasse a sua existência de uma forma misteriosa.

- Juntos encontraremos uma solução, entretanto, converse com o

Saint-Louis

dos Inválidos

rei! - persistiu o pai.

Num sorriso forçado, Madeleine concordou, e naquela mesma ocasião, se dirigiram à sala do trono, onde o rei permanecia absorto em pensamentos.

Após o anunciado, Roger entrou sozinho.

- O que faz aqui? Disse que precisava refletir no acontecido! - zangou-se o rei.

- Perdoe-me Alteza, a minha filha está aqui e deseja lhe falar.

Como pai, eu suplico a sua clemência e... - a sua fala foi interrompida pelo bradar autoritário do rei que se levantou do trono, caminhando em sua direção.

- Traga a senhorita Madeleine à minha presença!

Roger sentiu o bambear das pernas ao apressadamente buscar à filha.

Defronte a perplexidade do seu semblante, Madeleine adentrou à sala do trono de cabeça erguida e postura ereta, disposta a assumir as consequências dos seus atos.

O rei indignou-se ao contemplá-la em vestes comuns, em

disfarce, utilizou-se da postura de um monarca.

- Senhorita Madeleine, o seu desacato não ficará impune!

- Alteza, o senhor prometeu que nada faria! - Roger lançou-se de joelhos aos pés do rei.

- Prometi que eu não decretaria as buscas por sua filha, tampouco, o sentenciaria por sua conduta inapropriada - alegou o rei, fixando o olhar na jovem - A senhorita tem algo a dizer em sua defesa?

- A minha defesa foi manifestada por via de uma carta - respondeu Madeleine, ajudando o pai a se levantar.

- E não há nada a acrescentar? - insistiu o rei.

Saint-Louis

dos Inválidos

- Apenas as minhas sinceras desculpas! - desta vez, a jovem baixou o olhar.

Dirigindo a fala ao oficial que se mantinha à postos na sala do trono, ordenou.

- Encaminhe-a à masmorra!

- Alteza, eu imploro, leve-me em seu lugar! - rogou o pai aos prantos.

- Senhor Blanchard, o amor fraternal enobrece-o! - o rei agiu contra os seus princípios de pai, contudo, se não apresentasse a sua autoridade regente perante àqueles que assiduamente cobravam pela fuga da jovem, seria desrespeitado e achincalhado por todos.

- A fé me consolará! - sussurrou Madeleine ao pai - Por favor, não chore!

Em obediência, a jovem Mady foi escoltada pelo oficial até a masmorra sem discordar da sentença, julgando que esta fosse uma punição merecida, posto que desde a sua infância o rei lutasse para que ela o representasse na Casa do Senhor, sendo-lhe admissível tal decisão.

Sem atender ao apelo da filha, Roger derramou-se em lágrimas, interpelando o rei.

- Por quanto tempo confinará a minha filha na masmorra?

- Pelo tempo que considerar pertinente, agora, retire-se senhor Blanchard!

Roger acatou a sua determinação, temendo que novas intervenções prejudicassem à filha, no remorso de tê-la influenciado no diálogo com o rei, embora soubesse que a descoberta do seu paradeiro não tardaria a acontecer.

Saint-Louis

dos Inválidos

Capítulo 36

Dias se passaram e Madeleine permanecia na masmorra sem direito a visitas.

Certa manhã, o rei foi visitá-la, comovendo-se com a cena deparada, a jovem se mantinha de joelhos em oração.

Sem que a sua presença fosse notada, o rei pigarreou.

- Alteza, perdoe-me a distração! - espantou-se a jovem ao rapidamente se levantar.

- Surpreende-me a sua ação, cogitei que o abandono da sua fé fosse real.

- Abandonei à vida religiosa de uma freira e não o amor concedido a Deus - assegurou em apresentação de um leve rubor, dado que as suas vestimentas estivessem imundas e a sua aparência

Saint-Louis

dos Inválidos

nada agradável.

- Elucide-me antes que eu determine a sua libertação. Por que abandonou à vida religiosa, e por que abandonou os enfermos de Saint-Louis? - propôs o rei.

- Eu lhe enviei uma carta em teor explicativo, não tenho nada a declarar - a jovem Mady desviou o olhar, suscitando a desconfiança do rei

- Não estou convencido disso!

- O que o rei deseja que eu confesse? - inquiriu-o numa transpiração gélida.

- O amor ainda existente pelo oficial Andre! - o acerto fez com que a jovem desmaiasse.

Alarmado, o rei ordenou a soltura imediata da jovem Madeleine, sentindo a sua pulsação fraca, requisitou ao oficial encarregado que a conduzisse para um dos aposentos.

E assim foi feito, enquanto a jovem repousava, Roger foi chamado à mando do rei.

Esbaforido, adentrou à sala do trono.

- Alteza, onde está a minha filha?

- Bom dia, senhor Blanchard! - saudou o rei, não se aborrecendo perante a sua descortês conduta de não reverenciá-lo - A senhorita Madeleine recebeu o atendimento de um médico real e dorme profundamente. Um dos oficiais o conduzirá ao seu encontro!

- Alteza, antes que eu vá, me permita saber por que Madeleine desmaiou? A sua fraqueza seria decorrente da fome?

- Assevero-lhe que a senhorita Madeleine tenha recebido um ótimo tratamento durante o período do seu encarceramento, contudo, não se alimentou e não trocou de vestimentas por teimosia,

Saint-Louis

dos Inválidos

penitenciando a si mesma - o rei o fitou sisudamente e sem subterfúgios, revelou - Presumo que o emocional da sua filha tenha se esgotado no instante em que mencionei o seu possível amor pelo oficial Andre.

- Madeleine nunca se envolveu com o oficial Andre, o que ocorreu foram os devaneios de uma jovem sonhadora, tem a minha palavra - garantiu Roger.

- Não julgarei a conduta da sua filha por algo que... - o rei pausou a sua fala.

- Alteza, por favor, me diga? - amedrontou-se Roger.

- Por algo que nunca se concretizará - o rei marejou os olhos de lágrimas.

- E por que não se concretizará? Madeleine abdicou-se da sua vida religiosa, cumprindo a sentença que lhe foi imposta, sendo livre para realizar todos os seus sonhos - Roger recebeu a confirmação de uma suspeita - A não ser que o rei estabeleça uma nova determinação?

- Não se trata disso! - esbraveceu o rei - O desmaio da senhorita

Madeleine me fez recuar e clamar por sua presença para que pudesse interceder no meu lugar.

- E no que exatamente eu intercederia? - Roger suspendeu ambas as sobrancelhas.

- No pronunciamento de um trágico acontecimento, sem dúvidas, a senhorita Madeleine carecerá do amparo de um pai e não de um rei - reparando no seu tremor, apressou-se na declaração - Lamento ser o emissor de tal infortúnio, porém, o oficial Andre Collet perdeu a sua vida em combate. A França terá uma eterna gratidão por seus préstimos, o seu corpo será enviado à necrópole militar de Saint-

Saint-Louis

dos Inválidos

Louis, onde será sepultado com todas as honrarias.

O choque emocional fez com que Roger se lançasse ao chão.

- Eu não terei forças para contar, todos os sonhos de Madeleine foram desfeitos.

- Se almejar, eu estarei ao seu lado! - prontificou-se o rei em solidariedade.

- Eu também! - pronunciou-se o espírito do irmão Marlon sem ser ouvido.

Conquanto, Roger formulou em sua mente um questionamento que o alarmou.

- A renúncia de Madeleine de nada lhe serviu, seria este um castigo de Deus?

214

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 37

Sem tempo para se lamuriar, Roger seguiu com o rei até o aposento da jovem Madeleine, num soluçar incessante que a despertou.

Numa ação impremeditada, a jovem se levantou no anseio de conferir um forte abraço em seu pai, ao posteriormente esboçar um sorriso discreto para o rei no entendimento de que ela não havia guardado rancor.

- O rei concedeu-me a liberdade, vamos para casa! - Mady denotou a sua empolgação.

- Primeiramente nos ouça, minha filha! - Roger se expressou de olhos baixos.

Saint-Louis

dos Inválidos

- O que houve? Eu devo permanecer no Palácio? - afligiu-se a jovem.

- A senhorita está livre! - antecipou-se o rei, notando a hesitação de Roger.

- Então, do que se trata? - Madeleine lacrimejou antes que lhe fosse dado o triste informe.

- Se trata do oficial Andre - Roger inflou o peito de ar, encorajando-se a falar - Ele foi...

- O enclausuramento serviu-me de reflexão - Madeleine o interrompeu - Sábios conselhos me foram outorgados - Roger atinou que a citação fizesse referência ao irmão Marlon.

- Quem lhe outorgou tais conselhos? - desconfiado da sua sanidade mental, o rei franziu a testa - Seguramente, a falta de nutrientes em seu organismo a fizeste delirar!

- Alteza, com todo respeito, o senhor recebeu instruções por intermédio dos seus sonhos, por que eu não receberia conselhos por intermédio dos meus pensamentos? - inquiriu Mady.

O rei enrubescou-se, sem uma resposta plausível a lhe atribuir.

- Madeleine! - prosseguiu o pai - O oficial...

- Eu sei meu pai, o oficial Andre Collet descansa nos braços do Pai Altíssimo - declarou a jovem num controle emocional surpreendente.

- Como a senhorita poderia saber, se esteve confinada na masmorra? - pasmou-se o rei.

- Foi meramente uma intuição que acabou de ser confirmada! - disse Madeleine, certa de que se mencionasse o nome do espírito do irmão Marlon receberia uma nova punição, desta vez, pela prática herege.

Saint-Louis

dos Inválidos

Sem contradizê-la, o rei aceitou o seu esclarecimento.

- E como se sente, minha filha? - preocupou-se Roger diante do agravante.

- Papai, confesso ter derramado todas as lágrimas que pude, a perda de um ente estimado provoca uma cicatriz profunda em nossa alma - Roger concordou com a filha, recordando-se com pesar da esposa - Não negarei o meu intenso sofrimento pela morte do oficial, contudo, decidi traçar o caminho que me foi predestinado - mirando o rei, rogou em comoção - Se me for consentido, almejo retornar à Catedral de Saint-Louis, deveras, foram poucos os dias que estive em contato com os enfermos, todavia, sinto falta da assistência prestada.

- Cogita o seu retorno em virtude da morte do oficial Andre? - indignou-se o rei.

- Alteza, admito que o meu arrependimento tenha sido tardio, no entanto, a minha decisão já havia sido tomada antes mesmo de intuir o acontecido - confidenciou a jovem, sendo esta uma verdade que não poderia ser comprovada, apenas creditada por via das suas palavras.

- Confio na senhorita, portanto, tens o meu aval para retornar à Catedral de Saint-Louis - bradou o rei num contentamento que transbordava do seu ser - Darei as boas novas à rainha!

- Obrigado, meu rei! - no fito de reverenciá-lo, a jovem desequilibrou-se, sendo amparada pelo próprio rei que aconselhou-a.

- Volte ao seu leito e ingira os alimentos que estão dispostos naquela mesa, se intenciona o amparo ao próximo, necessita se restabelecer.

- Eu o farei imediatamente! - afirmou a jovem.

- De momento, a deixarei na companhia aprazível do seu pai,

Saint-Louis

dos Inválidos

assim que me for possível, organizarei uma nova comitiva que a conduzirá à Catedral. Estão livres para sair do Palácio, se assim o desejarem! - em meio à alegria, o rei notou o olhar entristecido da jovem - Se isto confortar o seu coração, o oficial Andre requisitou à sua participação na missão que lhe tirou a vida, segredando-me o seu amor pela senhorita.

- Não compreendo, se o oficial Andre me amava por que solicitou o seu distanciamento? E por que o rei confia-me isto? - atordoou-se a jovem.

- O oficial Andre se distanciou para que a senhorita pudesse trilhar o caminho do Senhor, segundo as suas palavras: “um privilégio dos escolhidos”; já eu confidencio o feito para que tenha a ciência de que realizará o seu último desejo em vida - sem mais, o rei se retirou.

Na presença do pai, Madeleine não disfarçou o sentimento contido em seu coração, ainda que Deus a consolasse, a lembrança do oficial era-lhe demasiadamente dolorosa.

Abraçando-a, Roger dispersou-se em pensamentos na ânsia de

assimilar o regresso da sua filha à vida religiosa, ao repentinamente ouvir uma confissão que o estremeceu.

- Poderíamos ter evitado todo o sofrimento por qual passamos!

218

Saint-Louis
dos Inválidos

Capítulo 38

Após se alimentar, a jovem voltou ao seu leito como o recomendado pelo rei.

Roger aguardou em apreensão o seu despertar no intuito de esclarecer o dito anterior.

Horas se passaram, por fim, Madeleine espreguiçou-se por entre os lençóis de seda.

- Algo lhe perturba? - a jovem espantou-se defronte o semblante carrancudo do pai.

- Descanse um pouco mais, não quero importuná-la com as minhas indagações! - replicou contraditoriamente a sua vontade.

- Papai, eu já descansei o suficiente e saiba que o senhor nunca

Saint-Louis

dos Inválidos

me importunou. Diga-me o que realmente se passa em seu coração? - incentivando-o a prosseguir, a jovem Madeleine estendeu as mãos no anseio de que o pai se aproximasse e se sentasse ao seu lado, e assim foi feito.

- Horas atrás, disse-me que poderíamos ter evitado todo o sofrimento por qual passamos, elucide-me o que eu fiz de errado para que uma tragédia se abatesse sobre a nossa família? Sinto-me extremamente culpado! - Roger baixou a cabeça num prantear silencioso.

Com as pontas dos dedos, Madeleine ergueu com sutilidade o queixo do pai no almejo de que ele a fitasse diretamente nos olhos.

- Se o senhor carregar o fardo de uma culpa, então saiba, que eu também carregarei!

- Mady, compreenda, eu fui o patriarca de uma família! - justificou-se Roger.

- E continua a ser! - bradou a jovem acariciando-lhe a face - Meu pai, erramos os dois!

- No que erramos? - persistiu Roger.

Na certeza de que o irmão Marlon os assistisse, a jovem encorajou-se a revelar.

- Defronte ao rei Luís, enunciei que durante o meu enclausuramento na masmorra sábios conselhos me foram outorgados, lembra-se disso? - recebendo a afirmativa do pai por via do gesticular positivo da sua cabeça, atribuiu continuidade a sua linha de raciocínio - Em minha infância, declarei a presença do irmão Marlon em nossas vidas, servindo-me de alicerce para que não viéssemos à sofrer, no entanto, em virtude das más interpretações, fizemos escolhas que propiciaram o nosso sofrimento.

220

Saint-Louis

dos Inválidos

- Diz do meu equívoco perante o rei? - inquiriu Roger.

- Acreditar que o rei me tornaria a sua concubina foi um deles! -

confirmou a jovem - Se não tivéssemos fugido, certamente

evitaríamos o pior.

- Já pensei nisso, por esse motivo sinto-me culpado! - confessou o

pai - A sua mãe e a sua avó foram assassinadas devido a minha falta

de entendimento e você, minha filha, teve a sua castidade violentada

- em padecimento, lágrimas rolaram por sua face - Perdoe-me por

não ter impedido a atrocidade cometida contra as mulheres da minha

vida.

- Deus determinou que a sua vida fosse poupada para que me

guiasse de encontro ao meu destino - de voz tênue, Madeleine o

confortava no esclarecimento dos fatos - O senhor agiu como um pai

zeloso, orgulho-me da sua dedicação, porquanto, erramos por não

termos dado ouvidos ao espírito do irmão Marlon que obstinou-se na

sua orientação de que deveríamos aceitar o convite do rei.

- Você era pequena, eu já havia tomado a decisão! - alegou no fito

de isentá-la da culpa.

- Papai, eu também realizei uma má interpretação, só que das palavras do irmão Marlon. Outrora ele me relatou que eu era livre para seguir o caminho escolhido, todavia, em minha rebeldia, pressupus que eu fosse livre para amar. Na realidade, ele se referia a minha decisão de servir ao Pai Altíssimo na Catedral de Saint-Louis e não a minha decisão de me entregar ao oficial Andre. De princípio, julguei que eu fosse a responsável por sua morte, entretanto, irmão Marlon me fez entender que a escolha havia sido dele, enfatizando, que em tempos de guerra, a sua existência terrena sucumbiria nas mãos dos inimigos. Deus tentou me livrar de um novo sofrimento,

Saint-Louis

dos Inválidos

porém, cega de amor, me perdi na fé, deixando-me levar pela emoção e por mais uma vez, não ouvi os conselhos do irmão Marlon, portanto, devemos nos abdicar da culpa que recai sobre nós. Mamãe e vovó foram os instrumentos do Senhor, eu nunca lhe contei, ambas lutaram bravamente por minha vida, ao serem covardemente assassinadas. Os inimigos do reino só me levaram à força porque escutaram a chegada de estranhos na gruta, presumidamente, do senhor e do oficial Andre. Referente a minha castidade, o sucedido foi independente da vontade de Deus, dado que Ele não interfira na escolha dos homens, assim como não interferiu na nossa.

Roger se recordou dos dizeres do irmão Marlon no instante da sua maior provação, num enunciar comovente.

- Eloíse e a senhora Florência foram os anjos da sua vida!

- Da nossa vida! - retificou a jovem, conferindo-lhe um forte e caloroso abraço.

Enfim, Madeleine Blanchard assimilou à presença do irmão espiritual em sua vida, livrá-la dos sofrimentos que não pertenciam a sua atual existência e evolução.

Desastrosamente, o espírito havia fracassado, sem nunca desistir da missão predestinada a jovem, portanto, devemos ouvir os nossos irmãos iluminados sem questioná-los, na crença de que eles nos conduzirão ao caminho da felicidade, em conformidade com o merecimento de cada um.

Com muito pesar, Roger se encarregou de transmitir o informe do falecimento do oficial Andre ao seu tio Charles que não expressou espanto, posto que muitas famílias de militares passassem pelo mesmo infortúnio.

Três dias após a dilucidação dos eventos que se abateram sobre a

Saint-Louis

dos Inválidos

família Blanchard, pai e filha seguiram com a comitiva rumo à Catedral de Saint-Louis dos Inválidos, onde a jovem freira reiniciaria a sua assistência aos enfermos, ou tão somente, aos necessitados de fé.

Na respectiva ocasião, o rei Luís XIV não disfarçou o seu contentamento perante a jovem que o representaria com nobreza durante a sua permanência no Palácio de Versalhes.

Entre lágrimas, Roger despediu-se da filha num misto de felicidade pela graça alcançada e desolação pelo afastamento, visto que a sua estadia na catedral não fosse autorizada pelo rei que teria outros planos para ele, o de reintegrá-lo entre os nobres frequentadores do seu Palácio, um feito que atenuaria a preocupação da jovem, na certeza de que o pai receberia o amparo carecido.

Roger aceitou a proposta do rei, contudo, em sua modéstia, estabeleceu-se na residência de Charles, um amigo que havia conquistado a sua confiança e lealdade.

Conquanto, as visitas contínuas de Roger à catedral alegravam a jovem Madeleine.

Durante a ausência do pai e descanso das suas obrigações, ainda que caritativas, a jovem freira dirigia-se à necrópole de Saint-Louis no intento de visitar o sepulcro do oficial Andre, onde também haviam sido sepultadas a sua mãe e avó em orações de enaltecimento aos seus espíritos.

Dentre as muitas freiras que prestaram assistência na Catedral Saint-Louis, Madeleine foi sem dúvidas à escolhida por Deus, a única capaz de curar dos males físicos e espirituais dos mais necessitados por via da energia benfazeja que emanava do seu ser, cingindo-se de uma ternura inexplicável que preenchia o vazio do

Saint-Louis
dos Inválidos
seu coração.

Irmão Marlon a guiou até o findar dos seus dias, por vezes, manifestava-se ao seu pedido, dado que ela havia mudado a sua conduta, escutando e seguindo os seus conselhos sem mais indagá-lo, ou tão somente, contrariá-lo.

Na época, a intitulada freira de Saint-Louis dos Inválidos, obteve adeptos ao Catolicismo, no entanto, ao transcorrer do tempo a sua passagem terrena foi esquecida.

Madeleine Blanchard desencarnou aos oitenta e oito anos de idade.

Na atualidade, encontra-se entre nós, os espíritos encarnados, no desempenho de alguns trabalhos voluntários.

A sua identidade será mantida no mais absoluto sigilo pela espiritualidade que a protege, em reconhecimento ao bem despretensiosamente proporcionado aos seus semelhantes.